

BRANCO E NEGRO



NA PRAIA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 18

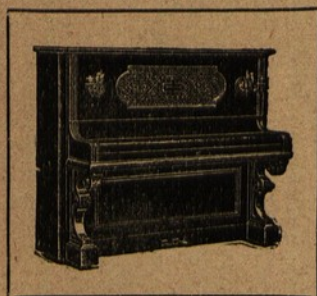


FOP.NECADOR DA CASA REAL.



FORNECEDOR DA CASA REAL.

L A M B E R T I N I



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÈRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	10100 réis	20200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	10300 "	20600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	10050 réis	20100 réis	40200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 18

LISBOA, 2 DE AGOSTO DE 1896

1.º ANNO

VIAGENS NO ESTRANGEIRO

I

PARIS



UM RECANTO DO LUXEMBURGO — (Quadro de A. Loureiro)

Esse canto de Paris, cheio de fresca sombra, é o lugar predilecto das creanças que enxameiam as ruas, saltando á corda, correndo atraz dos arcos, sentadas umas n'areia, outras deitadas sobre a relva verde.

Por entre as arvores, as grandes toucas brancas das amas e o vestido comprido dos bebés destacam como grandes pombas, adejando a poucos metros do sólo; e entremeiando este gracil quadro, velhos de cabellos cõr de estrigas, sentados nos bancos, sorriem ás creancinhas que volteiam como pequenos diabretes, soltando gritos, dando gargalhadas estridulas a que responde o trillo da passarada no arvoredado.

Por este aspecto especial, o jardim do Luxemburgo abre na grande cidade ruidosa um parenthesis de completa tranquillidade e é, para o viajante que pisa pela primeira vez a hospitaleira terra franceza, motivo de grata diversão e pretexto de passar umas horas desprendido de tudo o que o rodeia, embebido na contemplação da alegria infantil que estala por entre as arvores em argentinas gargalhadas.

AS RIBAS DO MARNE

O Marne! Pouca gente, que tenha ido a França, terá deixado de visitar as margens d'este rio pittoresco, que, bordadas de chalets e restaurantes, erguem entre a verdura luxuriante um alegre grito de vida e movimento.

É no dorso das suas ondas azuladas umas vezes, outras amarelladas, que deslisam as canôas e as guias, rapidas e graciosas, graças ás quaes, ao domingo, os caixeiros vão retemperar os seus musculos; é nas suas margens que a parisiense ribeirinha e os amorosos pares vão passeiar os seus devaneios sentimentaes e contar ao mysterio das grandes arvores e da fresca sombra todos os seus segredos e toda a sua esperança.

Noisiel é um grupo de ilhas encantadoras e embalsamadas, onde o celebre Menier tem installadas as suas fabricas de chocolate. O parque do castello dos Menier, que começa na *chocolataria*, desce em pequenos socialcos verdejantes até ao Marne, e a vista espraia-se para além-rio até Chelles e até ao forte de Vaujours.

O Marne corre magestosamente diante do parque onde florescem os geranios vermelhos e os heliotropos



O MARNE, EM PETIT CHELLES

brancos que perfumam a athmosphera; depois, um pouco mais p'ra baixo, o rio separa-se em tres ou quatro canaes que se perdem no meio das verduras.

A vista descobre então perspectivas maravilhosas e surprehendentes. Um dos pontos mais bellos é, sem duvida, a passagem dos *Kroumirs*, tão melancolica, de inverno, quando as arvores sem folhas erguem os seus mil braços descarnados e violaceos para os céos de bruma, ou tão alegres, no verão, quando o sol sorri atravez dos ramos e lança beijos luminosos na agua.

No extremo das ilhas de Noisiel ha, sobretudo, um canto delicioso onde vão muitas vezes fazer as suas sés-tas os Robinsons Cruzoés que frequentam aquelles sitios. Este recanto foi baptisado pelos naturaes d'aquellas bandas com o nome de *Vacharding-club*.

Ao sahir das ilhas, o Marne espraia-se subitamente n'uma toalha de prata. Na margem esquerda, prados extensissimos, povoados de choupos, estendem-se em cabeços verdejantes até aos bosques que rodeiam o castello de M. Santerre; sulca os ao meio um caminho que leva até Champs, essa deliciosa aldeia perdida sob as grandes arvores.

Na margem direita *villas* enterradas em tuffos de rosas e de clematites, lançam nas verduras um tom vermelho de telha ou um tom azul d'ardosia; os pescadores á canna, immoveis e calmos á beira d'agua, destacam sobre aservas verdes da margem e formam uma ala d'honra desde o *Moinho queimado* até á ponte de Guernay.

Era uma curiosa e pittoresca construcção esse moinho Baviera destruido por um incendio e que completava a paisagem.

As novas edificações são mais confortaveis e mais fim de seculo; vieram as rodas de ferro forjado de um modelo americano. O *Moinho queimado* é o ponto onde se reúnem as familias que vão passeiar para aquellas bandas, *bras-dessus, bras-dessous*, e comer os deliciosos pasteis de Italia, á sombra das suas paredes esboroadas.



MARGENS DO MARNE — AS ILHAS DE NOISIEL, NO INVERNO

VIDA MUNDANA

CASAMENTO PRINCIPESCO



O príncipe Carlos da Dinamarca e a princesa Maud de Inglaterra

REALISOU-SE no dia 22 de julho em Buckingham Palace o matrimonio da princesa Maud de Galles, neta da rainha de Inglaterra com o príncipe Carlos da Dinamarca. A multidão, que se apinhava nos arredores da igreja, saudou entusiasticamente os noivos. As ruas percorridas pelo cortejo imperial estavam embandeiradas.

Desde que a bella Gytha, descendente da raça de Bior, o celebre heroe da Scandinavia, desposou Grödnine, o pae de Haroldo, é esta a nona vez que um casamento une as familias reaes da Grã-Bretanha e da Dinamarca. De ordinario, as garantias de felicidade conjugal deixam muito a desejar nos casamentos principescos, preparados pela diplomacia. D'esta vez, porém, não succede isso. O enlace da princesa Maud com o príncipe dinamarquez é um verdadeiro enlace de coração. A vontade dos dois noivos as razões de Estado.

Os paes do príncipe Carlos tinham projectado casar seu filho com a joven rainha Guilhermina da Hollanda, considerando esse casamento como uma garantia da independencia do reino hollandez e da paz da Europa. Por seu lado, os inglezes estavam convencidos de que a princesa Maud imitaria o exemplo de sua irmã a duqueza de Fife e de sua tia a marquiza de Lorne, que se limitaram a desposar dois nobres do Reino Unido, sem aspirar a enlaces principescos. Segundo uma opinião universalmente espalhada ao norte da Mancha, o príncipe de Galles estava disposto a dar, mais uma vez, o seu consentimento para uma união destinada a estreitar os laços que unem a familia real á aristocracia britannica.

Com effeito, o herdeiro da corôa de Inglaterra educou sempre as suas filhas como se ellas nunca devessem sair da sua patria. Coisa alguma n'essa educação se assemelha á que recebem as princezas allemãs, por exemplo, preparadas desde a mais tenra infancia para um dia receberem uma corôa de rainha ou de imperatriz. Os modestos soberanos da antiga confederação germanica não renunciaram ainda a um systema de ensino, que expõe as suas filhas, no futuro, a frequentes decepções.

Os príncipes de Galles, pelo contrario, quizeram sempre que os seus filhos fossem educados como pertencendo apenas a uma familia de lords. As pessoas que vivem junto da sua familia tiveram sempre prohibição expressa de dar aos dois jovens príncipes e ás tres princezinhas de Galles o tratamento de alteza real. Até á morte do duque de Clarence, os herdeiros da corôa de Inglaterra davam todos os annos, no castello de Sandringham, um baile aos seus rendeiros e um outro aos seus criados. N'esses bailes, a princesa Maud e as suas irmãs não se envergonhavam de dançar com os convidados a *giga* escossezã e outras danças nacionaes, que não são admittidas na côrte da rainha Victoria.

Os camponeses de Norfolk lembram-se ainda, com saudade, das excursões que as tres jovens princezas, acompanhadas por sua mãe, faziam diariamente pelas aldeias visinhas do castello, distribuindo laranjas ás creanças e

pacotes de chá aos *menages* muito pobres para ter esse luxo, indispensavel a todas as familias inglezas. De quando em quando, a carruagem real parava por ordem da princeza de Galles, para receber qualquer creança encontrada na estrada, que assim era conduzida, ao lado das netinhas da rainha Victoria, a casa de seus paes.

De volta ao castello, as tres jovens princezas eram entregues ás suas *institutrices*: miss Knollys, governante ingleza; mademoiselle Vauthier, professora de francez, e mademoiselle Noedel, professora de allemão, de bordados e de costura.

A lingua dinamarqueza foi-lhes ensinada pela propria princeza de Galles, que é, como se sabe, filha dos reis da Dinamarca.

A princeza Maud teve sempre uma grande predilecção pelo desenho, pela patinagem,— em que se exercitava



A cerimonia nupcial

no lago de Sandringham — pela dança, pela equitação e pelas caçadas. Um dos grandes divertimentos da formosa noiva do principe Carlos é tambem a sua visita diaria aos cães, aos gatos, aos passaros e aos animaes raros de toda a especie, creados nas dependencias do castello.

A princeza Maud paga tambem o seu tributo á moda: é uma bicycletista muito distincta, como sua irmã mais velha, a princeza Victoria.

Quando se pergunta aos bons camponeses dos arredores de Sandringham, qual das tres filhas do principe de Galles se parece mais com sua mãe, as opiniões dividem-se. Uns dizem que é a duqueza de Fife, outros optam pela princeza Victoria, mas é sempre a princeza Maud quem recebe maior numero de suffragios.

Com o seu lindo rosto oval, os seus cabellos castanhos escuros e os seus olhos negros e formosos, a noiva do principe Carlos da Dinamarca é o retrato vivo de sua mãe, que como se sabe, foi uma das princezas mais bellas da Europa e que, segundo diz o povo inglez, conserva o segredo da eterna formosura.

O Mendigo que se tornou Rei

UM rei morreu sem deixar herdeiro, e no testamento deu a corôa áquelle que, depois da sua morte, fosse o primeiro a entrar na cidade.

Um pobre mendigo com o fato a cahir aos pedaços, foi o primeiro que appareceu ás portas quando o rei exhalava o ultimo suspiro e foi coroado. Reinou algum tempo em paz; mas não tardou a sustentar guerras estrangeiras e intestinas; viu-se obrigado a dar batalhas, e perdeu uma parte dos seus estados.

No meio das suas tempestades, o pobre rei não tinha cessado de fluctuar entre o receio e a esperanza. Um dos seus antigos amigos, outr'ora companheiro da sua pobreza, tendo sabido da sua boa fortuna, foi visital e disse-lhe:

— Graças sejam dadas ao Deus incomparavel e todo poderoso que vos elevou a um tão alto gráu de gloria e de poder! Sob os seus auspicios a rosa tem perdido para vós os seus espinhos e os abrolhos tem se affastado de sob os vossos pes; o doce repouso succedeu a todos os revezes da fortuna.

— Ah! meu irmão, disse lhe o rei, em vez de dares graças a Deus, pede lhe antes para mim a coragem e a paciencia; lastimá me em vez de me felicitaes. No meu primeiro estado não soffria senão as minhas necessidades; hoje soffro as necessidades de cada um dos meus vassallos.

A VERDADEIRA PIEDADE

Na minha infancia eu era escrupulosissimo nas praticas da devoção, levantava me no meio da noite, estava muito tempo em vigilia, praticava a abstinencia com muita austeridade. Lembro-me que, certa noite, me sentei ao pé de meu pae e me puz a lêr attentamente o *Alcorão*, enquanto toda a familia dormia em volta de mim.

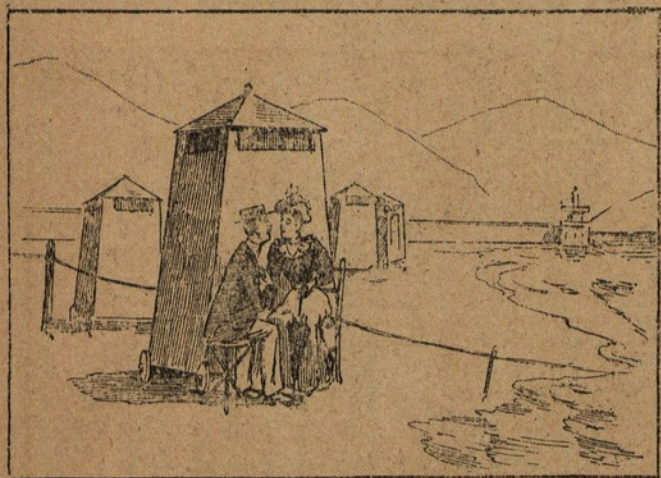
Não pude deixar de fazer notar isto a meu pae.

— Nenhum d'estes, disse, é capaz de se levantar para rezar. Todos dormem, como se estivessem já mortos.

— O' meu querido filho, respondeu-me meu pae, em vez de te occupares a notar os defeitos dos outros, valia mais que dormisses tambem.

(Do *Jardim das Rosas*, de Saadi, poeta persa).

Marés... d'Amor



ASYLO DOS CEGOS DE CASTELLO DE VIDE

(Concluido do numero anterior)



Primeiros exercicios gymnasticos

grimas romperam de quasi todos os olhos das pessoas que ouviram commovidas as palavras d'aquelle notavel orador.

Os cegos e as cegas cantaram então divinamente um *Libera me*, depois do qual foram transportados da urna, para o mausoleu, as ossadas dos instituidores.

Na occasião do encerramento d'essas venerandas cinzas, o padre Severino Diniz Porto, em um discurso, que a sua falta de saude, não permittiu que fosse longo, exaltou a obra do instituidor do asylo, dos seus continuadores.

E assim terminou esta imponente cerimonia.

*

Para commemorar a data de 20 de Julho de 1895 a direcção resolveu admitir mais um alumno cego, tutelado da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, mais um ceguinho, que vae encontrar n'aquelle asylo a felicidade, que nenhum outro estabelecimento do paiz, lhe poderia dar.

E resolveu ainda mais crear a aula de gymnastica. Para esse fim convidou o distincto professor de Lisboa, o sr. Alberto Cosmelli, que ali foi n'esse dia proposadamente offerecer um tratado especial d'aquelle ensino, ensino que ainda é mais util aos cegos, do que ás proprias creanças que teem vista.

Damos em gravura a photographia dos alumnos fazendo os seus primeiros exercicios gymnasticos.

*

Por todos estes factos a actual direcção é credora dos mais elevados encomios. Felicitamo la do fundo d'alma pela sua obra grandiosa!

O SYSTEMA BRAILLE

Como dissemos no nosso ultimo numero, o systema adoptado para o ensino dos cegos no Asylo de Castello de Vide é o systema Braille.

O systema Braille consiste em reproduzir em relevo o alphabeto de qualquer lingua, por meio de signaes convencionaes, compostos de um a seis pontos.

A Branco Rodrigues, seguiu-se-lhe o presidente da direcção do Asylo, o dr. Aniceto Xavier, que fez um eloquente discurso, no qual affirmou publicamente, que, se se prestava ao benemerito dr. Jusarte Sampaio aquella magestosa homenagem, esse facto era unicamente devido ao orador que o precedera e a quem, por isso, testemunhava o seu agradecimento.

Findos os discursos, deu entrada na igreja o funebre cortejo e a urna foi deposta, em uma eça que se elevava ao centro da igreja.

Cantou-se uma missa de *requiem*, cuja parte instrumental foi desempenhada pelos cegos.

Subiu então ao pulpito, o dr. José de Oliveira, distincto professor do seminario de Bragança, que em um brilhante discurso, enalteceu a obra grandiosa da instituição do asylo. Terminando, elogiou os trabalhos de Branco Rodrigues, como sendo o maior propulsor do ensino intellectual e profissional dos cegos no nosso paiz.

Foi tão eloquente, enthusiasinou de tal forma o selecto auditorio, que as la-



Severino Porto, Branco Rodrigues, Antonio Repenicado
Iniciadores do ensino intellectual e profissional dos cegos



1, Um typo de mulher — 2, A volta da missa — 3, Um revelim do castello — 4, A antiga povoação — 5, Um typo d'homem — 6, No castello (povoação antiga) — 7, Uma rua — 8, Venda de fructa — 9, Estatua de D. Pedro V e Camara Municipal

1. ^a LINHA	⠁	⠃	⠉	⠇	⠑	⠑	⠑	⠑	⠑	⠑
	a	b	c	d	e	f	g	h	i	j
2. ^a LINHA	⠋	⠋	⠋	⠋	⠋	⠋	⠋	⠋	⠋	⠋
	k	l	m	n	o	p	q	r	s	t
3. ^a LINHA	⠕	⠕	⠕	⠕	⠕	⠕	⠕	⠕	⠕	⠕
	u	v	x	y	z	ç	ê	à	è	ù
4. ^a LINHA	⠗	⠗	⠗	⠗	⠗	⠗	⠗	⠗	⠗	⠗
	â	ê	ı	ô	û	ê	ı	u	œ	w
5. ^a LINHA	⠠	⠠	⠠	⠠	⠠	⠠	⠠	⠠	⠠	⠠
	.	;	:	.	?	!	()	“	*	”

O auctor que era cego de nascença e professor do Instituto Nacional de Cegos de Paris, não ligou importancia á afinidade euphonica na formação dos signaes, e muito menos á similhaça d'esses signaes com o alphabeto romano. Pensou só na simplicidade da sua descoberta: dispoz o seu alphabeto em series de dez letras das quaes a primeira é radical das seguintes.

O mecanismo d'este alphabeto é simplicissimo, e todas as pessoas que o queiram aprender para o ensinar aos cegos ou para ler o que elles escreverem, podem fazel o com grande facilidade; tem sobre todos os outros caracteres que foram usados pelos cegos (dizemos que foram usados, porque hoje em dia o systema Braille é o unico adoptado em todas as escolas do mundo) a vantagem de poder ser escripto assás rapidamente, por meio de um punção e de uma pauta especial.

A musica a mais complicada, reproduzida por meio d'estes caracteres, occupa menos espaço que a dos videntes.

Dando a chave d'este systema indicâmos o meio de qualquer pessoa o aprender com a maior brevidade possível. Cada letra occupa o logar de seis pontos: a maior, o é, tem dois pontos na largura e tres na altura.

O alumno deve estudar a fundo as dez primeiras letras do alphabeto, a a j que estão collocadas na primeira linha.

Quando estiver bem familiarisado com as letras da primeira linha, passará para segunda serie de h a t, a qual não é mais do que a repetição da primeira, juntando-lhe um ponto á esquerda, por baixo da letra correspondente, que está sobreposta. Assim, d, torna-se em n; f torna-se em p.

Dois pontos collocados por baixo das dez primeiras letras formam a terceira serie, u a ú accentuado, de modo que de a forma-se u, de b forma-se v.

A quarta serie, de â a w, é igualmente identica a primeira, com um ponto a mais, á direita, assim de d se forma o ô.

A apostrophe é representada por um ponto collocado á esquerda na ultima linha; dois pontos horisontaes, tambem na ultima linha representam o traço de união.

Para a pontuação empregam-se as primeiras dez letras; mas em vez de occuparem a parte superior, estão collocadas na parte inferior da pauta. Assim a letra a transformar se-ha em uma virgula, o c em dois pontos o g em um parenthesis.

Este maravilhoso systema, inventado em 1829, é hoje o unico usado em todas as escolas de cegos da Europa, na America ingleza, no Mexico, no Brazil, na Australia, no Egypto e em quasi todos os institutos dos Estados Unidos da America.

A sua adoptação tem sido recommendada em todos os congressos europeus de professores de cegos, que se teem realisado desde 1878 até ao ultimo que se reuniu o anno passado em Munich.

Em Inglaterra onde eram usados os systemas inglezes Frere e Moon, que empregavam letras do alphabeto commum a cegos e a videntes, n'esse paiz tão cioso das suas descobertas e tão conservador de antigos processos, n'esse paiz onde havia já bibliothecas publicas gratuitas para uso dos cegos, formadas por livros impressos em systemas inglezes, n'esse paiz acabam de mandar imprimir de novo todas essas obras em caracteres do systema Braille, porque é o unico alphabeto que o cego pôde ler com facilidade e rapidez.

O CUBARITHMO — APPARELHO DE CALCULO PARA OS CEGOS

Os signaes que representam os algarismos são os mesmos que os que representam as dez primeiras letras do alphabeto.

O cego sabe que vae ler um algarismo ou um numero, quando encontra o signal . que se

chama numerico, e que precede immediatamente os signaes destinados a representar um ou mais algarismos.

Lembraremos que as dez primeiras letras do alphabeto Braille são compostas dos seguintes signaes, que representam igualmente os dez algarismos e que são formados por um a quatro pontos, situados nos quatro angulos de um quadrado perfeito.

⠁	⠃	⠉	⠇	⠑
a	b	c	d	e
⠋	⠋	⠋	⠋	⠋
1	2	3	4	5
⠕	⠕	⠕	⠕	⠕
f	g	h	i	j
⠗	⠗	⠗	⠗	⠗
6	7	8	9	0



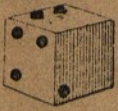
Fanfarra dos cegos

Assim os signaes $\cdot \cdot \cdot \cdot$ formam a palavra *bica*, mas se os fizermos preceder do signal numerico

$\cdot \cdot \cdot \cdot$ formarão o numero 2931.

Os seguintes signaes $\cdot \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot \cdot$ for-

marão o numero 93:708.



Mas, se é facil ao cego ler e escrever os algarismos, tem lhe porém, sido difficil fazer operações arithmeticas no papel, visto ser obrigado a escrever da direita para a esquerda e do lado do papel, contrario ao lado em que tem de ler, como os videntes da esquerda para a direita.

Imaginaram-se diferentes apparatus para os cegos fazerem as operações mathematicas, mas nenhum resolveu o problema de modo tão satisfatorio como o cubarithmo, inventado pelo sr. Martin, o eminente director do Instituto Nacional dos Cegos de Paris.

Este apparatus, pela sua engenhosa simplicidade e por ser barato, constitue o verdadeiro instrumento de calculo pratico para os cegos.

M. Mattei, professor cego do Instituto de Paris, imaginou collocar em relevo nas faces de um cubo os signaes necessarios para formar todos os algarismos.

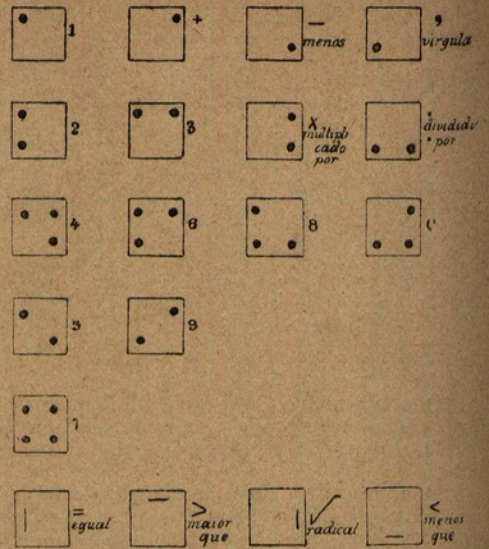
Foi esta idéa que o sr. Martin tornou pratica e o apparatus que os cegos hoje usam, foi estudado de forma que o seu funcionamento é certo e facil.

Imaginem os leitores uma caixa de madeira com a sua competente tampa, com a superficie de 13 centimetros por 18, dividida internamente por meio de laminas de metal, formando cento e cincoenta caixotins, dos quaes, dez estão collocados á largura e quinze ao comprimento. Sessenta d'estes caixotins são occupados por pequenos cubos de metal de typo, tendo cada um o tamanho de um dado de jogar, e tendo em relevo nas seis faces salientes os diversos signaes em pontos que representam os algarismos pelo systema Braille.

A parte principal da invenção consiste em que um só d'estes pequenos cubos pode apresentar, sob os dedos dos cegos, segundo a posição em que se colloca, dezenove combinações diferentes.

O quadro que apresentamos aos nossos leitores indica estas combinações, permitindo representar, além dos algarismos, os nove signaes mais usados em arithmetica.

Uma das faces do cubo tem um traço, n'um dos lados; este traço que tem o comprimento do intervallo que existe entre dois pontos, permite collocar-o na parte concava do fundo do caixotim, além d'isso segundo a orientação que se lhe dá, pôde apresentar quatro signaes arithmeticos diferentes.



Orchestra dos cegos

cubarithmo, a sua leveza, o numero de combinações a que se prestam os pequenos cubos, tão facéis de manejar, e, finalmente o seu preço pouco elevado são as vantagens d'esta maravilhosa invenção do illustre director do Instituto Nacional de Cegos de Paris.

A MAE DOS POBRES (1)

(Ao Ex.^{mo} Sr. João Diogo Insarte Sequeira Sameiro e Ex.^{ma} Sr.^a D. Helena Iqabel de Barros Castello Branco, instituidores do Asylo de Nossa Senhora da Esperança, de Castello de Vide)

Sabeis onde mora a mãe	Se alguém no mundo ficou	Que o recebe no seu regaço	Ella estende sobre os pobres
Dos desgraçados e pobres	Se n' o amparo de ninguém	Cheia da maior bondade	O seu vasto e branco véu
Que se ampara na desgraça ?	Levanta os olhos penosos	E sabeis como se chama ?	E o logar primeiro occupa
Dentro dos corações nobres !	E vê sorrir outra mãe.	O seu nome e caridade.	A' dextra de Deus no céu !

MANUEL DOS SANTOS MARQUES.

(1) Esta poesia foi composta e recitada por um cego no acto da trasladação dos ossos do instituidor do ensino dos cegos em Portugal.



FORTO — A PONTE D. LUIZ I, SOBRE O RIO DOURO — (Photographia da casa E. Biel & C.)*

MONSENHOR JACOBINI

MONSENHOR Dominique Jacobini que exerceu em Lisboa o alto cargo de nuncio de Sua Santidade, foi elevado á eminente dignidade cardinalicia no Consistorio de 23 de junho passado.

O novo cardeal nasceu em Roma a 4 de setembro de 1847. Fez os seus estudos no seminario romano com grande aproveitamento. Depois de ter sido ordenado padre foi nomeado professor de lingua grega. Addido aos archivos tão importantes da Sagrada Congregação da Propaganda, foi encarregado das Missões nos Estados Unidos, no Canadá, nas Indias e na China. Em 1874 passou ao secretariado dos Breves, onde exerceu o cargo de substituto. No anno seguinte, Monsenhor Jacobini foi nomeado prelado domestico de Sua Santidade e secretario dos negocios ecclesiasticos extraordinarios. Exerceu tambem o lugar de vice bibliothecario da Santa Egreja Romana. Pouco tempo depois foi nomeado conego da Basilica Vaticana e, em 1881, elevado á dignidade de arcebispo titular de Tyro. No anno seguinte, o soberano Pontifice Leão XIII confiou lhe o importante cargo de secretario da Propaganda onde ficou até que foi designado como nuncio em Portugal.

O melhor entretenimento de Monsenhor Jacobini, quando estava em Roma era ir á noite (depois dos seus fatigantes trabalhos do dia) á Associação Catholica Operaria conversar com os socios. Descansava das fadigas da sua direcção e do seu cargo praticando o bem e dando o exemplo de uma admiravel delicacção pelas classes operarias.

Isto mesmo continuou fazendo em Lisboa onde as suas virtudes e o seu talento o tornaram particularmente querido, não só na côrte mas em todas as classes sociaes. Em harmonia com a politica de Leão XIII tem fomentado em Portugal a união e bom accordo entre a Egreja e o Estado. E continuando aqui a obra de pacificação social para que collaborára em Italia e que constitue um dos fundamentos do programma de Leão XIII fomentou a creação da associação protectora dos operarios onde em bom convivio intellectual e moral trabalham em commum representantes das diversas classes no sentido de melhorar as condições da classe operaria.

A elle se deve igualmente a criação das associações da mocidade catholica em Lisboa e no Porto.

Deu, além d'isso, um grande impulso ao jornalismo catholico.

E' humorista distinctissimo e tem escripto notaveis poemas latinos. Um d'elles é descriptivo da Serra de Cintra; a par do seu alto valor litterario brilha n'elle um amor intenso por este paiz e pelo que as suas tradições tem de mais glorioso. Este mesmo poema foi traduzido em verso solto portuguez por Santos Valente. Da traducção e do original se fez ou está fazendo uma edição primorosa na Imprensa Nacional. N'outra poesia notavel figura a resposta da Italia a carta de Leão XIII ao cardeal Rampolla, secretario de Estado, em seguida á celebração, em 1895, das festas commemorativas do anniversario da entrada das tropas piemontezas em Roma. Este poema recebeu uma felicitação especial do Santo Padre ao seu auctor.

Monsenhor Jacobini ficará ainda entre nós mais algum tempo como Pronuncio Apostolico.

*

Damos em seguida o discurso de Monsenhor Jacobini a Sua Magestade El rei, na cerimonia da imposição do barrete cardinalicio que se realisou no dia 4 do corrente na real capella do Paço da Ajuda:

«SENHOR: Tres são os sentimentos que dominam n'este momento o meu espirito e me inspiram as breves palavras, com as quaes perante Vossa Magestade Fidelissima me é grato manifestal-os n'esta solemne occasião. O primeiro, que é da mesma gratidão para com o Santo Padre Leão XIII, que, sem meritos da minha parte, me elevou até ao sublime grau da dignidade cardinalicia; o segundo, de vivissimo reconhecimento, para com Vossa Magestade que se digna entregar-me a insignia, e para com toda a Sua Real Familia; o terceiro, de cordialissimo affecto pela nação portugueza, na qual passei com viva satisfação cinco annos, até ao actual termo da minha carreira.

Sem duvida muita tem sido sempre para commigo a bondade do Santo Padre.

No seu pontificado quiz-me distinguir com constantes provas de benevolencia até esta ultima e maior.

Sua Santidade não só deu estimulo aos bem insignificantes trabalhos da minha carreira, e me incutiu sempre força pelo seu exemplo, mas tambem fez nascer em mim a mais alta admiração pela sabedoria que torna grande o seu nome por toda a terra, e o faz resoar potentemente entre as nações.

Senhor. — Muita tem sido a benevolencia e cortezia de Vossa Magestade a Rainha e de Sua Magestade a Rainha mãe para com a minha humilde pessoa, de sorte que tendo já por dever ser dedicado a Sua Magestade e á Real Familia, se me tornou mais doce e estreito esse vinculo durante a minha permanencia n'este reino, e de tão subido favor conservarei no espirito imperecivel memoria.

E que direi da inclinação affectuosa e viva que me liga a esta nobilissima nação portugueza, joia preciosa da coróa da igreja, antigo arauto da propagação do Evangelho e da civilização até aos mais remotos confins do mundo!

Ella conserva no seu seio a fé antiga, e assim desde a minha chegada vi brilhar de subito aos meus olhos os germens d'ella existentes de uma grandeza que nada logra destruir, germens capazes sempre de produzir novos fructos de sabedoria e de amor entre os povos.

Das cumulações e das provas de deferencia que o governo d'esta nação, que me é cara, o seu episcopado e o clero, a sua aristocracia, e, emfim, todos os seus filhos, me encheram durante a minha permanencia n'esta terra, não posso deixar de prestar no actual momento testemunho publico, e ao mesmo tempo que saudo de longe o Santissimo Padre de nós todos, representado aqui pelo seu digno ablegado, manifesto mais uma vez a Vossa Magestade e a toda a Sua Real Familia os protestos da minha constante affeição e de dedicacção immorredoura.»



C. Z. de Almeida

O NOVO CARDEAL JACOBINI

Retratos de Sua Eminencia, do Ablegado de Sua Santidade, do Seu Secretario, e do Conde de Pagani, portador do Breve Apostolico

(Photographia de Camacho)



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

FIEL

(A menina Adelaide Pereira)

Era uma vez um cãozinho que tinha o nome de Fiel; o dono, um dia, teve de fazer uma viagem e levou o consigo. Montava um bom cavallo enquanto que Fiel o acompanhava, correndo muito contente.

O tempo estava abradador e a estrada cheia de pó.

O cavallo suava e a lingua do cãozinho pendia-lhe da bocca.

Chegaram finalmente a uma floresta sombria; o cavallo parou, o dono do cão apeou-se e amarrou o animal a uma arvore. Tirou os saccoes de viagem que pesavam bastante, pois estavam cheios de ouro.

Pól-os n'um logar seguro e apontou-os a Fiel, dizendo-lhe:

— Toma conta.

Deitou-se então com a cabeça nos saccoes e adormeceu!

O cãozinho enroscou-se perto do dono com a ponta do focinho sobre um dos saccoes e adormeceu tambem. Não dormiu, porém, descansado porque estava com sentido nos saccoes.

O cavalleiro estava cansado e dormiu mais do que queria.

Fiel acordou o, lambendo-lhe a cara, porque, vendo o sol a esconder-se o instincto disse-lhe que era prudente partir. O dono acariciou-o e poz se de pe, muito incomodado por ter dormido tanto. Tirou o sobretudo, pôl o sobre a sella, desamarrou as redeas, montou, e, chamando Fiel, partiu a galope. Fiel não o queria acompanhar.

Correu atraz do cavallo, mordeu-lhe as pernas e voltou para a floresta, ganindo.

Por fim Fiel sentou-se no caminho acompanhando com os olhos o dono, com um ar muito triste até que se sumiram n'uma volta da estrada cavallo e cavalleiro.

Quando desapareceram da sua vista, saltou, ganiu e trotou até que chegou ao pé do dono, que estava perto d'uma fonte a dar de beber ao animal.

Chegou á beira da agua e ganiu com tanta furia que o dono voltou se e chamou por elle. Em vez de se calar tornou para traz, ganindo sem descanso.

O cavalleiro não comprehendeu nada d'aquelle manejo e julgou que o cãozinho estivesse damnado. Este continuava a ganir e a correr.

Saltou então ás pernas do cavallo e ás do dono, mordeu-lhe a ponta da bota, deitou-o depois a correr, ganindo sempre.

O dono, convencido de que Fiel estava damnado, puxou do revolver e disparou.

Poz immediatamente o cavallo a toda a brida, para não vêr penar o seu amiguinho; mas não tinha andado muito, quando, repentinamente, fez parar o cavallo. Apalpou a sella, os saccoes d'ouro onde estavam?

Teriam cahido, te-las ia perdido ou estariam na floresta?

Não se lembrando de que as tivesse amarrado á sella voltou á floresta.

Chegando á margem do rio, disse:

— Pobre Fiel! Foste victima da tua dedicação!

E lançando o olhar em volta, não viu Fiel. Dando porém mais alguns passos viu algumas gottas de sangue no chão, pela estrada fóra, até ao sitio onde repousara e achou-o alli, com o focinho estendido sobre um dos saccoes, morto.

Pobre Fiel!



LUGARES-SANTOS

Ao pôr do-Sol e a hora de recolher os rebanhos. A toada pastoril das flautas desce do oiteiro; e a Noite, que ascende dos valles abraçada ao fumo azul das lareiras, vai ao seu encontro para melhor a beber...

Pastor de chimeras, ha já annos que recolhi o meu rebanho de alegrias, numa certa hora de Sol-posto, quando quiz tentar a derrota da Vida. E do castello romantico, onde o guardo, escorrem lagrimas verdes: — são o musgo da Saudade que o agazalha dos temporais...

Castello de Saudades,
Castello de Alegrias!
Abre-me as tuas portas bem depressa,
A fim de que a minha alma te conheça,
E vá beijar as grades
Das tuas salas frias...

E tu, meu lindo Sonho,
Honrado castellão,
Conduz-me á sala r'ôxa da Saudade
E canta-me um rimance de bondade,
Um cantico risonho,
Que falle ao coração!

Quero beijar-te os cantos,
O musgo da parede;
Sentar-me nas ameias do castello,
Banhar a minha febre no teu gelo,
Quebrar os teus encantos,
Matar a minha sêde!

Bem vês que sou velhinho,
E quasi morto já;
Venho de longes terras, engeitado,
Sem gôrra, sem sacola, sem cajado..
Alegra, pois, meu ninho,
Que Deus t'o pagará...

Quero ver em cortejo,
A' doce claridade,
Todas as velhas coisas namoradas,
Flores, sonhos, cantos, alvoradas,
Para as beber num beijo
De amor e de saudade...

Mostra-me a Terra-Santa
Onde já foi meu Lar;
E mostra me tambem meu berço de oiro,
E o quarto-de-estudante, esse tezoiro,
Que inda agora me encanta
Se o ponho a recordar...

E, ao fim dessa miragem,
Mal sobre o vento sul,
Fecha por dentro as portas bem depressa,
A fim de que a minha alma se adormeça,
Até que vá de viagem
A's Indias que ha no Azul!

Que eu vá, por entre as flores
Do campo da Saudade,
Ao fim de tanto andar desperdiçado,
Bater de novo ao porto desejado
Das Ilhas-dos Amores
Da minha mocidade!

«PELO MUNDO FÓRA»

POR

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO



CUMPRE-ME confessar o. Se a admiração que professo pelos escriptores vivos do meu paiz é bem limitada e restricta, se é rara, se enfim ella se resume a tres ou quatro nomes apenas, não é comtudo menos certo que a minha sympathia e a minha estima abraça todos os obreiros honestos das letras cuja sinceridade de emoção permitta fallar ao meu espirito de coração nas mãos, com essa quente franqueza que verte em tudo um perfume delicioso de intimidade.

O ultimo livro da ex.^{ma} sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho que venho de ler, com um vivo movimento de praser e um consolador interesse, está bem n'este caso. E' uma confissão toda ella vibrante da mais intensa, da mais completa, da mais intima sinceridade emotiva e cheia de altos e nobres pensamentos que só podem preoccupar um largo e penetrante espirito e deliciar uma natureza vagamente e ternamente sonhadora.

A senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é incontestavelmente entre as actuaes escriptoras portuguezas — e são bem raras as que entre nós merecem esta qualificação — aquella que possui um mais claro e agudo entendimento, uma mais elevada cultura litteraria, e para quem a razão intima das coisas, as debataças e renovadas soluções philosophicas, os problemas subtis de psicologia, as transitorias ideias de moral não são indifferentes. Pelo contrario, essas questões são, mais ainda do que as de complicada esthetica, aquellas que preoccupam e inquietam o seu espirito e porventura a apaixonam mesmo. Dahi não serem os seus livros, particularmente este, que, certo, a resgata do peccado litterario de ter subscripto algures paginas onde se não visava nenhum superior interesse de ideal e como tantos outros livros femininos simples fanfreluches litterarias, tautologicos de pensamento, frustes e vasilos de conceito, de estylo repintado e oco, e obedecendo apenas a uma rachitica concepção da arte pela arte, sem que, pelo menos, o tremido de uma viva emoção os saccuda, erguendo de dentro das suas paginas, como molhos de enoveladas serpentes ideias

ou traduzindo, com resonancia e vigor, sensações. Forte pela concepção, meizo e ductil na forma, elle resta com tudo feminino pelo doce enternecimento, pelas finas delicadezas d'uma alma que sentimos nobre, pura, admirativa, impressionavel até ao infinito e apaixonada menos talvez do bello do que da sua forma interna, o bem.

Da mesma forma, as divinas palavras de Louise Michel, os bellos e piedosos artigos de Severine, os romances socialistas da genial Sand, os gritos compadecidos de miss Stowe, cmquanto de uma acção immediata e energica, não deixam de, pela sua recolhida e terna sensibilidade, trahir as almas femininas d'onde brotaram.

Pelo Mundo fóra é a compilação em livro de uma serie de artigos publicados n'um jornal diario do Brazil.

A primeira parte é, como se deprehende do seu titulo, constituída por impressões de viagem, por visitas a museus e ateliers, por longos extasis ante quadros e estatuas, pelo enlevo dos céos de França, das suas florestas, dos seus jardins, por toda uma ode entusiastica ás arvores.

Paris chamou de longe, n'um enlevo, a distincta escriptora como nos chama a todos nós os artistas, não o Paris terra do prazer material, mas Paris, a patria de Pascal, de Montaigne, de Balzac, de Hugo, de Taine.

Ella foi, e são as suas impressões que com a terna magia do seu pincel agora nos dá.

En'um discorrer sobre tanta coisa sublime e bella, conoladora e boa que os seus olhos viram e o seu coração evocou do scio dos tempos, são as grandes figuras da Revolução que mais a seduzem. O seu espirito sente-se irresistivelmente atrahido para o seculo XVIII, para a França da Revolução que Carlyle tanto havia calumniado em proveito do pensamento allemão, e que Anatole France, o seu artista preferido, tanto confessa amar.

Para a distincta escriptora por certo Voltaire não é, como para o auctor dos *Heroes*, a encarnação do scepticismo satânico porque a leitura fecunda dos seus setenta volumes ter-lhe ha ensinado que o solitario de Ferney não duvida, pois que apenas affirma ou nega o que é ainda uma forma de affirmação. Elle representa com Diderot, o verbo magico, com Helvetius o insigne psychologo do espirito, com d'Holbach o descendente de Loke, de Barheley e de Hume, o perteito escriptor de combate, o homem de letras para quem a litteratura é ainda e sempre a acção.

Em Condorcet, essa extranha mistura de frieza e de paixão, tão entusiasta sempre pela felicidade do homem e tão impotente para a realizar, começa a systematisar-se a doutrina da justiça social e do progresso, mas é porém na alma stoica e terna de Vauvenargues que se vê desabrochar esse amavel credo de bondade humana, que Rousseau e Michelet mais tarde haviam de tão altamente consagrar.

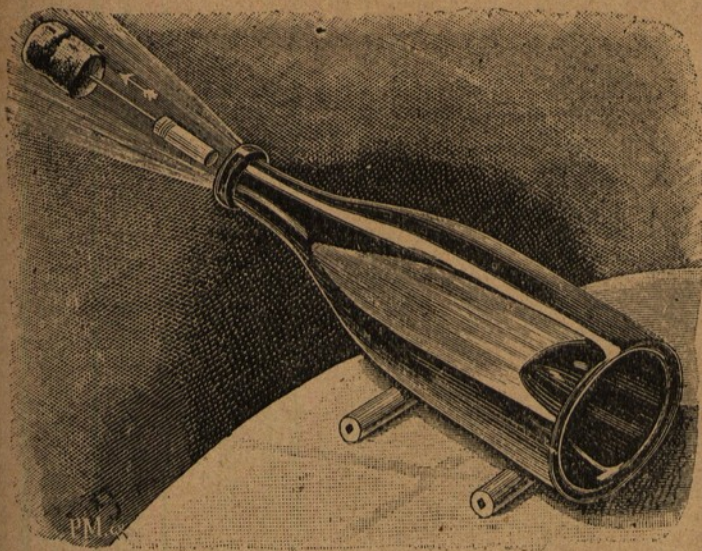
Na segunda parte traça a escriptora, em esquisso, ligeiros retratos de alguns dos homens de letras que mais admira, curtos estudos psicologicos que teem alguma coisa de auto-brographia. Anthero de Quental e Oliveira Martins são aqui, por assim dizer, personagens symbolicos, pois que são principalmente datas de emoção que a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Amalia recorda, com saudade infinita. U na penetrante tristeza escorre das suas palavras ao contactar-nos as suas ultimas palestras com o grande psychologo da raça de Aviz e uma sympathia vibrante envolve as paginas que nos dá sobre Renan, o seu auctor favorito, de cujo estylo o seu estylo tanto tem, e sobre Anatole France, o fino espirito cheio de malicia e de impiedade a quem Lemaitre chama a extrema flôr do genio latino.

Quanto a mim, este ultimo livro da sr.^a D. Maria Amalia Vaz de Carvalho é o seu melhor livro, e infinitamente encantador pela sinceridade, pela intensidade de admiração de que todo elle palpita e nos faz vibrar.

DOMINGOS GUIMARÃES.

SECÇÃO RECREATIVA

O TIRO DE PEÇA



Querem ter, á meza, a emoção de um tiro de peça, ouvir a detonação que aterrorisa as pessoas nervosas, ver voar o obuz com a rapidez do relampago, e assistir ao phenomeno do recuo das peças d'artilheria?

Escolham uma garrafa de vidro grosso e deitem-lhe agua até um terço de altura. Dissolvam n'essa agua um pouco de bicarbonato de soda. Mettam depois um bocado de acido tartrico em pó n'uma carta de jogar enrolada em forma de cylindro e tapem um dos extremos d'esse tubo com uma rolha de papel mata-borrão. Suspendam depois esse *cartucho* assim fabricado á rolha da garrafa, que deve estar de pé em cima de uma meza, espetando-o com um alfinete a que devem atar um barbante; a abertura do tubo deve ficar para a parte de cima. Feito isto, tapem muito bem a garrafa com a rolha, depois de terem regulado o comprimento do barbante de modo que a parte inferior do tubo não toque no liquido.

Eis a peça carregada. Para fazer fogo basta poisar a garrafa horisontalmente sobre dois lapis collocados parallelamente sobre

a meza, figurando a *carreta* da peça. A agua penetra no tubo de cartão, que se produz subitamente, expelle a rolha com uma explosão violenta, emquanto que, por effeito da reacção, a garrafa rola para traz sobre os dois lapis, imitando exactamente o recuo de uma peça d'artilheria.

COISAS UTEIS

ALMOÇOS DO MEZ DE JULHO

(Continuado do numero anterior)

SETIMO MENU

Cabeça de vitella frita — Lingua de vacca com molho picante — Galantine de gallinha com gelêa — Presunto de fiambre com ovos estrellados — Alcachofras com molho hespanhol — Queijo Chester — Fructas: Figos e peras — Café e licores.

OITAVO MENU

Pasteis de picado de peixe — Biftecks grelhados de assem, com batatas cosidas — Fricasse de vitella — Tomates recheiados — Queijo Roquefort — Fructas: Morangos — Café e licores.

NONO MENU

Cassape de enchovas — Lombo de vacca salteado com vinho da Madeira — Filetes de linguado ao gratin — Salada de aves — Omellete com assucar — Queijo fresco — Fructas: Rainhas Claudias — Café e licores.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

SANTO ANTONIO

NOTAVEL DISCURSO DE

ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

NADA

(POEMAS E VILANCETES)

POR

JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

PO C

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

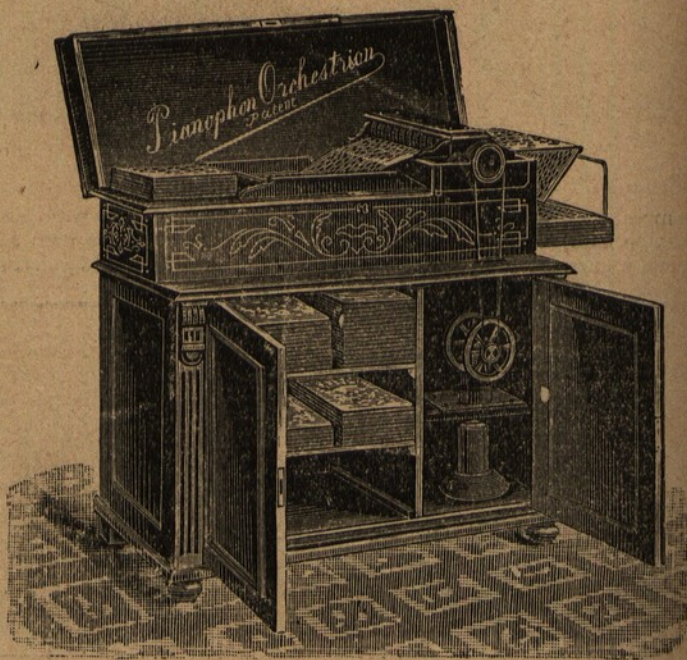
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.ª de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.ª de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente — 3.ª que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportibilidade. — 4.ª que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjunto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se póde tocar Overtures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o póde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTACAO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Burnay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



COLHENDO FLORES — (Quadro de Velloso Salgado)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 19

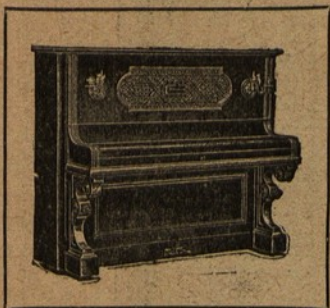


FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

L A M B E R T I N I



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÈRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edicções economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bandolimins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 \$100 réis	2 \$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1 \$300 "	2 \$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 \$050 réis	2 \$100 réis	4 \$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 19

LISBOA, 9 DE AGOSTO DE 1896

1.º ANNO

A SAHIDA DA ESCOLA



BELLO tempo, aquelle! Esta chuva d'agosto não lhes faz franzir a testa n'uma ruga. E' olhar para aquelles rostos alegres, onde se reflecte a intima satisfação de quem se vê livre de um olhar mais severo, na liberdade do pleno ar.

Os maiores seguram o guarda-chuva, sob que os pequeninos se acolhem, cuidadosos de não molhar os seus bibes que a mãe lhes recommendou que não sujassem.

A agua que corre dos beirae alaga as ruas, que ficam luzentes como espelhos. Bem lhes importa a elles o diluvio! Sahem da escola, que os fez estar tranzidos de mêdo umas poucas d'horas, com o olhar arregalado para a palmatoria. Essa alegria lhes basta. Em casa espera-os o carinho da mãe e a boa sopa a fumegar nas malgas.

Saltam, contentes, a agua que se empôça no meio da calçada e que corre caudalosamente nas valletas. O proprio borbolino da sahida os faz radiantes.

E' vêr como, nos minutos antes da hora de partir, elles se agitam nas bñcadas, frementes de liberdade, com olhares de soslaio para a porta. E depois, na procura dos cestos em que levaram as merendas, que alegre esfusiar de risos, que trinados!

Só um d'entre elles, esse que ahi vae de mãos nos bolsos e guarda-chuva debaixo do braço, é alheio ás intemperies e aos gracejos. Um philosopho em miniatura, em que germina talvez a semente de um velhaquete desmarcado.

Tambem, para castigo, fica fóra do gremio de todos aquelles risos e faz rancho áparte em todas as patuscadas.

NA FEIRA DA LADRA

(HISTORIA DE UM PIANO)



a feira da ladra o *bric à-brac* da miseria.

E' a ante-sala do esgoto. Um pouco para diante ha o estrume; um pouco para traz a indigencia.

Cifra se n'isto — o farrapo util.

Tudo, que tem só o valor indispensavel para ter algum, está na feira da ladra.

Uma vez encontrei lá para vender um dos meus inimigos mais rancorosos — um piano.

Era um velho piano dismantelado, derreado, cachetico. Só já tinha um pé; seguravam-n'o com barrotes, como as casas a desmornar-se. O seu teclado de marfim, a que faltava a maior parte das teclas, estava entreaberto, e parecia rir, com o riso sinistro d'uma caveira desdentada.

Confesso que tive uma paixão extraordinaria, vendo aquelle diabo d'aquelle piano, coxo, tropego, desfeito, á espera que um marceneiro qualquer o levasse por um quartinho, para o transformar n'um lavatorio.

Cheguei-me ao pé d'elle e toquei-lhe n'uma das poucas teclas cariadas, que ainda lhe restavam.

Soltou um grito rouco e doloroso, como um doente a quem espremessem um tumor.

— Doe-te? perguntei lhe eu.

— «Não imaginas! disse o pobre diabo. São dores infernaes.» E

começou a tossir, a tossir, uma tosse cava, ferrugenta, despedaçadora.

— Coitado! murmurei eu. Tenho pena de ti, velha carcassa musical e esta

pena é tanto mais sincera e verdadeira, quanto é certo que eu dedico a minha melhor colera e o meu melhor odio a todos os patifes da tua raça miseravel. Eu admiro a musica das esferas até á gaita de folles. Mas o piano! oh, o piano começa por não ser um instrumento; é um movel. E' uma especie de commoda para guardar valsas. Não foi inventado por Orpheu, foi descoberto por um carpinteiro. Diferença se apenas d'uma secretária, em não servir para se escrever. O piano é a harpa eolia dos brasileiros ricos.

Eu creio, que o piano, como um grande numero de descobertas modernas, tem uma origem muito mais antiga do que se julga. Supponho que deve datar do tempo dos Pharaós, e que foi a oitava praga, que, com a dos gafanhotos, chegou ainda ate ao nosso tempo.

E coisa singular! como o destino dos pianos se parece com o destino do povo de Israel: Tanto os pianos como os judeus andam espalhados por toda a superficie do globo, errantes, sem patria, cosmopolitas. Nem sei mesmo quaes são em maior numero, se os pianos, se os filhos de Abrahão.

Seja como fôr, o que é verdade é que o piano é uma descoberta de que ainda se não tirou todo o partido, e creio mesmo hade ser ainda um objecto de utilidade incontestavel, logo que esteja resolvido o problema da sua applicação á typographia.

«O piano chegará á sua grande perfeição, e tornar-se-ha até um instrumento agradável quando, mexendo-lhe n'uma tecla, em vez de sair um *dó*, sair simplesmente um *X* ou um *F*, ou qualquer outra letra do alphabeto, desde o *A* até ao *Z*».

E, em quanto eu dizia isto, o pobre esqueleto de guilhotina com teclas gemia ainda um soluço moribundo, que reboava compassiva e melancolicamente.

E eu continuei.

— Não te afflijas, que isto não é contigo, meu pobre invalido. Já não tens voz: és como as serpentes a quem tiram o veneno. E's uma cascavel inoffensiva. Olha, sabes que mais? Faze um esforço, e conta-me em voz baixa, aqui ao ouvido, a historia das tuas aventuras, que no fim de contas devem ser realmente curiosas. Quando estiveres cansado, pára um momento para tomares a respiração. Não tenho pressa. Anda, menino, conta-me a tua vida, que a tua morte dolorosa, essa heide contal-a eu, para que sirva de exemplo ameaçador a dois jovens pianos desordeiros que eu tenho na minha visinhança.

O sonoro quadrupede, com uma voz de melodrama ventriloquo, começou então a narrar-me a seguinte historia:

— «Nasci ha quarenta annos; antes de nascer, eu era madeira n'um platano, marfim n'um elefante e cobre no seio das montanhas. Devo dizer-te que em toda a minha existencia desafinada, a unica musica harmoniosa que ouvi, e de que tenho saudades, foi a que cantaram os rouxinoes, quando eu era platano, sobre os meus ramos verdjantes.

«Fui feito por um marceneiro, e, depois de envernizado, exposto á venda, entre duzentos companheiros, n'um armazem luxuosissimo. Estavamos alli, como os escravos n'um bazar, á espera de comprador. Os visitantes entravam, abriam-nos, batiam nos no peito para nos auscultar, e depois de convencionado o preço, lá iam nós levados por quatro mariolas para casa do outro que nos tinha adquirido.»

N'isto o velho piano ficou um momento silencioso, exaustado de forças. Começou a tossir, a tossir, e deitou um escarro vermelho que parecia sangue; enganei-me, era ferrugem.

Passado um quarto d'hora de repouso, continuou:

«Eu fui dos ultimos a sair do armazem. Estive lá quatro annos; ninguem me comprava. Devo essa felicidade excepcional a eu ter sido sempre d'uma compleição muito delicada. Mesmo em rapaz fui sempre debil, d'uma saude melindrosa, e com disposições hereditarias para as doencas pulmonares.

•Nasci com tuberculos ; foram-me transmittidos em tres ou quatro co:das, que me pozeram, e que já tinham pertencido a um piano, que lançava sangue pela bocca, e que morrera d'uma tísica de larynge.

•Eu tinha, pois desde pequeno o germen da doença, que mais tarde me havia de reduzir a este estado lametoso. Quando por acaso um comprador me abria a bocca para me examinar, terminava sempre dizendo melancolicamente, e em voz baixa para que eu me não affligisse : — Coitado ! está prompto ! — E afastava-se de mim, lançando-me um olhar de misericordiosa sympathia.

A minha saude era tão fragil, que qualquer arsinho me constipava. O menor esforço de voz punha-me rouco durante quinze dias. Uma vez, inda estava no armazem, apanhei uma bronchite, de que ia morrendo, como *Joven Lullia abandonada*. I stive meio anno no hospital, tendo sempre um afinador á cabeceira.

•Um dia entrou na loja um conselheiro com sete filhas t'o feias e tão magras, que eu creio que foram ellas mesmas as que appareceram em sonhos a José do Egypto para lhe annunciar os sete annos de esterilidade. Quando as vi entrar, tive um presentimento diabolico, e deu me no peito uma pancada tão forte que me estalou um bordão. Foi a minha desgraça. O conselheiro approximou-se, e interrogou o dono da loja a meu respeito. Este disse-lhe que eu era um piano um pouco doente, é verdade, mas em compensação muito barato, e que com o exercicio, que era o que me faltava, me havia de tornar ainda um piano forte e vigoroso.

•O conselheiro comprou-me, e logo n'essa mesma noite fui installado na sua sala de visitas.

Começa aqui a minha via dolorosa. Durante quinze annos as sete meninas bateram me em cima dos pulmões com quarenta ou cincoenta toneladas de valsas ; gritei polkas, gaguejei lanceiros, e praguejei solaus. As sete meninas, á razão de seis namoros por anno cada uma, isto termo medio, tiveram em quinze annos seiscentos e trinta namoros. Ora cada namoro obrigou-me a andar pelo menos cincoenta kilometros de mazurcas, contradanças, xcaras, etc., o que deu em resultado, que no periodo de quinze annos choutei perto de quarenta mil kilometros de musica, e isto por caminhos escabrosos, intransitaveis, cheios de calhaus em redondilha menor.

•Oh ! como são felizes os pianos de agora, que já não acompanham os versos dos poetas, como as escoltas acompanham os presos. As odes philosophicas dos menestreis recentes, além de serem sublimes, são refractarias á harmonia.

•Eu queria que vocês, ó pianos modernos, tivessem vivido como eu nos ominosos tempos do obscurantismo, sob o regimen intolerante dos solaus !

•Por mim, meu amigo, eu já não dava senão gritos dilacerantes como os d'uma victima indefeza, espancada cruelmente. Mas não percebiam que eram as dores que me faziam gritar, porque me julgavam incapaz, pela minha natureza, de as poder sentir. Quando eu soltava um grito dilacerante, como um homem a quem estavam cortando uma perna, limitavam-se a dizer : — Está hoje muito desafinado !

•Por fim vendo que não podia fazer comprehender áquella gente que os meus gritos eram gritos de raiva e de tortura, decidi me então, em vez de gritar, a apitar — pela policia.

Quando eu sentia na rua, á meia noite, os guardas municipaes, punha-me a apitar uma valsa durante meia hora, a vêr se me accudiam. E a patrulha, em vez de correr a livrar-me dos dedos homicidas, parava em contemplação defronte da janella, embevecida nas harmonias d'aquella valsa, que parecia assobiada com a chave d'um trinco. Vendo que não alcançava nada gritando ou apitando, comecei então a ladrar, a guinchar, a dar arrotos, a grunhir, a produzir os sons mais irritantes, mais insupportaveis, desde a chiadeira desengonçada d'uma carroça carregada de ferro, até ao ranger d'uma unha comprida na cal da parede.

•Nem assim. As meninas continuavam a flagellar-me com *A lua de Londres*, *A saudade*, *O martyrio*, *O pirata*, *O noivado no sepulchro*, emfim, com tudo quanto constituia o regimen sentimental dos pianos elegantes. A's vezes, no meio d'um acompanhamento pegava-me, embirrava, e por mais que me batiam não dava um compasso para diante. Um bello dia, furioso, tomei uma resolução heroica — emmudecer. Batiam-me, e eu calado. Zangavam-se, esmurravam-me, desancavam-me, e eu nem palavra — moita !

•Resolveram vender-me. Fui annuciado nas gazetas, como um bello piano para estudo. Comprou-me um adeleiro por tres libras e meia.

•Eu estava inteiramente, completamente arrasado. Tinha os pulmões cheios de cavernas, roidos de ferrugem. O adeleiro no entanto taes remedios me deu, taes coisas me fez, que com grande admiração minha, uma bella manhã accordei a tossir o *Barba Azul*.

•Fui então novamente vendido, para uma menina de oito annos aprender no meu cadaver o alfabeto musical. Eu já não era um instrumento, era um abecedario, uma loisa para fazer riscos. Nunca tive orgulho, mas francamente sentia-me vexado, degradado. Depois eu estava doentissimo, no terceiro grau da tuberculose. Um dia, que felicidade ! pegaram em mim, e aposentaram-me com a terça parte das teclas no vão d'uma escada. Alli gosei meio anno de descanso, n'uma escuridão profunda e silenciosa, apenas perturbada de quando em quando pelo barulho dos ratos, que tinham feito dentro de mim uma colonia.

•Mas, ai ! ao cabo dos seis mezes chegou um ferro-velho, que me conduziu para uma baiuca miseravel, e me poz nas costas um letreiro que dizia o seguinte : preço — 7500.

•Alli estive muito tempo, sem ninguem ousar tocar-me, protegido, defendido por aquelles bravos 7500. Bom, dizia eu, viverei em paz o resto dos meus dias, n'este silencio concentrado, tão util na diplomacia e tão agradável nos pianos.

•Mas n'isto appareceu um empresario d'uma barraca de feira, que me alugou por dois mezes, a quartinho por mez. Durante sessenta dias e sessenta noites, com tosse, com asma, deitando sangue pela bocca, pelos ouvidos, pelo nariz, eu estive expectorando, grunhindo, gemendo, titubeando uma serie infinita de contradanças, hymnos, polkas, marchas guerreiras, tudo isto perplexo, desarticulado, com arrotos, assobios, hemoptises, e sobretudo grandes ancias, grandes faltas de ar de quando em quando.

•Ao voltar para o *ferro-velho* tinha entregado a alma ao Creador. Foi então que me trouxeram para aqui, onde estou ha tres annos. Se és meu amigo, se tens compaixão da minha sorte, vae te embora, e manda-me uma garrafa de oleo de figado. Agora, meu amigo, deixa dizer-t'o, eu tive uma alma sonhadora, uma aspiração intima, um ideal recondito, que durante a minha longa existencia ninguem comprehendeu, nem soube fazer vibrar. Eu fui um pouco como os homens, que nascendo poetas, se fizeram guarda-livros. Morro sem ter visto desabrochar em



petalas harmoniosas o ideal desconhecido que eu sentia palpitar mysteriosamente, como uma ave, dentro do coração...»

N'isto fomos interrompidos por um velho *brica-braquista*, um d'esses colleccionadores infatigaveis, que andam durante uma existencia de 80 annos, como hyenas disfarçadas em espiões, remexendo em todas as ruinas, em todos os destroços, em todos os farrapos, para descobrirem uma gravura, uma cadeira, um relógio, uma chavena, uma moeda rara, ou a primeira edição em papel pardo de qualquer livro insignificante.

Ha quarenta annos que este homem ia á feira da ladra todas as semanas, com a regularidade d'um chronometro.

Era alto, magro, cadaverico: um esqueleto forrado de pergaminho. Os seus pequeninos olhos d'um azul verdeado e limpido, denotando a subtilidade da raposa e a pertinacia do caruncho, escondiam se para espreitar, atraz d'uns oculos, como dois ladrões atraz d'um reposteiro. O seu nariz era o bico d'uma ave de rapina cheio de caruncho. O craneo, calvo como um seixo, tinha os preciosos tons amarellados, que só a antiguidade sabe dar. De sob o queixo inferior, agudo e saliente — de fuinha e de teimoso — saía uma barbinha encanecida, musgosa, mefistofelica. O dorso, finalmente, era excessivamente curvado, como o d'um homem que andasse durante meio seculo, de pé e no mesmo sitio, a procurar uma libra que lhe tivesse caído no chão.

Terminemos a historia.

O nosso colleccionador, apenas chegou, entre mil objectos insignificantes que estavam em cima do piano — frascos vasillos, botas cambadas, dragonas, uma seringa, etc. — descobriu um precioso prato do Japão, como um abutre descobre o cadaver d'uma rez a duas leguas de distancia.

Na pupilla do velho colleccionador passou durante um quarto de segundo um relampagosinho de alegria.

Em seguida, com um ar ingenno e indifferente, sem olhar para o prato, começou a ajustar, a discutir o preço do piano. Fez-me lembrar os selvagens, que, para acertarem n'um passaro poisado no chão, atiram para o ar a flecha sibilante, que descrevendo um arco vae cahir mathematicamente no ponto desejado.

Ao cabo de meia hora comprou o piano por dezoito tostões, incluindo o prato, que lhe foi dado, como um merceiro generoso dá mais uma onça de café, lançando-o bizarramente na balança, aos seus freguezes predilectos.

O piano, ao ver-se novamente deslocado da sua beatitude dolorosa, começou a gemer n'um suspiro febril, um suspiro de tísico, a aria final da *Traviata*.

Mas, como todos os tísicos que tem ainda esperanças, um minuto antes de morrerem, a misera carcassa plangitíva, ao partir para sempre, como em caixão de defuncto, ás costas d'um gallego, disse-me ao ouvido, baixinho, com um ar de alegria melancolica: — «Ainda me restabelecia com certeza, se me levassem para a ilha da Madeira!...»

Coitado! Não lhe fizeram a vontade, levaram n'ò para um outro clima bem mais quente — o lume do fogão.

GUERRA JUNQUEIRO.

Desabafo

I

Vi-te de novo!... Ai como me foi grato
De novo vêr teu pallido semblante!...
Senti minha alma extatica, anhelante,
De subito antever fresco regato.

Senti como o horisonte infindo, lato,
Onde a palmeira, sob o céu distante,
Dá consolo e frescor ao viandante
Depois da areia, ou do tojal dô matto!

Tu és para o meu ser a verde palma...
E's o oasis na areia da minha alma...
D'esta sêde de amor a clara veia...

Concede, como a palma, a verde sombra.
Entorna aromas sobre a triste alfombra
D'esta alma só da tua imagem cheia!

II

Talvez eu te importune... Mas a esta
Paixão divina que em meu ser geraste,
Concede como o orvalho á flôr, na haste,
Um refrigerio á minha dôr funesta.

Deixa que á febre que meu labio crêsta,
Deixa que á esperança que no pó tombaste
Fique o consolo — e que esse só me baste! —
De te cantar — que é só o que me resta!...

Deixa que eu cante esses divinos olhos,
Que a alma me allumiam nos escólhos,
Teu labio côr de rosa, e o teu pé breve...

Deixa que eu cante o teu sorriso lindo,
Que me abre as portas de um prazer infindo,
E por ti morra quem te a amar se atrêve!

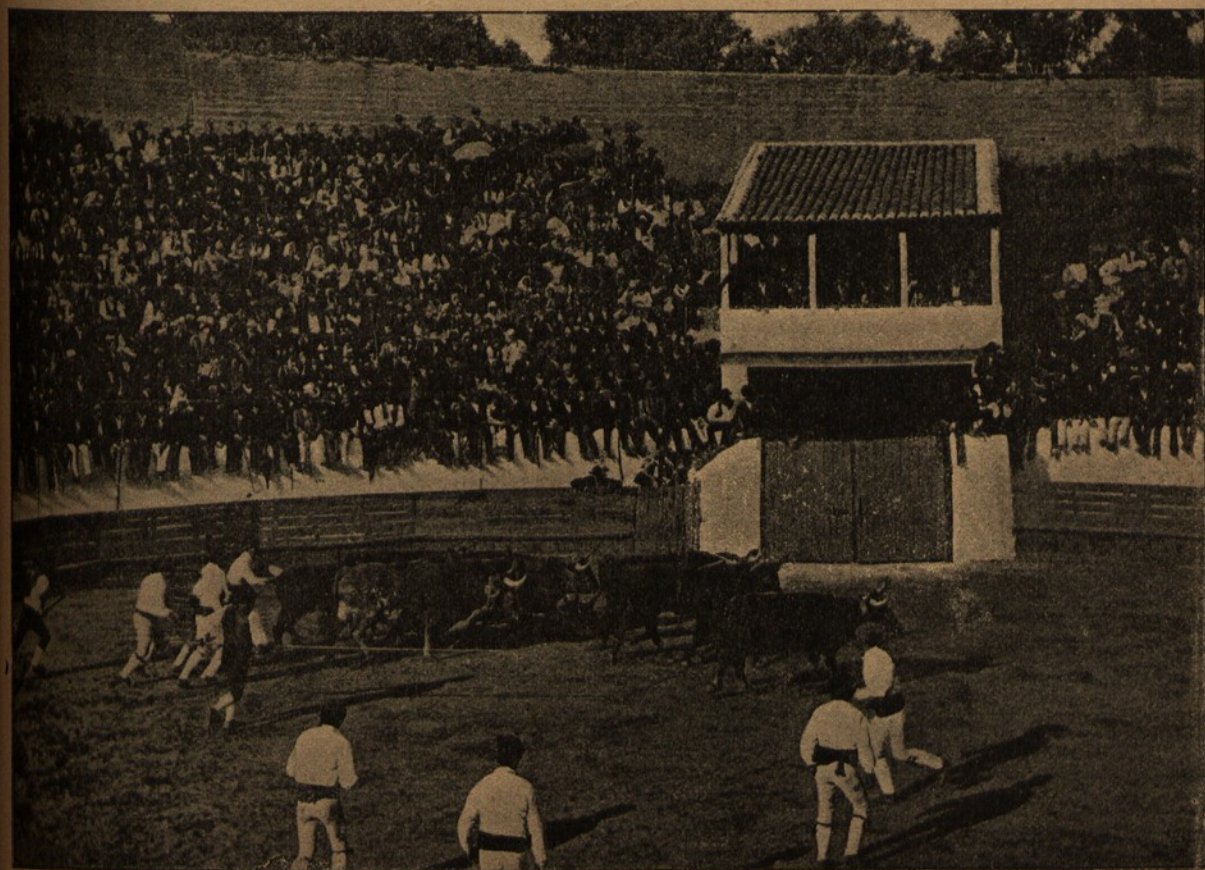
CARLOS ALBERTO DA SILVA.



TOIRADAS NA PROVINCIA



NA BARQUINHA : AS CORTEZIAS — (Photographia de Carlos Relvas)



UMA PEGA DE CERNELHA — (Photographia de Carlos Relvas)



CANÇÕES N'AREIA

Quando na praia flammante,
Surge a idealissima loira,
Toda a nossa alma nos oira
— Tantalizada, anhelante!

E até o mar, o gigante,
Que em convulsões de ira estoira,
Olhando-a, alegre, se doira
D'umas carícias de amante ..

Ella, entretanto, mais vaga,
Do que essa Musa que afaga
Mendés, Banville e Coppée,

Atravessa — gloriosa,
Deixando, voluptuosa,
Na areia — a fôrma do pé...

Em noites de lua cheia
E quando o luar — do espaço
Forra de laminas de aço
O mar — que altivo se arqueia,

Se a luminosa sereia
No seu pequenino passo,
Depois de descer a areia
Fosse vogar no regaço

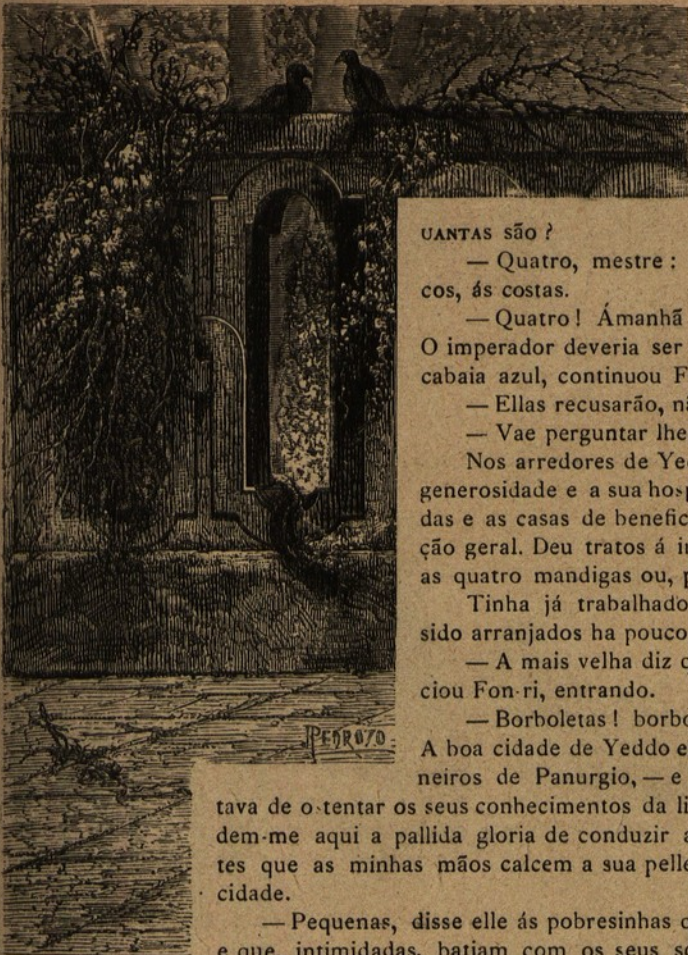
Das ondas, — berços d'espuma!
As ondas — ai! uma a uma,
Ebrias de volupia cêrula,

Julgariam sem esforço
Que lhes boiava no dórso,
— Uma enormissima perola!

JOAQUIM COIMBRA.

As Borboletas

(CONTO JAPONEZ)



QUANTAS SÃO ?

— Quatro, mestre : duas grandes e duas pequenitas que vem em saccos, ás costas.

— Quatro ! Amanhã serão seis e a sim em proporção de dia para dia. O imperador deveria ser mais severo para a mendicidade. Dá-lhes a minha cabaia azul, continuou Figon-Mouon dirigindo-se ao seu servo.

— Ellas recusarão, não querem esmola : procuram trabalho.

— Vae perguntar lhes que idade têm.

Nos arredores de Yeddo, o velho Figon-Mouon era conhecido pela sua generosidade e a sua hospitalidade ; as suas festas eram afamadas entre todas e as casas de beneficencia fundadas por elle attrahiam-lhe a consideração geral. Deu tratos á imaginação para encontrar alguma occupação para as quatro mandigas ou, pelo menos, para as duas maiores.

Tinha já trabalhadores para os seus arrozaes ; os seus jardins tinham sido arranjados ha pouco. Que havia de lhes dar ?

— A mais velha diz que viu já doze vezes as borboletas voltar, annunciou Fon-ri, entrando.

— Borboletas ! borboletas ! interrompeu Figon-Mouon. E' uma ideia ! A boa cidade de Yeddo está, como todas as do globo terrestre, cheia de carneiros de Panurgio, — e Figon Mouon sublinhou esta phrase, porque gostava de o tentar os seus conhecimentos da litteratura estrangeira. Ora, continuou elle, concedem-me aqui a pallida gloria de conduzir a moda. Pois bem ! vá pela das borboletas, e antes que as minhas mãos calcem a sua pelle de inverno, milhões d'ellas voarão nas ruas da cidade.

— Pequenas, disse elle ás pobresinhas que tinham trazido á sua presença por sua ordem e que, intimidadas, batiam com os seus sóccos no sobrado ; pequenas, quero dar uma festa nos meus jardins e o meu desejo seria largar um milhar de borboletas. Depressa á caça ; servos-hão pagas logo que sejam entregues.

A festa primaveril de Figon-Mouon foi considerada uma das mais bellas do anno : os seus convidados extasiaram-se diante das nuvens de borboletas que os creados largavam ás centenas e, a um dado signal, do meio dos massiços.

Amarellas, côr de rosa, verdes, violetas, os brilhantes insectos passejavam por toda a parte nos ares a variedade das suas côres. Subiam para o céu e desciam para a relva com uma tal cadencia, que pareciam sahir da mão de um *jongleur*.

Figon-Mouon tinha tido uma ideia verdadeiramente genial : n'aquelle anno, nenhum senhor de Yeddo quiz receber os seus concidadãos sem ter borboletas caçadas pelas protegidas de Figon.

Emquanto, graças a esta moda elegante a fortuna das quatro orphãsinhas se elevava além de toda a esperança, a do seu bemfeitor muito comprometida pelas suas liberalidades, acabava de declinar. Um dia viu-se obrigado a vender a sua casa e os seus jardins ; depois, despedidos os creados, vagueiou algumas semanas atravez das ruas da cidade, dormindo nos hotéis frequentados pela ultima ralé. Em vão procurou um lugar de escriptor publico. Viu se reduzido a mendigar.

Ora, uma noite que arrastava os seus sóccos uzados pelo pavimento desigual das ruas pobres, disseram-lhe que uma casa, situada a cem metros d'alli, era conhecida por não se fechar nunca a um desgraçado.

Dirigiu-se para lá.

Quando chegou diante da habitação que lhe tinham indicado, viu que estava brilhantemente illuminada e notou, com uma alegria que não pôde reprimir, que as cortinas estavam cobertas de borboletas pintadas, devidas ao pincel de um verdadeiro artista : a porta da entrada, em laca vermelha, estava semeiada dos mesmos insectos, em laca doirada.

Figon bateu. A porta abriu-se, e no limiar, por traz de um creado, o velho reconheceu, já grande e muito bella, uma das quatro mendicantes d'outr'ora.

Ella tambem o reconheceu.

— Sim, sou eu, murmurou elle vendo o seu ar admirado á vista dos seus andrajos ; as borboletas trouxeram-vos felicidade, graças aos deuses ; eu — vêde onde as minhas loucuras me arrastaram !

— Dizei tambem a vossa caridade, gritaram em côro todas as suas antigas protegidas que tinham corrido ao ouvir a voz do velho.

Em alguns minutos, os servos transformaram o desgraçado.

Vestiram-o a primor, banharam-lhe a cabeça e as mãos de perfumes, enquanto o velho chorava de alegria ouvindo chamar se pae.



BUARCOS, À TARDE



TARDE de outubro. Tres horas. Hora de pescadores na praia, e de pescadores ao largo, preparando-se para entrar a enseada n'um regresso triumphante, — as compridas lanchas, esguias e negras, abarrotadas de peixe a saltar ainda nas derradeiras convulsões dos pobres agonisantes, a apontarem para a barra marulhante, a acenarem de longe com a sua véla branca. Uma onda de luz desaba serenamente do céu largo, larguissimo, azul claro, diaphano, transparente, um infinito céu que lembra o olhar brilhante das donzellas lá do frio norte. . . Azas esbranquiçadas de aves vão batendo ligeirissimas a atmosphera elevada, impregnada de luz e de humidades oceanicas,

azas doidas de aves em delirio. Lá ao fundo, atraz um pouco, Buarcos espraia a sua casaria branca n'um semicirculo harmonioso e vasto. Para a esquerda, mui distante, a Figueira avança sobre o mar como que empurrando o seu castello secular e inoffensivo. A' direita, no extremo horisonte, e concludo o crescente enorme da terra, como um marco gigantesco, o pharol do cabo Mondego bem nos parece uma sentinella attenta e vigilante. . . Ha pairando por aquelles espaços, que teem o aspecto fino e leve dos tenues céus das aguarellas artisticas, n'aquelle momento de paz para nós tão doce e tão santo, o que quer que seja d'uma religiosidade abençoada e bemfazeja, propria das naturzas livres e felizes,—das naturezas da beira-mar.

Hora de pescadores: céu, mar e muitas claridades; maritimos, lanchas e muito peixe. . . Buarcos ao fundo, atraz um pouco, a sua casaria branca a espriar-se vastamente, pondo a nota bizarra e *chic* n'aquelle trecho de marinha fascinante. . .

*

As lanchas vem entrando. Bemdito seja Deus, e que Elle as proteja. Na areia, quasi no ultimo beijo movediço das aguas, a turba-multa dos que esperam prepara a recepção, desenrolando pela areia em fóra os longos cabos do reboque. E as lanchas vem entrando a pouco e pouco, vagarosamente, quasi sem pressa, com uma certa magestade, a magestade da prudencia, que não lhes fica nada mal. Veem vozes dos barcos para a terra, e vão vozes da terra para os barcos. Na frente, a lancha do Zé Gregorio, (já lá vae, Deus lhe falle n'alma) rasga as pequenas ondulações da ressaca com a sua prôa rombuda, de cavername rijo com incrustações de marisco vazio. E avança bamboleante sempre, ao sabor das aguas revoltas, as pás a ajudarem valentemente a manobra difficil, muito difficil até.

O mestre, em pé, abraçado ao mastro, dirige a faina trabalhosa. Tem no rosto encarquilhado e requeimado, a serenidade feliz dos rudes e dos valentes; e na cabelleira, que se ergue crispada á ventaneira fresca, carregada de emanações salinas, que corre da barra, o sol diverte-se pondo scintillações de oiro pallido.

— Eh! rapazes, agora, agora. . . Mais força!

E á sua voz cavernosa e forte e arrastada, dominando o rumor geral do vento, das aguas e das gentes, e que aos da companha parece a incitação de um semi-deus, o barco vôa, vôa até esbarrar com violencia estrepitosa nos primeiros planos da areia finissima, crivada de conchas, que se abre ao seu beijo brutal n'um sulco profundo, espantando as aguas que se esgueiram por largo em grossos fios de espuma. A filhita do Zé Gregorio vinha correndo então de lá, em grandes saltos, para o pae. O velho marinheiro acariciou-lhe o rosto sujo, mas formoso, e passou-lhe ás mãositas a escudella esbeçada—uma escudella de duas e meia gerações — coberta de peixes a bulir de vivinhos, de vivinhos. . .

— Péga, leva á mãe. Hoje, isto esteve mau: pouco pescado e um trabalhão dos diabos. Má raios partam esta sorte!

E enquanto a rapariga regressava correndo sempre, contente e feliz, o velhote (já lá vae, Deus lhe falle n'alma), com aquelle enternecimento passageiro dos idosos bons, remirava a filha, que já ia longe, e quasi esquecido dos ultimos affazeres, affirmava sorridente aos companheiros, que de atarefados não o ouviam:

— Vejam vocês como está cada vez mais bonita o dianho da pequena, benza-a o Senhor!

Efectivamente, o tio Zé Gregorio (Deus lhe falle n'alma) dizia a verdade. A pequena estava cada vez mais bonita. . . Um peixão.

*

Tarde de outubro. Hora de pescadores. Na linha branca do horisonte longinquo, o fumo de um vapor que passa põe uma mancha quasi imperceptivel na pureza celeste dos céus. . .

A. CAMPOS.



A BATALHA — Aspecto do monumento e d'uma parte da povoação — (Photographia de Carlos Relvas)

RODRIGUES DE FREITAS

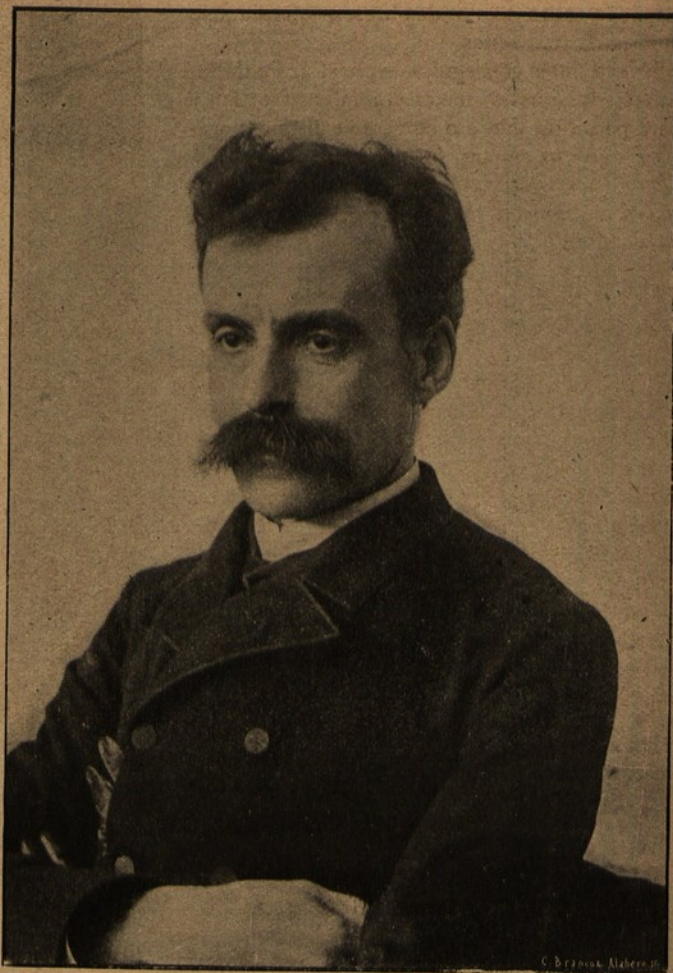
A morte d'este homem integro abriu nas fileiras do partido a que pertencia um vacuo insubstituivel. Não foi no combate nem na polemica que a sua penna illustre se exercitou, mas na analyse raciocinada dos acontecimentos, no esmiuçar dos factos que dia a dia iam apparecendo na sociedade portugueza e que joeirados pelo seu criterio elevado, sahiam lidimos de qualquer macula, não se entrevedo atravez d'elles mais que a sinceridade de quem os discutia, com a sua fina sciencia de os dissecar e pôr a nú.

Faz muita falta, uma irreparavel falta, este homem que era feito de uma peça só e que, entre os seus concidadãos, (em meio d'esta derrocada geral de sentimentos, teve a suprema honra — suprema n'esta hora final em que os caracteres se afundam na mais ignobil lama — de ser cognominado um *homem de caracter*.

Mereceu-o.; Nunca este predico coube tão bem n'um homem publico portuguez. Eile era a personificação de todas as virtudes e a estatua viva da honra sem macula. Atravez de gerações sem fé, pervertidas por uma falsa ideia de caracter, quebrando por vezes a dignidade, que devia ser inquebrantavel, de encontro a interesses escuros, elle passou, serenamente, erguendo vôo por mais altas esferas, na contemplação extatica dos grandes problemas sociaes.

Deve-lhe muito, deve-lhe immenso, esta sociedade que elle nunca maltratou porque era um delicado por temperamento, um fraco que era forte em apontar as fraquezas dos outros. Morreu abraçado na bandeira republicana em que o seu alto espirito via decerto uma fórmula transitoria, uma ponte de passagem para um futuro de mais rasgada e ampla liberdade. E morreu em meio de uma phase dolorosissima para a nação portugueza, que atravessa n'est'hora o mais terrivel transe que tem abalado os povos da humanidade. Elle, que era um inerte para a acção violenta mas que era um temeroso espirito, logico e frio, sem tergiversões que lhe pudessem desdoirar o nome, morreu exactamente no momento em que a inercia dos que poderiam ter vontade propria, e força, mais concorria para o grau de indifferentismo a que chegou o paiz.

De uma alta estatura moral, a imagem de Rodrigues de Freitas deve ficar gravada no coração de todos os portuguezes honrados, sem discrepancia de partidos ou de seitas, gravada a fundo, sem temor de esquecimentos provocados pelo inexoravel tempo, porque ella representará o bronze em que se inculpem as aspirações legitimadas do povo.



*

Factos memoraveis da vida d'este grande homem puro.

Passada a revolta do Porto, quando o governo pretendia pôr uma mordaza na imprensa republicana, usando de medidas repressivas, Rodrigues de Freitas que não tomára parte n'essa revolta, que não fôra consultado sobre a eleição que o *comité* revolucionario fizêra do seu prestigioso nome para o governo provisorio, com aquella hombridade que foi sempre um dos distinctivos do seu nobilissimo caracter, ao mesmo tempo que declarava que não fôra consultado para aquella eleição, achava palavras para justificar o advento de tal revolta, e declarava assumir toda a responsabilidade que, porventura, lhe quizessem attribuir em tal movimento.

O *Correio da Noite* publicou o seguinte episodio parlamentar que definia bem o caracter de Rodrigues de Freitas :

«Rodrigues de Freitas interpellava o ministro da guerra, o honradissimo general João Chrysostomo, por um acto da sua administração. Tendo o ministro respondido, replicou o sr. Rodrigues de Freitas, convidando-o a confessar o seu pretendido erro e lembrando-lhe que ninguem é infallivel, «nem mesmo o papa».

Esta phrase levantou um verdadeiro temporal na camara, n'essa camara que tanto honrou o parlamento portuguez e em que o clero estava representado por vultos da estatura de Pires de Lima, Alves Matheus, Antonio Candido e tantos outros.

A camara resolveu não admittir que se discutisse a questão religiosa. Estava-se antes da ordem do dia, todos tratavam dos assumptos para que haviam pedido a palavra e depois davam a sua opinião sobre o valor da phrase proferida pelo sr. Rodrigues de Freitas.

Só este não conseguira explical-a. Pediu insistentemente que o deixassem falar. Por fim a camara permittiu lh'o e o correcto e distincto orador, em minutos apenas, fez de improviso um notabilissimo discurso, uma oração primorosa, que os melhores artistas da palavra não desdenhariam, em que affirmou toda a elevação das suas crenças.

Foi n'esse discurso que elle, referindo-se a Antonio Candido, que ainda não debutara na camara, lhe chamou: «o primeiro orador da península». No dia seguinte Dias Ferreira repetia essa phrase e a nova allusão obrigava o orador a pedir finalmente a palavra, conquistando o extraordinario triumpho, cuja memoria ainda hoje se rememora como um dos maiores do parlamento portuguez »

O mais notavel, porém, dos seus discursos, foi o que pronunciou nas sessões de 7 e 9 de maio d'esse anno, sobre instrucção publica e que mereceu o applauso incondicional de toda a camara. Fez o illustre professor a apologia do systema de leitura de João de Deus e enalteceu o methodo Froebel, cujas vantagens tivera occasião de apreciar em outros paizes, onde a pedagogia prende a attenção dos poderes publicos e merece a consagração de largos estudos e de incessantes trabalhos de analyse.

Dissolvida a camara pela volta ao poder dos regeneradores, Rodrigues de Freitas, a quem este desdem pelos representantes do paiz irritára sobremodo, pôz o chapéu em pleno parlamento, mal que o decreto de dissolução foi lido e recusou terminantemente que o seu nome figurasse nas listas republicanas das eleições seguintes.

Como escriptor, Rodrigues de Freitas deixa poucas obras, porque o seu trabalho de tantos annos fica espalhado por diversos jornaes. Ainda assim, lembram-nos estas, de memoria :

A *Revolução Social*, folheto que deu á estampa no Porto em 1872, a proposito da Internacional e onde defende com singular vigor as reformas economicas que permittam á grande familia dos trabalhadores dias de maior bonança e de maior justiça; *Crise monetaria e politica*, ácerca da derrocada bancaria de 1876; *Elementos de escripturação mercantil*, trabalho que differe dos seus congeneres, pelo desenvolvimento theorico, lucidamente exposto; *Carta a Oliveira Martins sobre o Portugal Contemporaneo*, que publicou em 1881; *Crises commerciaes*, que deu á estampa na *Revista Occidental*; discurso pronunciado na Academia Polytechnica do Porto em 1 de outubro de 1857; discursos parlamentares proferidos na camara dos deputados em 1870-71; discurso sobre a instrucção publica, impresso por um grupo de amigos; collecção de artigos publicados no *Commercio do Porto* a proposito da celebre questão vinicola, e mandados imprimir pelos negociantes de vinhos d'aquella cidade; e um folheto sobre o illustre pedagogo Froebel, editado pela Sociedade de Instrucção do Porto.

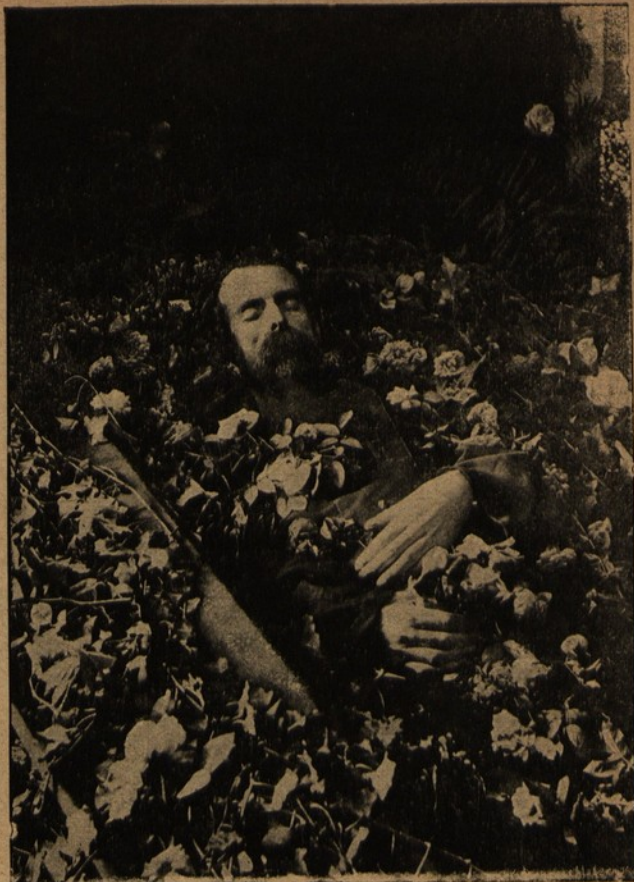
A sua maior obra anda dispersa pelos jornaes. Desde muito novo Rodrigues de Freitas teve uma predilecção manifesta pelos trabalhos jornalisticos, sendo muitos os periodicos que teem d'elle artigos politicos e economicos.

Foi durante muito tempo correspondente da *Gazeta de Portugal* e redactor do *Commercio do Porto*. O *Seculo* tambem teve a sua collaboração periodica em annos seguidos.

Uma vez os negociantes de vinhos do Porto, agradecidos á defeza por elle feita em larga série de artigos, da liberdade de commercio e contrarios á constituição privilegiada das companhias vinicolas, fizeram elegeo pelo circulo de Villa Nova de Gaya; Rodrigues de Freitas, porém, não tomou assento na camara e só ali voltou em 1893, com sacrificio extraordinario da sua saude, já muito precaria, e pelo esforço unico dos seus correligionarios politicos.

Está na memoria de todos, para que mereça repetir-se, o incidente que levou este homem illustre a resignar o seu logar.

Em 1890, quando o *ultimatum* inglez inflammára os animos e uma crise politica demorada e difficil preocupava os espiritos, foram buscal-o de novo, como conselheiro avisado, ao socego e á tranquillidade do seu lar. Rodrigues de Freitas, apezar de doente, não soube recusar-se; e, quer nos comicios patrioticos, quer na imprensa, quer na constituição da *Liga Liberal*, em toda a parte Rodrigues de Freitas se associou ás manifestações vibrantes d'essa epoca. Mas, passada a tempestade, voltou de novo á tranquillidade e regrada existencia em que se comprazia viver.



RODRIGUES DE FREITAS NO LEITO DA MORTE
(Photographia da casa Biel)

NA CAÇA

A Bulhão Pato



A CABAVA apenas de despontar o sol no horizonte. Alvaro deslisava ao trote rápido e leve do seu excellentíssimo Lord, velho companheiro das caçadas matutinas e de nocturnas excursões... — Volta Pombo, aqui Bliss!!

— Chame para lá os cães que me estragam a horta.

— Olé tio João, não viu por aqui passar o Mathias?

— Olha quem elle é! desculpe morgadinho... encoberto com a sebe não via, e como estava estremunhado, não conheci os cães... Ora Deus o salve!... O Mathias não vi, mas hade haver um bom bocicado que senti latidos na encosta do monte para as bandas da azenha; é natural que fosse a matilha d'elle.

— Vou até lá; ficou de me esperar na encruzilhada da estrada mas como cheguei tarde porque o estúpido do José me não chamou, já o não vi. Adeus, tio João. Volta Bliss! aqui Pombo!... Pst, galopa Lord, que o sol vacinado.

*

Pum... Pum...

— Um tiro; é para ali que caçam...

N'um relance transpoz o pedaço de estrada que serpeava por entre o olival que encobria a encosta. Ao des-
emboocar no valle, Alvaro avistou logo o Mathias, que encarrapitado no alto de uma charroqueira lhe acenava
com o lenço vermelho de ramagens brancas, desenrolado em ar de bandeira, no cano da velha espingarda.

— Este morgado sempre me prega cada uma... Anda Leão... ahi cachorro... busca... busca... oh, sr. mor-
gado, prenda o cavallo ali á beira da valla n'esse chaparro, fica á mão quando fôr preciso. Mande cá a Bliss que
aqui anda coelho:

.....
— Prompto tio Mathias, aqui está o Pombo, a Bliss e o estouvado do menino Alvaro, que lhe pede desculpas
de vir tão tarde.

— Essa é boa; o peor é o calor, já perdemos uma hora de caça e era a melhor.

— Foi o maldito do creado que me não chamou, o pobre Lord é que pagou, coitado, está esfalfado. Busca.
Bliss... qui... qui... qui...

— Elle ahi vae... *Pum... Pum...*

— Bello tiro, seu Mathias, estava difficil; confesso que o não matava.

— Dá cá Leão... dá cá cão... ai!...

Dizendo isto batia no chão a pesada arma, e rolava na mão um pedaço de esparto. Bem secco estava elle...
não que a filha, a Rosa, se esquecesse alguma vez de o ter pendurado na lareira... ella bem sabia como o pae
apreciava o cuidado que tinha com os seus arranjos de caça... Quando morreu a mãe, a Anna do Mathias, como
era conhecida no logar, a Rosa tinha apenas oito annos... sem mais familia habituara-se a velar pelos conchegos
caseiros que o tio Mathias, o Mathias Caçador, como era conhecido dez leguas em redondeza, tanto estimava en-
contrar á volta das suas excursões venatorias.

A pequena casinha branca, sempre muito caiada, avistava se d'ali, ao longe, nas serranias, entre pinheiraes sem
fim...

O avô do morgado dera um bocicado do pinhal ao pae do Mathias e dissera lhe: — Olha-me lá pela proprieda-
de... ouviste!...

O sitio era ermo e só o Valentão se afoitara a ir para ali viver; fez uma barraca com rama de pinho, e no in-
tervallo das voltas que dava ao pinhal foi edificando a casita, a mesma casita branca, sempre muito caiada, que se
avistava d'ali, ao longe, nas serranias, entre pinheiraes sem fim... O morgado dera-se por feliz com a lembrança.

Depois que o Valentão era guarda no pinhal, diminuíram os côrtes furtivos, acabaram os incendios e abundava em caça. Não que o Valentão não era homem para graças e quando passavam no alto dos montes ou no fundo do valle avistavam a casinha branca sempre muito caída, lá ao longe, nas serranias, entre pinheiraes sem fim . .

*

— Oh Mathias, é um bello coelho, e gordo . . .

— Pudera, se lhe não falta a herva lá em baixo na varzea . . . Olhe sr. morgado, estas charroqueiras por aqui eram a mãe dos coelhos e sempre tiveram fama. Hoje já ha menos mas não encontra mais rijas nas abas d'estas serras. Quando o meu pae, que Deus tem, me trouxe á caça a primeira vez, viemos aqui aos coelhos. Eu trazia a Doninha . . . que rica furôa sr. morgado, aquillo era mesmo um gosto a gente ver como ella ficava contente quando dava um coelho á rêde. Foi p'lo baptisado da sr.^a morgadinha . . . aquillo havia lá festa rija e o meu pae que Deus tem queria levar coelhos . . . muitos coelhos . . . Só ali aquella bocca deu seis e caso é que de então para cá me inclinei para a caça e não tenho feito outra cousa toda a minha vida . . . Prompto, está carregada . . . Para onde manda, sr. morgado? — olhe acolá áquella encosta: anda um bando de perdizes no centeio e bem boas que ellas são . . . vamos lá ou entretemo-nos por aqui? . . .

— Vamos ver se as encontramos; no entanto o calôr aperta e aqui na charneca não se pode aguentar, lá dentro do pinhal sempre ha sombra.

— Lá isso é verdade, mas olhe que não dou nada pela caçada, perdiz em pinhal . . . Emfim vamos lá . . . volta, Leão! . . .

*

— Olhe sr. morgado, acolá vão ellas a pés pelo atalho, já nos sentiram . . .; ora os diabos não vão para o pinhal novo? . . . depois não ha meio de lhes dar um tiro.

— Não estou em sorte . . . malditos cartuchos.

— Que é lá, sr. morgado?

— Um casal que se foi, errei fogo . . .

— Que pena não virem para cá, a clavina do Valentão dava um berro que até as depennava, nunca se me contou que ella errasse fogo . . . Pum . . . Pum . . .

. . . Cá está uma . . . ahi vae outra . . . oh, sr. morgado, atire . . . homem essa . . . então deixa a ir, hein! . . .

— Então que queres que faça, a espingarda errou fogo outra vez.

— Isso precisa lavada, homem, deixe-a lá ficar á minha Rosa, que fica bella, verá! . . .

— Nada, não é isso, são os cartuchos que não prestam, ou têm má polvora, ou estão retardados.

— Eu cá estou na minha, depois que começaram com essas ideias novas, é o que se vê, cada peça que passa bem a tiro . . . é certo o chapeo . . .

— Oh, tio Mathias, dê volta ahi por baixo a vêr se levanta alguma cousa; eu não me quero ir embora sem molhar a minha sôpa.

— Olhe, sr. morgado, vá direito á roca do pinhal pequeno que eu dou volta ali abaixo á saibreira; pôde ser que tope alguma no espojeiro e saio-lhe lá ao encontro.

— Está dito . . . volta, Bliss . . . chama para lá o Leão.

*

— Olá, temos caça por aqui . . . cautella Pombo, pchiu, Bliss . . . estes cães não enganam . . . ali está o cão parado . . . vá fóra, Pombo, deita fóra cão . . . safou-se a pés . . . busca . . . busca . . . pum . . . pum . . .

Um grito angustioso seguiu a detonação.

— Que foi? meu Deus!

O chumbo quasi embalado apanhara em pleno peito o pobre tio Mathias, que ouvindo fallar aos cães vinha em auxilio de Alvaro. A rama do pinhal novo muito espessa d'aquelle lado não deixou vêr o infeliz companheiro. Alvaro corre para o lado d'onde partira o grito e depara com o corpo do Mathias meio deitado entre a ramada e exangue.

— Mathias, Mathias . . . meu Deus . . . que desgraça . . .

— Sr. morgado . . . perdôo-lhe . . . lembro . . . Rosa, a minha Rosa . . .

E caiu morto.

*

O morgado deslisava ao trote rapido e leve do seu excellento Lord, pelo caminho que conduzia á herdade. Levava o espirito sombrio, o olhar ennevoado; e os olhos choravam quando viam a pequena casinha branca, sempre muito caída, que se avistava, ao longe, nas serranias, entre pinheiraes sem fim . . .

— Olé, morgadinho, já de volta?

— E' verdade, não encontrei o Mathias, e vou-me embora que o sol aperta. Adeus, tio João.

— Adeus, menino Alvaro, respeitos á sr.^a morgada.

*

Correu a noticia da morte do Mathias. Pobre homem, coitado, todos o estimavam. O vicio! o vicio fôra-lhe fatal, quasi nasceu dos mattos e caçando morreu. Um desastre; descarregara-se a arma e a carga varou-lhe o peito, coitado . . . E Rosa? . . . a filha? . . . Sósinha. Apenas 20 annos, formosa e ingenua; orvalhada pelos mattos, apascentando as cabrinhas . . .

Todos se condoiam ao pensar em Rosa, vendo a pequena casinha branca, sempre muito caída, que se avistava, ao longe, nas serranias, entre pinheiraes sem fim . . .

*

Haviam decorrido apenas tres mezês depois que o Mathias fôra enterrado a expensas da morgada e toda a aldeia corria festiva á herdade, assistir ao casamento do morgadinho D. Alvaro. O caso era muito commentado.

— Mas como a *fedalga* consentiu, dizia uma.

— E' verdade . . . e tão senhora que ella é, até faz incrível . . .

Meia hora depois, na capella da herdade o capellão da casa dos morgados do Alcôr, lançava a benção nupcial ao morgado D. Alvaro e á Rosa do Mathias.

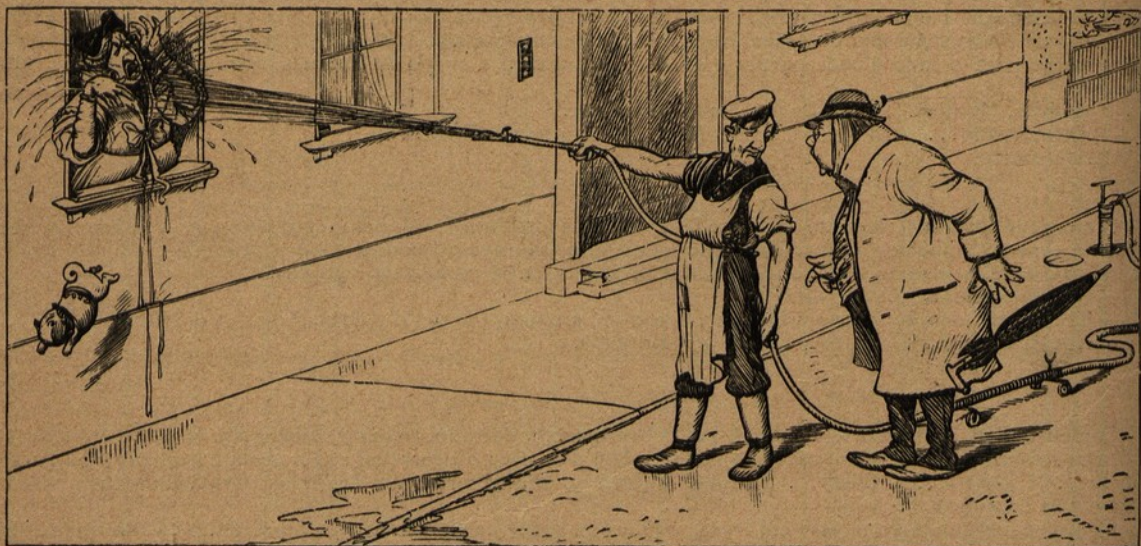
Nunca na aldeia souberam explicar a razão de tal enlace. Sómente o Leão rosnava sempre que via o seu novo dono, a quem nunca se poude afeiçoar.

UMA TRAGÉDIA



A' janella, com o tótó,
D. Aldonsa segue attenta
O homem que acalma o pó,
Lavando como um liró
A calçada lamacenta.

N'isto chega um bom burguez
Saltando por sobre a láma,
E com toda a polidez
Pergunta p'lo numero trez
Onde ha dentista de fama.

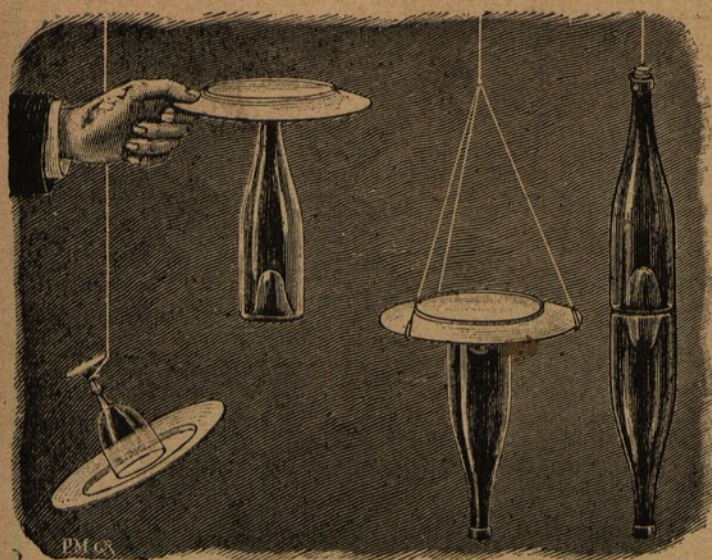


— Hom'essa! Aqui em Alfama
Não ha outro, póde crêr.
E' ali mesmo, o homem brama...
E aponta a mangueira á dama
Que dá urros de tremer.

Contando a dura partida
Dizia a velhota irada:
— Que scena tão atrevida!
Em dias de minha vida
Nunca fui tão alagada!

SÊCÇÃO RECREATIVA

A PRESSÃO ATHMOSPHERICA



O copo e o prato. — Suspendam do tecto um copo pelo pé e queimem por baixo d'elle um pedaço de papel: o ar dilatar-se ha pelo calor, o que produzirá, em consequencia do seu resfriamento, um vacuo relativo no seu interior; esse vacuo parcial será sufficiente para que a pressão athmosphérica faça adherir ao copo um prato de porcelana que se deve ter encostado solidamente ao rebordo do copo antes do resfriamento do ar que elle continha. Impedir-se ha a introduccção do ar exterior untando levemente com cebo o rebordo do copo.

O prato e a garrafa. — *As duas garrafas soldadas.* — Como a superficie do gargalo da garrafa é muito pequena, esta experiencia custa muito a levar a cabo; no emtanto, pôde conseguir-se fazendo o mais perfeitamente possivel o vacuo dentro da garrafa que se colloca por cima de uma panella d'agua a ferver; logo que a garrafa esteja cheia de vapor d'agua, deve applicar-se ao prato, tendo antes o cuidado de lhe ter untado o rebordo do gargallo; e quando o resfriamento tiver produzido um vacuo sufficiente, vêr-se-ha que, puxando o prato, este está adherente á garrafa.

As duas garrafas soldadas pelo seu fundo e a garrafa collada pelo fundo a um prato são experiencias mais fa-
ceis de conseguir. D'esta vez é o fundo das garrafas que se devem manter um instante acima do vapor d'agua.

COISAS UTEIS

ALMOÇOS DO MEZ DE JULHO

(Continuação do numero anterior)

DECIMO MENU

Figos — Presunto — Salame — Sardinhas frescas e grelhadas — Molhos de vitella de fricassé — Rosbeeff frio, com gelêa — Salada de feijões — Queijo — Fructas: Peras e damascos — Café e licores.

DECIMO PRIMEIRO MENU

Ovos estrellados — Sardas frescas grelhadas com molho maître d'hotel — Rins salteados com vinho branco — Presunto com gelêa — Croquetes de batata — Queijo — Fructas — Café e licores.

DECIMO SEGUNDO MENU

Bacalhau ao gratin — Costeletas de vitella com herbas frias — Omellete com toucinho — Queijo — Fructas — Café e licores.

DECIMO TERCEIRO MENU

Frituras de miolos — Linguado á hollandeza — Costeletas de carneiro salteados com batatas — Macarroni á italiana — Queijo — Fructas — Café e licores.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

SANTO ANTONIO

NOTAVEL DISCURSO DE

ALVES MENDES

Preço 300 réis. — Editor, Antonio Maria Pereira.

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

NADA

(POEMAS E VILANCETES)

POR

JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

MANUAL

DE

GYMNASTICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras, br. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

CASA FAVORITA

DE

F. SANTOS DINIZ

51 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 51

(AVENIDA DA LIBERDADE)

LISBOA

PIANOS COM MOTOR

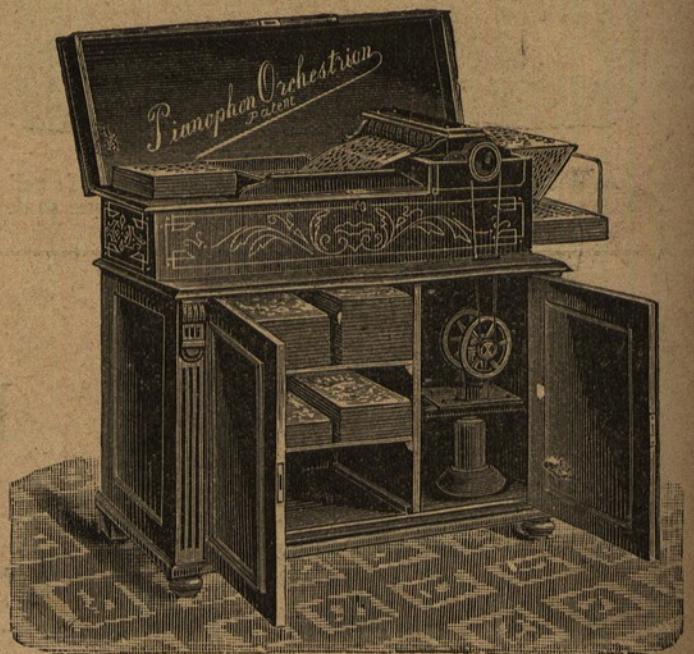
A **CASA FAVORITA** da Praça dos Restauradores, 51 (Avenida da Liberdade), acaba de receber um completo sortimento de **PIANOS COM MOTOR (sem teclado)**, e bem assim pianos melódicos com movel dos systemas mais aperfeiçoados. — O piano com motor representa o instrumento mais bello e mais barato. — A superioridade a todos os outros instrumentos, ou caixas de musica, consiste nas vantagens:

1.^a de se poder tocar seja qual fôr a musica das 1:000 de que consta o catalogo. — 2.^a de se poder tocar todo o dia sem interrupção e sem cuidado e correctamente. — 3.^a que o piano com motor é muito mais vantajoso em preço e transportabilidade. — 4.^a que desarranjos, etc., são quasi impossiveis. — **O PIANO COM MOTOR** produz a musica por cordas metallicas. O systema dos martelos vibrantes dão a este pequeno instrumento um som maravilhoso, lembrando o bandolim ou o piano. O conjunto é d'um effeito maravilhoso, e o instrumento por si mesmo regula, por um mechanismo muito engenhoso, o Pianissimo, Crescendo e Fortissimo, segundo a musica original.

TODOS, mesmo os conhecedores, ficam encantados da musica e som, e admiram a sonoridade e afinação do pequeno instrumento. — A musica distingue-se pela sua perfeição, não fazendo ouvir nenhuma desharmonia.

As musicas são indestructiveis (tela com papelão, dos dois lados) o seu comprimento é illimitado sempre segundo o original, de modo que se pôde tocar Overtures, Pot-Pourris, etc.

O repertorio é grandioso e bem escolhido — 1:000 bocados de composições populares. **O PIANO COM MOTOR** além de bonito movel, substitue completamente o piano de 40 ou 50 libras, tendo uma força de som capaz de fazer dançar n'uma sala 300 pessoas. Qualquer creança o pôde manejar. — O motor funciona sem perigo, não exige cuidado, e toca dia e noite.



A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTAÇÃO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Burnay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.^o, LISBOA

BRANCO E NEGRO



O DESCANÇO DO MODELO

PREÇO 40 RÉIS

Nº 20

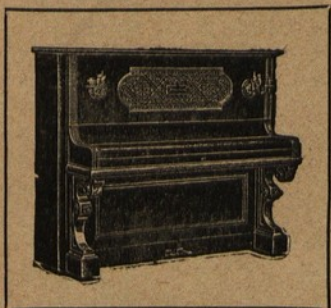


FORNECEDOR DA CASA REAL



FORNECEDOR DA CASA REAL

LAMBERTINI



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÉRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTIER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edições economicas.

Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1\$100 réis	2\$200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1\$300 "	2\$600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1\$050 réis	2\$100 réis	4\$200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMENARIO ILLUSTRADO

N.º 20

LISBOA, 16 DE AGOSTO DE 1896

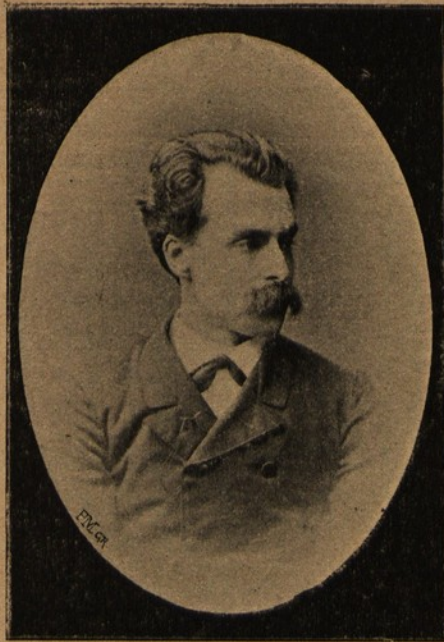
1.º ANNO

MONUMENTOS DE PORTUGAL



SANTA CRUZ DE COIMBRA — (Photographia do amator sr. Abilio Guerra)

RODRIGUES DE FREITAS



RODRIGUES DE FREITAS AOS 22 ANNOS

DANDO hoje a reprodução de uma excellente photographia de Rodrigues de Freitas, quando novo, aproveitamos o ensejo para dar mais desenvolvida noticia biographica, certos de que os nossos leitores se não fatigarão com a leitura que, por se referir a um homem de tão elevadas qualidades de character e figura predominante no nosso meio, deixou no coração de todos os portuguezes uma magua inextinguível.

Seu pai, um velho voluntario do cerco do Porto, desejava a destino a vida ecclesiástica; e tanto que n'esse intuito, o fez cursar algumas aulas do Seminario diocesano, ao tempo em que ali professavam egressos de provado talento, como o padre mestre Baltazar e outros; e igualmente o induziu a assistir, de habito talares, a diversos serviços religiosos. Rodrigues de Freitas, porém, depressa arripiou carreira, norteador outro destino, entrando para a Academia Politechnica, onde conquistou, com premios em todos os annos do curso, a carta de engenheiro de pontes e calçadas.

N'esse tirocinio principiou, para logo, a revelar a sua facilidade e elegancia de elocução. O velho lente do primeiro anno mathematico, distincto e considerado, de grande severidade nas classificações escolares, o Soares, o *dr. Pelotas*, como lhe chamavam os rapazes, por elle ter professado na cidade de Pelotas, Brazil, reconheceu no moço estudante o natural pendor discursivo: é, quando se offerecia alguma lição que permittisse mais a expansão da loquacidade, era certo dizer: — «Hoje tem a palavra o sr. Freitas». Já assim lhe chamavam, simplesmente, — o Freitas, expressão que se coadunava com a sua franzina e gracil figura, que era ao mesmo tempo a indicação carinhosa do character limpo, translucido e meigo, que se revelou sempre em toda a sua vida particular e publica.

Da precocidade das suas aptidões plumitivas dá nos prova a tradução que aos 14 annos fez publicar da obra «Hints to travellers in Portugal», com o titulo «Uma viagem em Portugal», do rev. E. Witheley, director da communhão anglicana do Porto.

Em 1864 adquire, em brilhante concurso, o lugar de lente substituto das cadeiras de commercio e economia politica na Academia Politechnica, sendo tres annos depois promovido a lente proprietario.

Embora constantemente absorvido pelo estudo das materias que professava, porque estudava a valer, e mal podendo acudir a quantos reclamavam o valioso e autorisado concurso da sua penna para diversos jornaes, ainda assim achou tempo para affirmar o seu talento, em varias publicações.

Assim, aos 24 annos faz estampar: «A Igreja, Cavour e Portugal» e «Breves reflexões sobre a questão bancaria», seguindo-se-lhe: «Notice sur le Portugal», estudo ácerca do estado administrativo e economico, industrial e commercial de Portugal, com mappas, tabellas e estatisticas, impresso em Paris, trabalho que o ministerio das obras publicas lhe incumbiu em 1866; «Discurso pronunciado na Academia Politechnica do Porto no dia 1 de outubro de 1867»; «Discursos parlamentares proferidos na camara dos deputados em 1870-1871»; «Crise monetaria e politica de 1876, causas e remedios»; «O Portugal contemporaneo do sr. Oliveira Martins»; «Revolução social ou analyse das doutrinas da Associação Internacional dos Trabalhadores»; «Elementos de escripturação mercantil»; «Crises commerciaes». Segundo nos informam, trabalhava actualmente em uma monographia sobre os irmãos Passos, José e Manuel.

O cabedal scientifico e litterario que deixou disperso pelas diversas folhas de Portugal e Brazil, em que, durante mais de 35 annos, collaborou, encheria volumes e volumes que seriam de preciosa recorrencia para esclarecer as mais variadas e complexas questões financeiras, administrativas, etc., etc.

Rodrigues de Freitas debutou na vida jornalistica, collaborando no extincto «Eco Popular», onde o apresentou o antigo redactor do «Commercio do Porto», sr. Guerra Leal, hoje reverificador da alfandega. Aquelle periodico, pertencente a um acerrimo partidario dos Passos, como que advogava ainda as ideias dos dois irmãos, e foi n'esses principios que o novel escriptor se inspirou, ao terçar as suas primeiras armas na imprensa; continuando sempre a ter pelas doutrinas, pelas primeiras aspirações e pelo character de Manuel da Silva Passos, mais que admiração, um verdadeiro culto, posterior e successivamente revelado nos seus escriptos e discursos.

Muitos jornaes solicitaram e tiveram a sua collaboração, mas foi ao nosso prezado collega «Commercio do Porto» que mais efficaz e duradoura a prestou, em diversissimos assumptos, que a um e a outro deram nome, autoridade e credito, podendo affirmar-se que ali conquistou as suas esporas d'ouro, n'este torneio da actividade intellectual.

Fez a sua estreia parlamentar nas côrtes que reuniram depois do memorando golpe d'Estado de 19 de maio, que derrubou violentamente o ministerio historico presidido pelo duque de Loulé e a que se seguiu a dictadura do marechal Saldanha. Elegera o o circulo de Valença para essa legislatura, que pouco durou, tendo começado em 15 d'outubro de 1870 e terminado, por dissolução, em 3 de junho de 1871; e o discurso que então pronunciou ao discutir-se o «bill» d'indemnidade, na sessão de 9 de dezembro, produziu em todo o paiz a mais agradável e profunda sensação, sendo o orador calorosamente felicitado pelos ideaes liberaes e sentimentos patrioticos que revelou.

As suas evidentes aptidões e sobretudo as geraes sympathias que grangeara pela sua inconcussa probidade e nobreza de character fizeram o eleger depois successivamente deputado ás côrtes: pelo Porto (1871-1874); idem (1879); idem (1880-1881). Na sessão de 12 de fevereiro de 1886 foi approved um parecer da commissão de poderes, que declarou vago o lugar de deputado pela minoria do circulo do Porto e proclamado deputado da nação, para preencher essa vacatura, o cidadão Rodrigues de Freitas; mas elle declinou essa honra, declarando não se achar com forças sufficientes para cumprir os deveres proprios de deputado da nação.

Na eleição de 1878 Rodrigues de Freitas foi eleito pelo circulo central do Porto, juntamente com Marianno de Carvalho e Adriano Machado; e no comicio que os tres realizaram no Principe Real, para agradecer aos electores, recebeu elle uma corôa de louro, manifestação pro-novida pelos nossos collegas Sousa e Silva, Manuel Maria Rodrigues, Acacio Pereira, Silva Bravo, e por outros cavalheiros.

O discurso que então proferiu entusiasmou quantos o ouviram.

Em outubro de 1889, por iniciativa do commercio exportador de vinhos da cidade do Porto, foi Rodrigues de Freitas eleito deputado por Villa Nova de Gaia para a legislatura de 1890; mas a sua saúde, já muito abalada, não deixou frequentar assiduamente o parlamento, onde nunca mais compareceu.

Entre outros projectos de lei que apresentou durante o exercicio do seu mandato, contam-se os seguintes: sobre o modo de satisfazer a importancia das licenças de que tratava a lei de 1 de julho de 1869; acerca da confirmação do decreto de 11 de abril de 1865, que regulava a admissão dos cereaes estrangeiros e farinhas; relativamente a ser abolido o exclusivo da emissão das obrigações prediaes, concedido á Companhia de Credito Predial, estabelecendo o modo como deviam ser regidas as sociedades anonymas de credito predial que viessem a ser fundadas em Portugal; com respeito á modificação de alguma das disposições da lei de 22 de julho de 1867, relativas aos bonus de credito agricola e industria.

O velho barão de S. Clemente, que tão justas apreciações formulou dos parlamentares do seu tempo, escreveu d'elle:

- «Expressava se franca, clara e distinctamente, dizendo o que sentia e reputava a bem da sua patria.
- «Professava principios politicos um pouco avançados, que defendia com desassombro, coragem e dignidade.
- «A analyse das medidas submettidas á apreciação e resolução das côrtes era feita com rigor, mas, ao mesmo tempo, com a maior e mais completa imparcialidade.»

Conta se que o Sampaio da «Revolução», ao reparar que o Fontes se impressionára quando o vira no seu lecto, academico e correcto porte, defender desassombadamente as suas ideias, o definira politicamente, n'esta phrase: — «E' um republicano romantico.» Effectivamente, como politico, propriamente dito, como membro do partido a que pertencia, elle era mais um doutrinario, um evolucionista.

Quando foi do desastre bancario de 1876, a larga competencia especial de Rodrigues de Freitas authenticou-se, mais uma vez, no livro *A crise monetaria e politica de 1876. Causas e remedios.*

A este proposito, sahio em Aveiro um opusculo escripto pelo illustrado negociante Agostinho Duarte Pinheiro Silva (hoje fallecido), então presidente da camara municipal d'aquelle concelho, em fórma de carta, endereçada a Rodrigues de Freitas e, sobre o *Exclusivo da circulação fiduciaria*, procurando rebater o liberalismo economico, em caracteristico do systema de opiniões de Rodrigues de Freitas.

Respondeu Rodrigues de Freitas, em outro opusculo, a Pinheiro e Silva, e deixou, victoriosamente, o assumpto liquidado.

Pouco depois, fez publica uma analyse do *Portugal contemporaneo*, de Oliveira Martins.

E' esta uma apreciação minuciosa, em que corrige varios erros, de facto e de interpretação, d'esse eloquente e bizarro pamphleto historico. E' sobretudo, digna de nota, pela sentida nobreza que a dicta, toda a parte referente á revindicação da memoria politica dos dois Passos, de quem possuia copias e correspondencias autographas, e as memorias d'um diario impressionista.

Referem-se numerosos factos da sua vida particular, que definem a belleza da sua alma e a rectidão do seu character, mas apontaremos apenas dois, que o tempo urge e o espaço escasseia; quando a morte lhe roubou a esposa com quem casara em primeiras nupcias, devolveu ao sogro tudo quanto lhe pertencera, incluindo um pequeno cofre com o dote, nas mesmas moedas d'ouro que ella levára; e uma vez, quando obteve licença de 30 dias para viajar pelo estrangeiro, sabendo que as folhas tinham sido processadas com o respectivo vencimento de 900000, mandou devolver ao ministerio do reino essa quantia, por entender que não lhe pertencia, visto não ter saído em serviço do paiz.

Rodrigues de Freitas uniu-se, em segundas nupcias, com uma senhora allemã, que foi sua enfermeira dedicadissima.

Com a esposa querida, muitas vezes recitava Rodrigues de Freitas o adoravel soneto de Anthero de Quental «Na mão de Deus».

Foi na hora extrema do illustre morto que a sua idolatrada companheira lhe quiz reconhecer o alento, recordando esses versos sublimes.

— Na mão de Deus? — disse a sr.^a D. Luiza Rodrigues de Freitas.

E o moribundo apenas poudo significar com dois ligeiros acenos de cabeça que comprehendera a dôce intuição d'essa recordação.

A poesia de Anthero é esta:

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou a final meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Descia a passo e passo a escada estreita.

Como as flôres mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A fó. ma transitoria e imperfeita.

Como creança, em lobrega jornada,
Que a mãe leva ao collo agazalhada
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Rodrigues de Freitas era de uma austera virtude como o provam milhares de factos da sua vida particular e intima. Ha, porém, casos descobertos depois da sua morte que dão ainda um relevo mais sympathico á sua phisicologia moral. Trabalhando integramente 35 annos deixou apenas quatro contos de réis a sua irmã, a quem sustentava, ao primeiro sogro e á primeira cunhada! Dava, em sua vida, pensões de 5000 réis mensaes, o minimo, a diversas familias indigentes que o deploram agora; e, além d'esta caridade sem ostentação, dava infinitas esmolas. Tal o homem que foi um dos maiores portuguezes do seu tempo, o que reuniu mais todas as qualidades civi-

tas e todas as qualidades de coração.

AS PRAIAS

A NAZARETH

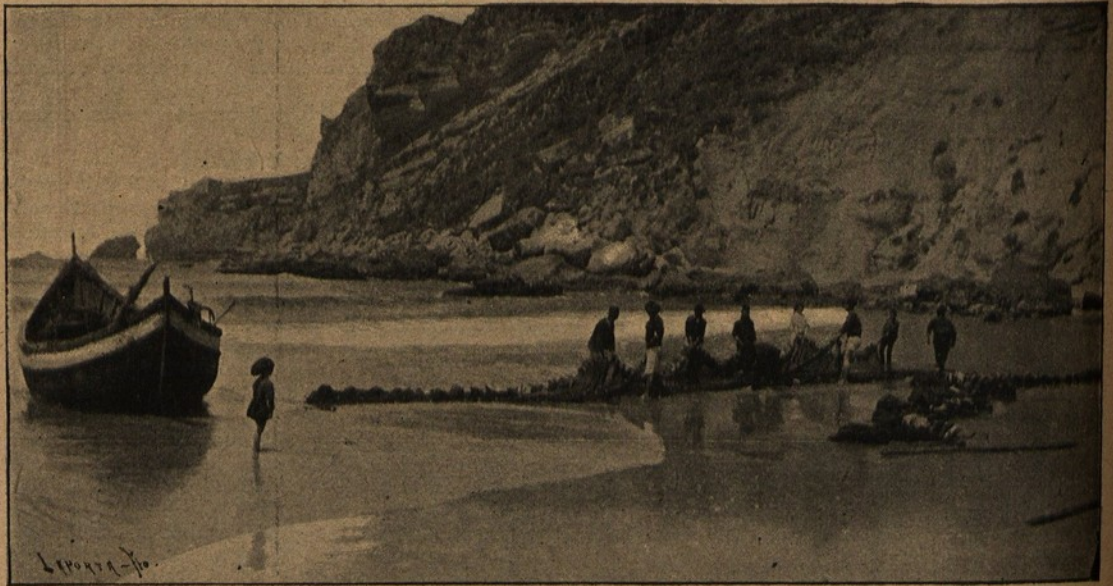
QUANDO o setembro chega já as malas estão feitas — tudo está preparado para a viagem : os que vão para as praias, os que vão para o campo...

A vida da cidade atrophia : o constante *struggle for life* em que durante o anno se ha consumido uma boa parte da actividade individual está a pedir, n'um parenthesis de quietação de corpo, a paz salutarissima do espirito!

São os banhos ! E' a epoca em que o organismo — vão lá conseguir o contrario ! . . . — talvez por habito, não sei mesmo se por *coquettismo physiologico* nos obriga a bater em retirada, a fugir, indo procurar á beira do oceano, ou nas regiões montanhosas — onde a vida passa despreoccupadamente, sem um azedume — a paz invejavel, a santa idealisação d'um viver semelhante ao dos patriarchas biblicos ! . . .

E' fatal ! Não ha remedios, não ha nada que nos cure ! — a não ser a ida aos banhos ! E' quasi uma monomania em Portugal esta d'ir procurar n'uma estação d'aguas a cura d'essas doenças que, muita vezes, em realidade apenas existe em pensamento — áparte excepções. Mas a maioria é assim ! Uns vão para flirtar, outros para descançar da monotonia quotidiana dos negocios : a maior parte para satisfazer a praxes convencionaes ! E' distincto!

O sul, principalmente a provincia da Extremadura, quando o setembro chega, vae quasi em massa até a Naze



NA BAIXA-MAR : A LAVAGEM DAS REDES — (Photographia do amator sr. Abilio Guerra)

reth ! As casas são disputadas quasi a socco : os hoteis enchem-se de gente : no club, pelas ruas, os forasteiros acotovellam-se . . . E' o mez das festas — os cirios, as procissões, as touradas . . .

Depois, como se isto já não bastasse para que aquella praia convergisse uma concorrência desusada, accresce ainda a belleza d'aquella deliciosissima região do litoral.

E' incontestavelmente uma das praias mais bellas de Portugal ! A parte alta, sobretudo, a que chamam o *sítio* e onde fica situada a Real Capella e a ermida erecta no local onde, segundo diz a lenda, aconteceu o milagre do D. Fuas, é sobremaneira encantadora ! O panorama que d'ali se disfructa é maravilhoso ! Para o lado do mar, em dias claros, distinguem-se perfeitamente, lá ao longe, as Berlengas ! Para o sul branqueja ao sol, ainda que muito distante, a Marinha Grande ; Alcobça apparece-nos radiosa, mais áquem, como que querendo irromper d'uma cova, trepando pelas altas serranias que a cercam ; e, não dilatando tanto a vista, teremos alli bem perto, no cimo d'um monte, a Pederneira ! E' aqui a séde da freguezia ! A unica importancia d'este logar — que outr'ora foi muito povoado — é, a nosso vêr, a sua posição topographica. E' realmente surprehendente o ponto de vista que d'alli se disfructa !

*
* *

E' devido á amabilidade do nosso respeitavel e distinctissimo amigo, sr. Abilio Guerra, digno vice-presidente da Camara Municipal do Cartaxo, que hoje publicamos duas photogravuras d'aquella praia.

*
* *

A proposito da praia da Nazareth parece-nos curioso transcrever das *Praias de Portugal*, de Ramalho Ortigão, o seguinte, que refere os milagres da Senhora da Nazareth :

A imagem da Senhora da Nazareth, cuja capella foi edificada em 1370 pelo rei D. Fernando, foi tida durante muito tempo como uma das mais milagrosas de toda a christandade. E' de madeira pintada, tem palmo e meio de

altura e dizem que foi trazida de Nazareth para Merida, onde esteve algum tempo, e de Merida, para o logar em que actualmente se acha. A primeira ermida foi construida por Fuas Roupinho, de Porto de Moz, no tempo de Affonso Henriques. A imagem estava a esse tempo collocada entre duas rochas no sitio chamado a Memoria. Sabem certamente a historia do milagre que originou a gratidão piedosa de D. Fuas.

Elle andava caçando no dia 14 de setembro de 1182. A manhã estava ennevoada e sombria. Os cães levantam um veado, que parte á desfilada perseguido pela matilha e seguido de perto por D. Fuas. De repente o solo desaparece debaixo das mãos do cavallo de D. Fuas, que havia chegado á orla do grande rochedo cortado a pique na altura de 200 braças sobre o mar. D. Fuas grita pela imagem da Senhora que elle tinha visto na Memoria. O cavallo empina-se e estaca, tendo o cuidado de marcar a rocha com o vestigio das ferraduras. D. Fuas apeia-se e vem dar graças á Virgem por havel-o livrado de se despenhar no esbarradouro. O veado pela sua parte desapareceu, facto de que se deduziu que elle não era mais nem menos do que o vivo demonio disfarçado em caça.

Desde que se erigiu a capella edificada por D. Fuas, os milagres tornaram-se consecutivos e extraordinarios. Doentes sem falla, sem vista, paralyticos de pernas e braços, tendo consultado os medicos, tendo tomado os banhos proximos nas Caldas da Rainha, chegam em piedosas romagens e recuperavam a saude junto do altar da Senhora.

De cada milagre se fazia registro em um livro devidamente escripturado, onde a narrativa era authenticada com o depoimento e assignatura de muitas testemunhas. D'esse livro existente no cartorio da Senhora se tirou cópia e muitos dos termos n'elle exarados se acham incluidos na obra publicada em 1628, sob o titulo : *Antiguidade da sagrada imagem de Nossa Senhora da Nazareth*, por Manoel de Brito Alão.

Muitos dos casos ahi referidos não são puras mystificações phantasiadas por escriptores interessados nem me-



UMA ENVIADA — (Photographia do amator sr. Abilio Guerra)

ras illusões dos sentidos referidas de boa fé por individuos allucinados. N'essas simples narrativas acompanhadas dos pormenores mais característicos transparece a expressão da verdade. Lemos com profundo interesse o livro a que nos referimos e lamentamos que o caracter ligeiro d'este *Guia* não consagrado á attenção dos philosophos mas ao recreio dos banhistas nos prive de demorar-nos um pouco como mero *diletante* na analyse pathologica dos casos referidos no tomo dos milagres operados por interferencia da imagem de Nossa Senhora da Nazareth.

Os antigos milagres de Nossa Senhora da Nazareth podem já hoje ser affoitamente analysados e ratificados pela critica sem receio de que as interpretações da sciencia fechem á cura ou ao alivio das pessoas religiosas as portas d'essa grande pharmacia sympathica e veneranda que se chama a Fé.

Infelizmente a Senhora da Nazareth ha muitos annos que não faz curas. No dia do milagre de D. Isabel de Moura quatrocentos enfermos compunham a romagem que implorava a intervenção therapeutica da Virgem. Hoje em dia, a não ser á hora matutina da missa conventual, o templo está deserto. O ermitão desapareceu. O administrador do culto deixou de existir e o tomo dos milagres e maravilhas em que o abade Manoel de Brito Alão registava em cada dia um successo novo passou da banqueta da igreja para a collecção das curiosidades bibliographicas.

Novas imagens modernas e estrangeiras vieram tirar a virtude ás velhas imagens portuguezas. Passou o tempo da Senhora da Nazareth na antiga villa da Pederneira; passou o tempo de Santa Iria em Santarem; passou o tempo de S. Torquato em Guimarães.

Agora é Nossa Senhora de Lourdes que está fazendo os milagres, principalmente entre a sociedade culta, que sabe ser devota em francez ou que segue eruditamente as traducções mais recentes das bibliothecas romanticas. Que os interessados aproveitem, enquanto é tempo, a efficacia d'este novo elemento maravilhoso! Os milagres são como os medicamentos da moda ácerca de um dos quaes dizia um medico citado por Littré a uma senhora que o consultava :

— Sim, póde tomar-o, mas tome-o já -- enquanto elle cura !



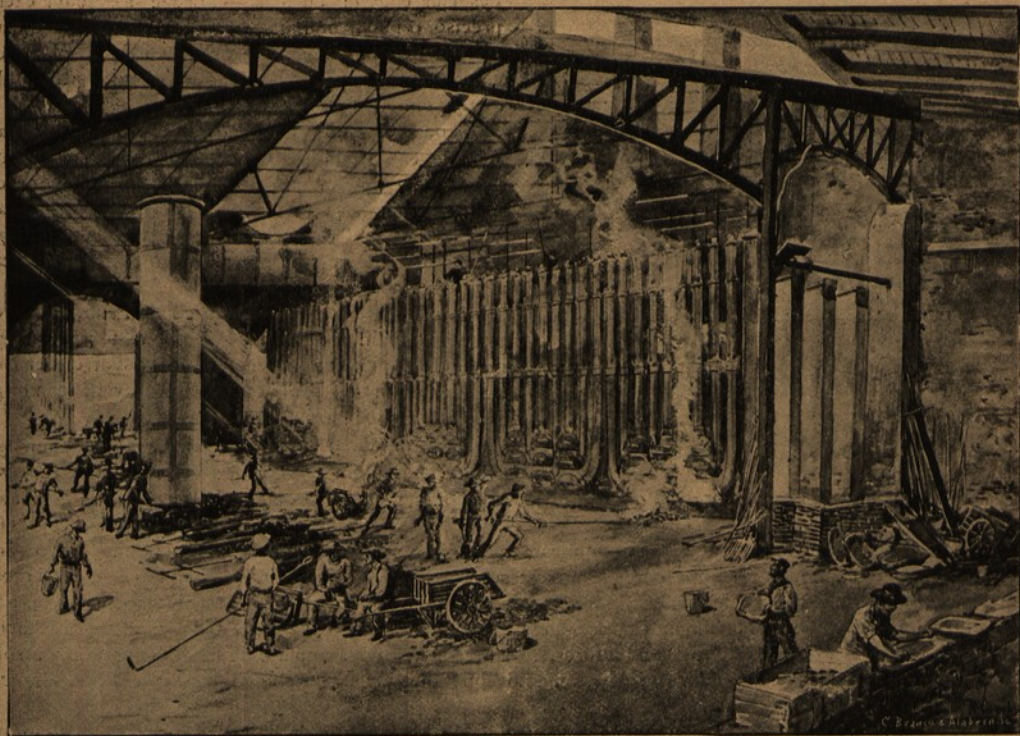
LISBOA — A ESCOLA FROEBEL NO PASSEIO DA ESTRELLA

ACTUALIDADES

A QUESTÃO DO GAZ

Por nos parecer de todo o ponto interessante, damos hoje varios aspectos das officinas do gaz, na Boa Vista e Bom Successo, acompanhados da descripção do fabrico do gaz que é assim succintamente feito :

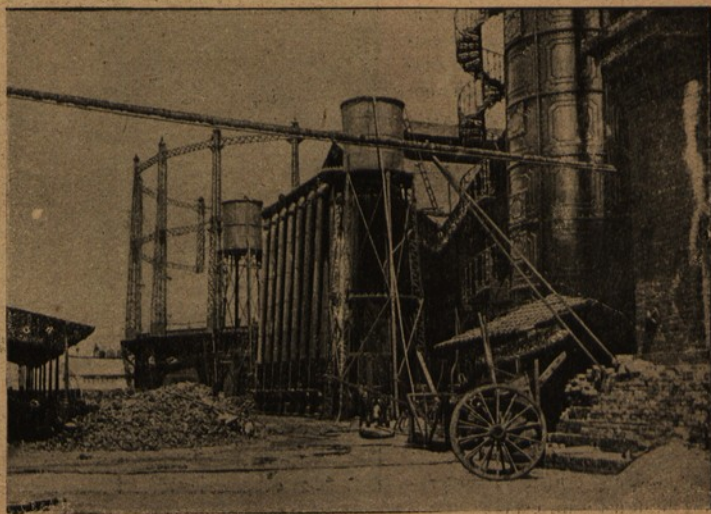
Ha que distillar a hulha a secco em retortas de barro refractario. Essas retortas são compridas de secção ellyptica e podem conter proximamente 100 kilos de hulha.



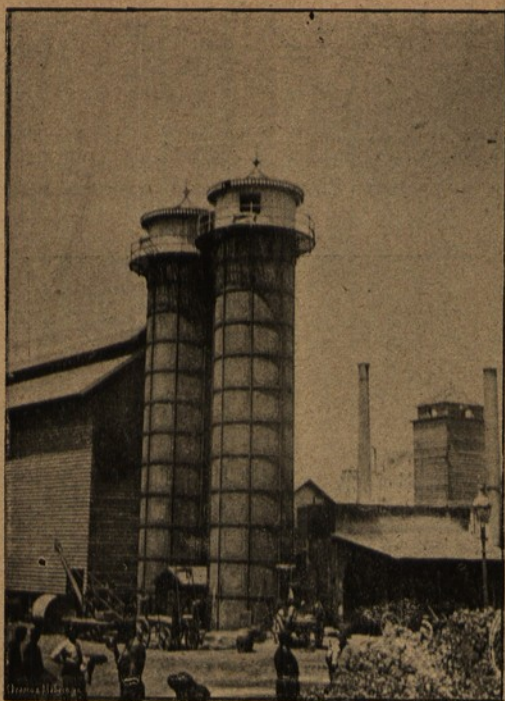
BOA VISTA — Fornos (fig. 1)

São dispostas em grupos de duas ou tres ordens — constituindo cada grupo o que se chama uma bateria. Essas retortas ou são aquecidas em fornos de coke, cada grupo no seu forno, ou o aquecimento é feito mais economicamente por meio de gazogeneos, systema que consiste em fazer atravessar pelo ar uma camada de coke em ignição ; essa disposição é subterranea — e pela passagem do ar pelo carvão consegue-se um gaz rico em oxydo de carboneo que se queima depois com uma extraordinaria elevação de temperatura, aquecendo depois por sua vez as retortas — as retortas teem exteriormente (fig. 1) uma parte saliente com um obturador de ferro que se fecha e luta depois de se lhe introduzir a hulha, e é d'essa parte saliente que surge em cada retorta o tubo de descarga do gaz e productos volateis.

No fim de proximamente 4 horas ha que descarregar as retortas — só a pratica diz o momento em que ha que despejar uma retorta, retirando-lhe o coke (residuo so-



BOM SUCCESSO — Purificadores, jogo d'orgãos (fig. 2)



BOA VISTA — Condensores fig. 3)

4) contendo substancias promptas a destruir chimicamente impurezas que ainda o gaz contenha, como são o acido carbonico, acido sulphydrico e productos a que estes corpos podem dar logar. A' mistura empregada para essa purificação junta-se serradura de madeira (pinho, correntemente) para lhe dar superficie e porosidade. Effectuada assim a purificação sahe finalmente para o gazometro (fig. 5). Ahi o gaz é recebido sobre agua. E' acima do nivel da agua que abrem os tubos conductores. A campanula movel, ampla e de ferro (assente assim sobre agua que produz uma vedação hydraulica) sobe á medida que o gaz entra e exerce depois uma pressão quasi igual para a sahida para a canalisação.

Além do gaz illuminante usado na illuminação e aquecimento a distillação da hulha dá logar a muitos outros productos. Vimos que o principal residuo solido é o *coque* aproveitado em aquecimentos; ora na parte superior das retortas deposita-se ainda uma camada uniforme de carvão chamado *carvão das retortas* a empregar nas pilhas, capsulas, cadinhos. Como residuos liquidos a aproveitar na agua de lavagem temos: *aguas ammoniacaes*, e os alcatrões que por distillação fraccionada dão successivamente: *benzina*, *naphtalina* e *acido phenico*, olcos creosotados (d'onde se tira a creosota) anthracena (que serve no fabrico da alisarina, substancia corante vermelha). E finalmente ainda nas caixas depuradoras se póde aproveitar o enxofre que ahi se forma bem como o chamado *azul da Prussia* (cyaneto de ferro). Isto suppondo que a mistura usada é a de Laming, (hydrato de peroxydo de ferro e sulphureto de calcio).

Vê-se pois a importancia industrial da distillação da hulha e não ha decerto fabrico algum onde com tal simplicidade de materia prima tanto se possa conseguir.

* * *

As origens e historia da greve que findou foram estas:

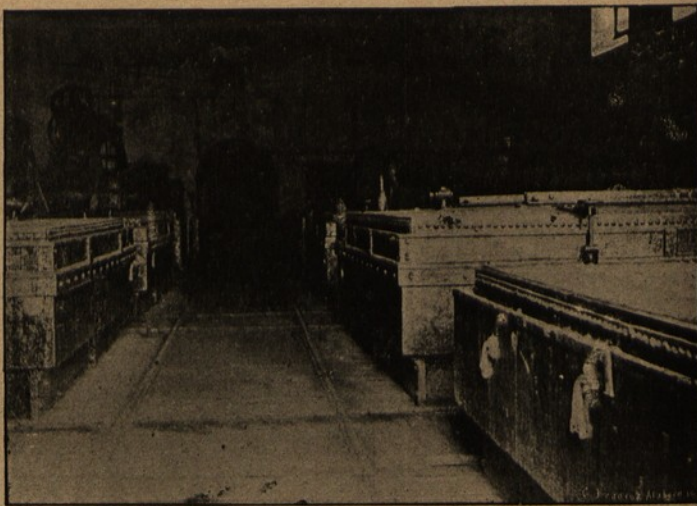
O conde de Somzé, belga, o

lido que fica da distillação da hulha) para de novo a encher d'hulha; a retorta está ao rubro cereja, aproxima-se o carro da bocca da retorta a descarregar, abre-se-lhe a tampa e com uma haste de ferro, d'alguns metros de comprido pucha-se o coke em ignição para dentro d'esse carro — ahi extingue-se o fogo com baldes d'agua. — O trabalho dos operarios fogueiros, ajudantes e extintores é feito a uma temperatura violentissima. — E em cada bateria (que tem por exemplo 9 retortas na officina da Boa Vista) ha que bem saber o momento de despejar cada uma d'ellas. — Porque se exceder o tempo preciso, o poder illuminante do gaz é fraco, e se a hulha distillar incompletamente o rendimento gasoso será concludentemente menor. — Provem d'isso a dificuldade que ha em improvisar fogueiros.

Todos os cilindros de descarga do gaz que emergem de cada uma das retortas vão communicar superiormente com um outro tubo de ferro (*barruete*) com agua — ahi começa a chamada *purificação* ou *depuração* do gaz (por se dissolverem e condensarem alguns productos que o acompanham como são saes ammoniacas alcatrões, etc.)

Lavado assim o gaz, ainda contem substancias que é preciso eliminar; isso faz-se geralmente no *jogo d'organos* (fig. 2) pelo resfriamento que além d'arrefecer o gaz faz condensar os productos condensaveis, como, por exemplo, agua, benzina, nephtalina, etc.

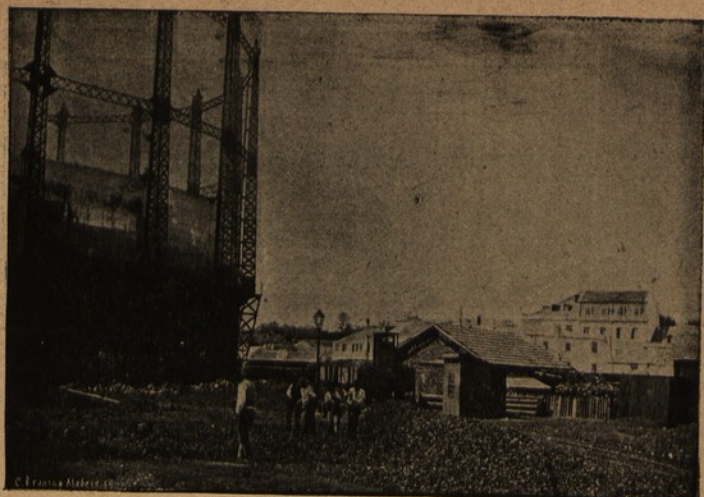
Pode ainda passar em lavadouros — columnas de coke regadas com agua fria, e nos chamados *condensores* (como na officina da Boa Vista, fig. 3). Resta ainda purificar-o chimicamente, fazendo-o atravessar caixas (fig.



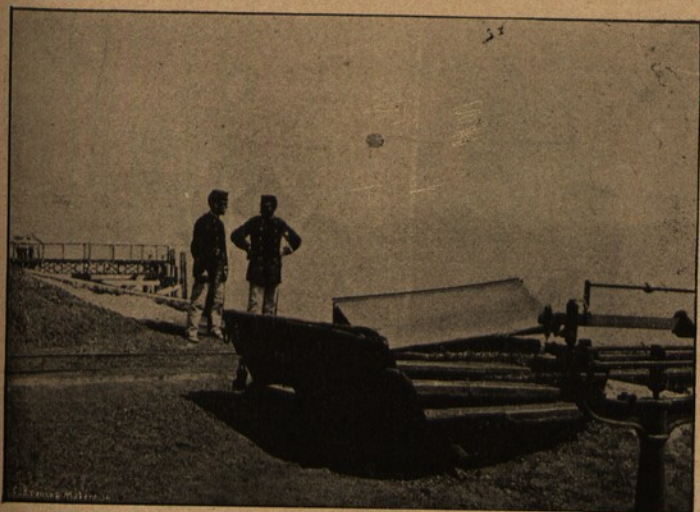
BOA VISTA — Casa das caixas (fig. 4)

maior accionista da Companhia do Gaz, mandou para Portugal um homem da sua confiança, o engenheiro Favette, para dirigir os negocios da Companhia.

Chegado a Lisboa, o engenheiro Favette, posto ao facto do que aqui se passava e das medidas que convinha adoptar para o bom andamento e regularidade dos negocios que lhe estavam confiados, nomeiou, em vez de tres engenheiros, como pensára de principio, um só, o engenheiro Cordeiro, e dois mestres, medida esta que era a seu vêr, mais pratica e mais proveitosa. Um d'estes contra mestres era o chamado Henry que veio do Porto, a pretexto de auxiliar o contra-mestre de fogueiros Paixão. Os operarios que de ha muito não



BOM SUCESSO — Um gazometro (fig 5)



A grève e a ordem publica. De guarda .. ao Tejo!

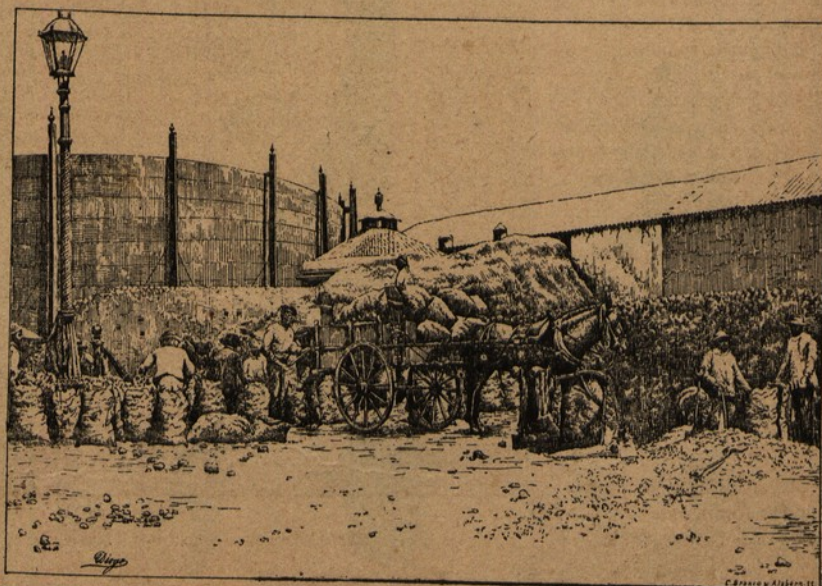
viam com bons olhos a entrada do pessoal estrangeiro na companhia mostraram o seu descontentamento ao terem conhecimento d'esta nomeação por que a tinham como uma desconsideração. Exigiram então a demissão de Henry, sob pena de se pôrem em grève. O engenheiro Favette declarou-lhes que os que não se sujeitassem áquellas ordens se podiam retirar.

Foram estas as origens da grève.

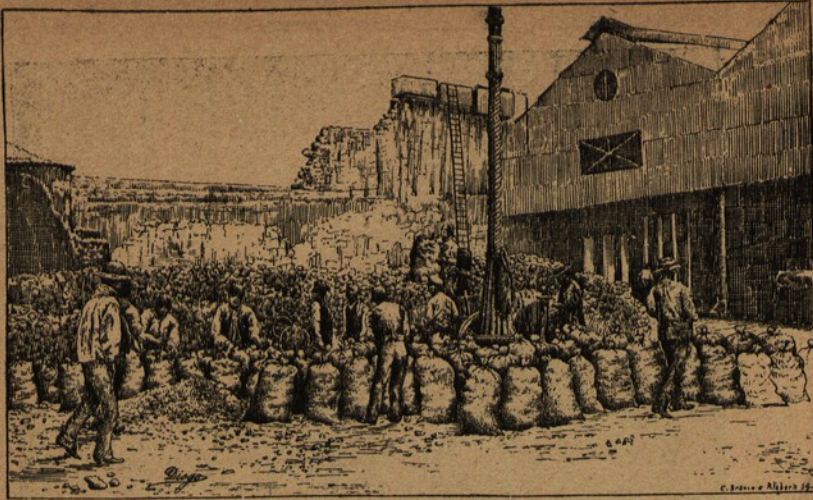
Logo que esta se declarou, o engenheiro Favette mandou chamar ao seu gabinete o contra mestre Paixão e declarou lhe que nunca tinha sido seu intento desconsiderar-o com a entrada do mestre francez Henry, porquanto este ficava sob as ordens d'elle, a titulo unicamente de o auxiliar nos tra-

balhos dos fornos. Paixão respondeu que não tinha nada com os grévistas e que ficava no seu posto, ao lado do engenheiro Favette.

Toda a gente sabe como, depois d'isto, se deram os acontecimentos. A cidade esteve quasi ás escuras durante dez dias, sem que a ordem fosse alterada. Vieram a pêlo varias irregularidades descobertas pelo engenheiro Favette que as declarou aos jornalistas que o entrevistaram e que depois negou ter dito, accomodando-se com a administração portugueza. E graças á acertada intervenção da Associação dos Lojistas foi conjura-



BOA VISTA — A praça do coke



BOA VISTA — A praça do coke

da a greve, entrando novamente todo o pessoal antigo, com augmento de salarios.

Pela nossa parte, resta-nos agradecer ao distincto engenheiro Cordeiro a amabilidade com que nos recebeu e nos permittiu que tirassemos photographias do interior das officinas do Gaz.

As photographias de que se tiraram as photogravuras que damos, foram feitas pelo nosso distincto collaborado Arnaldo Fonseca.

LISBOA ÀS ESCURAS, POR CELSO HERMINO



— Onde mórás, anjo?
 (Acendendo um phosphoro): — Permite, visão formosa que te veja o formoso rosto.
 — Meu marido!
 ! — Minha mulher!



— Descu'pe, cavalheiro: não o via.



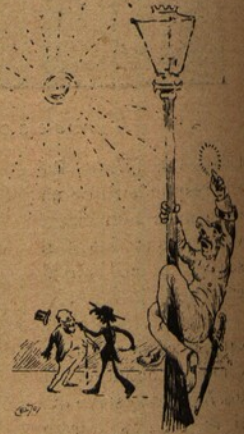
Enquanto o 321 gosa nas trevas, rouba-se às claras.



— Só de manhã é que se vê alguma coisa...



— A luz dos teus olhos me basta!



Gymnastica policial para bem da segurança publica.



Um cumulo



Desillusões: Antes . . . e pois



— E' que com esta luz não se vê mesmo nada...

«SERENADAS DE HYLARIO NO CÉU»

PHANTASIA MYSTICA EM UM ACTO

COM este titulo, Gomes Leal, o lyrico sublime da *Historia de Jesus*, o audaz pamphletario da *Traição*, vae publicar um novo trabalho. Na impossibilidade de darmos já um artigo critico d'essa obra, damos hoje aos nosos leitores, em *primeur*, essa delicada e extranha poesia de um cunho tão original e de um tão grande perfume de requinte, reservando-nos para, no proximo numero, prestar a nossa homenagem ao extraordinario poeta.

O VESTIDO DE NOIVADO DA RAINHA DE KACHMIR

O vestido de noivado
da rainha de Kachmir
era a diamantes bordado,
como o luar n'um terrado! ..
Parecia o Céu estrellado,
ou a visão de um «fakir»,
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.

Se é a Via Lactea, em summa,
não ha olhar que destrince! ...
Nenhuma vista, nenhuma
jurará se é neve ou pluma,
se é leite, ou astro, ou espuma,
nem o proprio olhar do Lynce ...
Se é a Via Lactea, em summa,
não ha olhar que destrince!

Levava, nas mãos patricias,
leque de rendas e sandalo ..
Oh! que mãosinhas ... delicias
para amimar com blandicias,
para beijar com caricias,
que adorariam um Vandalo ..
Levava nas mãos patricias,
léque de rendas e sandalo.

Côr da lua, os sapatinhos
éram mais subtis que o léque! ...
Seu manto, purpura e arminhos,
não rojava nos caminhos,
pois sua cauda, aos saltinhos,
levava-a um nubio muleque.
Côr da lua, os sapatinhos
éram mais subtis que o léque!

Eis que, no meio da bôda,
entrou um moço estrangeiro ...
Callou se a alegria douda
da grande assembléa, em roda!
E a brilhanté salla toda
fitou o joven romeiro.
Eis que, no meio da bôda,
entrou um moço estrangeiro ...

Pegou no copo, com graça,
e brindou, em lingua extranha ...
E a rainha, a vista baça,
como a um punhal que a trespassa,
encheu de prantos a taça,
e o seu lenço de Bretanha ...
Chorou baixo, ao ouvir, com graça,
esse brinde, em lingua extranha!

Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os aneis ...
E, sem soltar um gemido,
chorou, n'um pranto sumido,
o seu passado perdido,
os seus amor's tão fieis! ...
Encheu de pranto o vestido,
encheu de pranto os aneis.

Quem era o moço viajante
que fez turbar a rainha? ...
Era o seu primeiro amante,
tão leal e tão constante,
que, do seu reino distante,
brindar ao Passado vinha ...
Tal era o moço viajante,
que fez turbar a rainha.

Saudades de amor quebrado
fazem lagrimas cair!
Por um brinde ao amor passado,
ficou de pranto alagado
o vestido de noivado
da rainha de Kachmir.
Saudades de amor quebrado
fazem lagrimas cair! ...

HUMILDES

NA pallidez do poente, d'um azul cinzento, a igreja destacava-se em negro na elegancia da sua torre manuelina. Em baixo, o largo era todo em festa, as luzes começavam a esconder-se pondo aqui e alli sorrisos d'ouro. Olhando a massa sombria do convento uma vaga tristeza me tomou o espirito: — Lá em cima, na pequenina janella gradeada, quantos lindos olhos terão chorado, vendo o mundo com o tumultuar das suas paixões e risos, alindado pela ignorancia das suas almas prisioneiras?!...

Por mais artistico e lindo que seja um convento de frades, não me faz sonhar como os de freiras! se eu comprehendendo tão bem o martyrio das pobres almas femininas, encarceradas duplamente pelas grades e pela ignorancia!...

As que fugiram do mundo porque n'elle soffreram, essas não me fazem tanta pena. Tinham para companhia a soledade, a doçura amarga das lagrimas, que recordam venturas passadas... Mas, pobres entes votados antes de nascer á frieza claustral!... Arrepiam-se-me a carne só em pensar nas victimas inconscientes d'esses sacrificios barbaros!...

Conta-se: — que aos quatro annos, Santa Margarida d'Hungria tomou habito, tendo ido para o convento com a ama. Aos seis trazia cilícios e aos doze professava. — Já fadada para Santa tinha vindo — accrescenta o chronista. Mas as outras, que fossem mulheres verdadeiras, de carne e nervos e sangue a palpar vida sadia e humana... Ah! Essas pobres plantas creadas em adegas sombrias cahiriam estioladas na frescura dos annos; e então, sem mesmo serem choradas, viriam para a terra resgatar a sua mocidade em perfume de flores...

Outras, affazendo-se á solidão, vivendo na phantasmagoria luminosa do *Flos Sanctorum*, iriam de degrau em degrau á loucura santificada. E, mortas tambem, seriam adoradas sobre os altares... Não sei que doçura tristissima encontra o meu coração ao vizitar os conventos de freiras em piedosa romaria evocativa!

Aquelle que eu mais amo pela belleza da sua architectura rendilhada, acontece ser hoje um hospital servido por irmãs da caridade. Vendo passar ao fundo do claustro deserto, a mancha negra dos seus habitos, não sei que lufada d'outro tempo me enche a alma de sombras!...

Calcando essas lages desiguaes, onde tantos corações palpitantes de fé foram descançar para sempre, uma historia me lembrou que alguém, que alli viveu trinta annos, piedosamente me contava: — «Era quasi noite, a luz do sol confundia-se já com a pallida lua, que se levantava em crescente. Duas freiras, das mais novas, passeavam pelo claustro onde, já do seu tempo, tantas esposas do Senhor tinham ido esconder a face macerada, dormindo o eterno somno...»

Que diriam ellas, assim juntas, na hora das doces confidencias, deslizando como sombras no silencio religioso do velho claustro?... Que maguas viriam subindo da memoria longinqua dos seus amores mundanos?... Que sorrisos, que lagrimas?!...

E uma disse: — «Cheira tanto a terra!» —

— «Breve estarás com ella!» — Respondeu-lhe uma voz formidavel, vinda da terra, vinda da noite, das grandes casas desertas!...

E o caso é, que a pobre freira entrou d'entristecer, de cahir n'uma grande e incuravel doença d'alma que em poucos dias a levou para o supremo repouso, fazendo certa a propheta...»

Ainda este convento tinha a belleza das suas columnas em marmore, a alegria dos largos dormitorios cheios de luz, o encanto do côro todo em azulejos, estufado d'imagens santas... Mas outro, lá para a Beira, onde eu estive uns dias, — escuro, enorme, sem belleza nenhuma, pezando sobre a nossa alma com a bruta espessura das suas paredes mestras... Ah! n'esse, como seria horrivel viver!

Apenas lá encontrei duas freiras, uma, a Priora — Santa Senhora! — alma lavada, riso franco, uma encantadora ingenuidade no seu virgem coração de oitenta annos.

A outra, sombria, um olhar por vezes desviado a fuzilar sob a brancura da toalha de linho, que lhe emmol-durava o pallido rosto. Relativamente nova para ser freira professa ao tempo que acabaram os conventos, fez-me curiosidade. Perguntei á Priora e ella — Santa velhinha! morreu o outro dia, que pena tive! — ella contou-me tudo:

— E' que, soror Maria tinha ido aos quatro annos para o convento... Para que o morgado ficasse livre d'encargos?... Promessa de paes muito piedozos?... Não se sabia ao certo.

Mas, a ella não a tinha Deus fadado para santa! O seu coração nascido para viver nunca se poderia habituar áquella existencia de mortos. Aos quinze annos os parentes obrigavam-a a entrar para o noviciado. A ordem das *ventas* não reformadas, não era apertada, ao menos...

Pelas grades do convento via se a pequena cidade, rumurejante e activa como uma colmeia. E a gentil noviça tinha prendido os olhos aos olhos d'um lindo moço, que defronte a contemplava em extasi... A' noite, nos outros sentimentaes, a conversa corria alegre e facil, como a agua clara que vem das montanhas. Que duvida?... Se elles eram novos e os seus espiritos tinham tentado o espaço que os separava, decerto que se perdiam d'amor.

Depois o eterno drama dos amores contrariados:

— Espiões todos os olhos que a fitavam, creadas comparadas, a familia a insistir pela profissão... Já vagamente se fallava em liberdade. De França vinham flamulas de luz...

O namorado pedia-lhe que resistisse — O governo miguelista seria vencido em breve. Era a sua esperança... E então, ninguem a poderia obrigar a ser freira, ninguem se opporia a que ella sahisse, noiva feliz da prisão fanatica — Oh! fallar cedo de mais, meu pobresinho, é um grande perigo...

Desappareceu o rapaz e a triste da noviça deixou de resistir á vontade da familia.

Já quando no sul os liberaes entravam cantando a victoria que os atordoava a ponto de duvidarem d'ella. — d'inesperada que foi: — tomava a pobre freira o habito, tudo arranjado pelos paes tumultuariamente, tremendo de a ver sahir!...

Mas não! com a morte do seu amigo alguma coisa morrera n'ella. Sempre silenciosa, aquillo que ali estava...»

Desde esse dia alheia com um romantico interesse, procurava a antiga belleza d'esse rosto marmoreo amortalhado em vida, o capuz do habito cortado em bico sobre a testa, os labios cerrados n'um silencio feroz...

Parece-me ainda estar a vê-la no côro, na reza da noite, emquanto a boa priora acompanhada de duas meninas com velas na mão ia lendo o seu latim e apagando as luzes uma por uma; — Soror Maria parecia voar para um mundo de recordações e sonhos tragicos... A um canto, com o lencinho branco das recolhidas, eu seguia o officio funebre, nos olhos desolados da triste monja; e depois de lhe saber a historia dediquei-lhe um grande affecto, que nunca os meus labios lhe confessaram, atemorizados por um não sei quê d'ativo que havia na sua dor.

São mais verdadeiros, mais eloquentes os discursos que um delicado pudor espiritual apenas nos deixa balbu-

ciar com os olhos. Mas as almas despedaçadas como a de soror Maria, já nada comprehendem nos sentimentos alheios...

*

O que ha de infinitamente triste em tudo isto é que o quebrar das cadeias tambem acarretou consigo muitas e pungentes lagrimas! — Companheiras insubstituidas, deixando um vazio de morte nos cazarões sombrios... As cercas tiradas pelo governo... A miseria, a fome mesmo...

Quanta tristeza rufando na alma devastada das ultimas freiras? . . E as festas d'este novo mundo, vistas das janellas gradeadas, — seriam bem pouco comprehendidas por ellas! . . .

No largo, em frente do convento onde a minha pobre soror Maria soffreu, fizeram barulhentas touradas, cheias de pó e gritos selvagens, que dão a certos espiritos a mais frígida impressão de tristeza! Vendo esse espectáculo material, podia ella sequer recordar, lá em cima, da janella gradeada, os combates de poesia a que a sua mocidade arrastava e onde o seu coração ficara tão mortalmente ferido?! . . .

E assim, se alguma freira de Jesus se levantasse da cova e arrastando o seu habito de franciscana, fosse, á ultima janella espreitar o largo; — que diria ella ao ver os balões em linhas caprichosas, esboçarem phantasticos desenhos de luz, na escuridão da noite? . . . E o povo passando em onda, em monte na alegria clara dos vestidos femininos? . . .

Que diriam ellas, que diriam? . . .

Setubal, Julho de 96.

ANNA DE CASTRO OSORIO.



BELLAS-ARTES



MARGENS DO TEJO — Lugar da Penha, quadro de Silva Porto

EM PAÇO D'ARCOS

INAUGURAÇÃO DA AVENIDA PATRÃO JOAQUIM LOPES

REALISOU-SE no domingo passado em Paço d'Arco a inauguração da Avenida Patrão Joaquim Lopes, um melhoramento importantíssimo para aquella localidade, devido á boa vontade do ministro das obras publicas, do sr. Costa Pinto, presidente da camara de Cascaes e do director das obras publicas o distincto engenheiro e nosso amigo Antunes Navario, que não compareceu na solemnidade mas cujo nome ficará vinculado áquella obra.

A recepção e despedida affectuosas que teve o sr. conselheiro Campos Henriques em Paço d'Arcos vem mais uma vez provar quanto o seu prestigio é grande e quanto a sua obra como ministro tem sido proveitosa e util para o paiz. Ministros assim honram a pasta que a confiança da corôa depoz nas suas mãos.

Descrevamos a festa.

Cerca das 3 horas e meia da tarde chegavam á estação de Paço d'Arcos o sr. ministro das obras publicas conselheiro Campos Henriques, a camara de Cascaes com o seu presidente sr. Costa Pinto e o administrador do



O bodo aos pobres na Associação de Soccorros a Naufragos

concelho sr. D. Fernando Castello Branco, que eram ali aguardados pela commissão promotora dos festejos, por um piquete de bombeiros voluntarios de Paço d'Arcos e por muito povo, realisando se uma manifestação imponente.

A commissão promotora dos festejos tinha por presidente o sr. conde d'Azarujinha e d'ella faziam parte os srs. Joaquim Moreira Rato, Carlos Luz, D. Alexandre de Lencastre, Miguel Silva, José Moreira Rato, Thomaz Ramos, Antonio Pedroso, José Bouvalot, Carlos Ramos, José Affonso, Francisco Cunha, dr. Alfredo da Cunha, dr. Levy Marques da Costa, Julio e Alfredo Petra Vianna, Jorge Satyro da Silva, Jesus Mosqueira, Augusto Rato, João Carvalho, Raul Ramos, Antonio Maria Barradas, Joaquim Januario Ramos, Thomaz Gonçalves, dr. Thomaz Bettencourt, João Lopes da Silva, Firmino Moreira, Manuel Ribeiro Duarte, Joaquim Pinho, Joaquim Vieira e Passos Costa.

Depois da recepção, que, como dissemos, foi imponente, seguiu-se a inauguração da Avenida Patrão Joaquim Lopes, descobrindo a lapide commemorativa o sr. ministro das obras publicas.

N'esta occasião subiram ao ar muitas girandolas, tocando o hymno da Carta a banda dos bombeiros voluntarios de Cascaes e a Philharmonica 1.º de Janeiro, de Lisboa, e levantando-se calorosos vivas ao sr. conselheiro Campos Henriques e ao sr. Jayme Arthur da Costa Pinto.

Terminado este acto foi inaugurada a rua Costa Pinto, antiga rua Direita, descobrindo a respectiva lapide o presidente da commissão dos festejos, conde da Azarujinha.

Discursou o sr. Costa Pinto, tocando as philharmonicas o hymno da Carta, ouvindo se ao terminar o discurso uma prolongada salva de palmas.

D'ali seguiram o sr. conselheiro Campos Henriques, a camara de Cascaes, a commissão e muito povo para o quartel dos bombeiros voluntarios de Paço d'Arcos, onde foi distribuido um bodo a 50 pobres.

O bodo foi distribuido pelo sr. ministro das obras publicas e pelos vereadores da camara de Cascaes, recebendo cada pobre meio kilo de carne, um pão, 250 grammas de toucinho, 250 grammas de chouriço, 250 grammas de arroz e 100 réis em dinheiro.

Junto do quartel dos bombeiros tocava a banda dos voluntarios de Cascaes, que executou primorosamente diversos trechos.

Depois da distribuição do budo, o sr. ministro das obras publicas e numerosa comitiva dirigiram-se ao jardim Marquez de Pombal, d'onde se disfructa um soberbo panorama e onde ha um recinto reservado para o jogo «lawn-tennis», seguindo d'ali a visitar a escola de torpedos, onde foram recebidos pelo sr. tenente-coronel Zeferino Brandão. O ministro e a comitiva visitaram todas as dependencias da escola, seguindo d'alli para a séde do Gremio Recreio Popular, onde foi servido um magnifico copo d'agua.

A sala d'este gremio estava primorosamente ornamentada com verdura, flôres e bandeiras, tendo dirigido a ornamentação o sr. Antonio Paulo da Costa.

A mesa era para 50 convivas e o menu foi o seguinte :

Consommé de gallinha, Pequenos vol-au-vent á duqueza, Filetes de linguado, Costeletas de vitella farceadas, Filetes de lombo de vacca á franceza, Sandwich variadas, Galantine de gallinha truffada, Mayonnaise de lagosta, Perú assado, Fructas variadas, Doces diversos, Neve, Café, Kermann ; Vinhos : Collares, Porto, Espumoso.

Emquanto foi servido o copo d'agua, tocava em uma sala contigua uma orchestra.

Ao Champagne levantou o primeiro brinde o sr. conde da Azarujinha, presidente da commissão dos festejos, brindando ao chefe do estado e congratulando-se pelos importantes melhoramentos que acabavam de realizar se.

Seguiu-se o sr. Costa Pinto, que fez um discurso brilhante, alludindo aos serviços prestados á localidade pelo sr. conselheiro Campos Henriques e terminando por citar os triumphos do actual governo na guerra d'Africa e na resolução do conflicto relativo á posse da ilha da Trindade.



A nova avenida Patrão Joaquim Lopes em Paço d'Arcos

O illustre presidente da camara de Cascaes, em phrase sentida, agradeceu a cooperação dos vereadores da mesma camara e a manifestação de sympathia do povo de Paço d'Arcos, sendo saudado com uma salva de palmas.

O sr. Costa Pinto, a proposito do nome dado á nova avenida que liga a estação de Paço d'Arcos com a povoação, melhoramento de ha muito projectado, mas que só agora se realisou, devido á sua poderosa iniciativa, citou em phrase sentida os actos heroicos do patrão Joaquim Lopes e manifestou o proposito de conseguir a transladação dos restos mortaes d'aquelle benemerito para o cemiterio de Paço d'Arcos.

Seguiu-se o sr. conselheiro Campos Henriques, que rendeu os mais rasgados elogios ao sr. Costa Pinto e ao povo de Paço d'Arcos, asseverando que não podia haver maior regosijo para um ministro do que sancionar um acto de justiça, como o que acabava de praticar, mandando proceder aos melhoramentos de que carecia Paço d'Arcos. O seu discurso terminou no meio de estrepitosos vivas, n'um entusiasmo indescriptivel.

Discursaram depois o sr. Pinto Coelho, vereador da camara de Cascaes, e o sr. Joaquim Rato, agradecendo os melhoramentos concedidos ao concelho e a coadjuvação da Imprensa, que se achava representada pelo sr. dr. Alfredo da Cunha, do *Diario de Noncias*, o Guilherme Gomes, do *Seculo*, o Domingos Guimarães, do *Branco e Negro*.

Em nome da imprensa, agradecendo a manifestação e tecendo elogios ao digno presidente da camara de Cascaes e ao povo de Paço d'Arcos, falou o sr. dr. Alfredo da Cunha.

A' noite houve illuminação na avenida Patrão Joaquim Lopes, rua Costa Pinto e jardim Marquez de Pombal, queimando-se um vistoso fogo de artificio, a que o ministro e a camara de Cascaes assistiram das janellas do palacio do sr. conde de Azarujinha.

Depois do fogo, o sr. conselheiro Campos Henriques, a camara de Cascaes e o administrador do concelho retiraram para Cascaes, sendo acompanhados á estação com *marche aux flambeaux*, reinando até ao ultimo momento um verdadeiro entusiasmo.



HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O GATO DA VELHA

SABEM a historia do gato da velha? Eil-a.

Era uma vez uma velha, mais secca que um carapau. Morava n'uma baiuca tão fragil como uma teia d'aranha, tão apertada como a mão de um avaro e tão escura como o espirito de um ignorante. Tinha apenas um gato na sua companhia. Este gato passava uma fome terrivel; não sabia o que era um bocado de pão e nunca tinha ouvido pronunciar, a amigo ou inimigo, o nome de carne. Todo o seu prazer consistia em ficar horas e horas á entrada de um ninho de ratos e a enebriar-se com o cheiro que lhe subia á cabeça. Quando via passos de rato no pó ficava mais contente que um pobre que acha uma moeda. Lá de vez em quando apanhava um; mas isso era tão raro que nem vale a pena fallar d'isso. Andava tão falto de força que mal se podia ter em pé.

Um dia trepou com muito custo ao telhado, e ali, olhando para a direita e para a esquerda, avistou outro animal da sua especie. Era um gato bem comido, que tinha o pêllo de um lião, a arrogancia de um leopardo, o olhar vivo e brilhante como uma pedra preciosa. O seu pêllo era tão fino como a sêda, tão bello e tão luzente como a martha zibelina.

Quando o gato da velha viu aquelle gato tão poderoso e tão nedio, ficou-se a olhal o cheio d'admiração.

— Qual é a causa da sua bella apparencia e da sua saude? disse-lhe elle. Póde dizer-me quem o alimenta tão bem?

O gato visinho respondeu:

— Como os restos da meza do sultão. Todas as manhãs estou á porta do seu palacio com tanta pontualidade como se fosse o seu porteiro. Quando a sala de jantar está sem ninguem, caio sobre os pratos e agarro n'um bom pedaço de carne gorda e pão que vale bem mais que pastel.

— Diga me, peço-lhe, replicou o gato da velha, que entende o meu amigo por carne gorda e por pão que vale bem um pastel? Nunca ouvi fallar d'essas coisas.

O outro gato, surprehendido com aquella simplicidade, replicou em ar de troça:

— Tu de gato só tens as orelhas! Tu és a vergonha da nossa especie pela tua magreza! Se frequentasses o palacio do sultão, e se enchesses o estomago de bons bocados, ficarias com esta bella apparencia que admiras em mim.

Esta reprimenda ultrajante irritou o gato magro.

— Meu irmão, disse elle, sabe que os gatos observam religiosamente entre si as leis d'amizade... Quem lhe impede de me levar consigo a primeira vez que fôr ao palacio do sultão?

O outro deixou-se commover; combinou com o magro companheiro encontrarem-se no dia seguinte, e separaram-se.

O gato da velha foi fazer á dona a narração da sua aventura. Esta procurou desviar-o do seu intento e mostrou-lhe o perigo a que elle se expunha; mas o animal estava com tanto desejo de provar do festim do sultão que não attendeu aquelle aviso prudente.

No dia seguinte, pois, no lugar e á hora combinados, o gato da velha arrastou-se para o palacio do sultão com o gato visinho, mas teve de que arrepender-se por não ter acceitado os conselhos da boa mulher.

Por desgraça, no dia precedente, os gatos fizeram uma tal desordem que o sultão encolerisado tinha postado archeiros de embuscada para atirar sobre os que apparecessem, de modo que o primeiro bocado sobre que elles se atirassem fosse o ultimo da sua vida.

O pobre gato, que não sabia d'esta ordem, mal lhe chegou o perfume das iguarias e ouviu o tinir dos pratos em que ellas eram servidas, lançou-se a ellas com a impetuosidade de um abutre sobre a sua presa. Mas mal ngarrou no primeiro bocado sentiu-se ferido por uma flecha. Fugiu a bom fugir até que as forças lhe faltaram. Então, vendo correr o seu sangue:

— Se não morrer d'este golpe fatal, disse elle, contentar-me-hei d'aqui por diante com os ratos e a sopa da minha velha.

TIA BRIGIDA.

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vide n.º 2 e seguintes)

SEGUNDA-FEIRA. — Sopa de tapioca. Salmão cozido com molho de alcaparra. Cabeça de vitella, ao natural. Rosbiff assado com salada de alface e ovos cozidos. Feijões verdes com com molho de leite. Doce — Fritos de alperche.

TERÇA-FEIRA. — Sopa de azedas e arroz. Pregado com molho mayonnaise. Perna de carneiro estufado com guarnição jardineira. Capão assado com salada. Tomates recheiados e tostados no forno. Doce — Geleia de limão.

QUARTA-FEIRA. — Sopa de pão. Eiroz de caldeirada. Linguas de carneiro grelhadas. Lombo de vacca assado

com purée de batatas. Couves lombardas cozidas com molho de nata. Doce — Torta de Vianna.

QUINTA-FEIRA. — Sopa Juliana com substancia de carne. Arraia com molho branco. Lombo de vacca e molho de tomates. Pato assado e salada. Berinjellas recheiadas. Doce — Souflé de arroz.

SEXTA-FEIRA. — Sopa de abobora amarella e leite. Frituras de feijão verde. Linguado cozido com batatinhas. Pargo frito. Arroz de ameijoas á portugueza. Espargos com azeite e vinagre. Doce — Filhozes á portugueza.

SABBADO. — Sopa de massa fina em substancia de carne. Pastellinhos folhados de peixe. Pá de vitella á burgueza. Lombo assado, guarnecido de tomates recheiados. Natas com becha-mel. Doce — Torta de fructa.

DOMINGO. — Sopa de cenouras (crecy). Linguados á flamenga. Costelletes de carneiro pannadas e grelhadas. Mollejas de vitella com ervilhas. Perú assado com agriões. Alcachofras com molho à la ponlette. Doce — Charlotte russe.

ANNUNCIO

Direcção das Obras Publicas do Districto de Lisboa

SECÇÃO D'ESTRADAS N.º 1

Faz-se publico que no dia 20 de Agosto á 1 hora da tarde, na secretaria da 1.ª secção em Lisboa, se procederá á arrematação de 2 lotes de pedra britada, constante do mappa seguinte, sob a presidencia do respectivo engenheiro chefe de secção:

ESTRADA DISTRICTAL N.º 151 — LISBOA POR PONTE PEDRINHA A COLLARES E A MAFRA — VARIANTE ESTEPHANIA.

Numeros dos lotes	Designação	Base da licitação	Depositos	
			Provisorio	Definitivo
1	Fornecimento de 400 ^{m³} ,0 de pedra britada posta na Variante Estephania, onde fôr indicado	400\$000	11\$000	5 % do valor da adjudicação
2	Fornecimento de 400 ^{m³} ,0 de pedra britada posta onde fôr indicado na Variante Estephania	440\$000	11\$000	

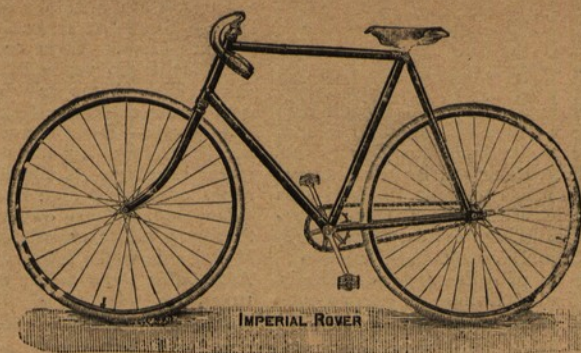
As condições especiaes d'estas tarefas estarão patentes na secretaria da 1.ª secção d'estradas da Direcção das Obras Publicas, Rua de S. José n.º 207, todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

Lisboa, 5 de Agosto de 1896.

O ENGENHEIRO DIRECTOR
Antunes Navarro

IMPERIAL ROVER

Peçam catalogos illustrados das "Rovers"



Fortaleza, elegancia, ligeireza

Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são nichelados em parte, e têm travão e rodas com cautuchut.



Ha tricycles para adultos bem assim para senhoras, em grande sortimento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Peçam catalogos a esta casa



Velocipedes para rapazes de 4 a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes em todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypla MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

BRANCO E NEGRO



CARTA D'AMOR

PREÇO 40 REIS

N.º 21



FORNECEDOR DA CASA REAL

FORNECEDOR DA CASA REAL



L A M B E R T I N I



PIANOS DE
 STEINWAY & SONS, C. BECHSTEIN,
 PLEYEL WOLF & C.^{IE}, C. HARDT, GAVEAU,
 CAROL OTTO, AUCHER FRÉRES,
 A. BORD, LAURINAT & C.^{IE}, A. FORSTER,
 ETC., ETC.

UNICO DEPOSITARIO DOS CELEBRES PIANOS DE BECHSTEIN

MUSICA — Grande sortimento. Sempre as ultimas novidades. Aluguel de musica por assignatura a 500 réis mensaes. — Edições economicas.
Instrumentos e Accessorios — Rabecas, Violoncellos, Flautas, Bando-lins, Guitarras, Violas, etc. — Harmoniums americanos e outros. — Especialidade em cordas e outros accessorios.

43, 44, 45 — PRAÇA DOS RESTAURADORES — 47, 48, 49 — LISBOA

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1,0100 réis	2,0200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1,2300 "	2,4600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1,4050 réis	2,8100 réis	4,4300 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 21

LISBOA, 23 DE AGOSTO DE 1896

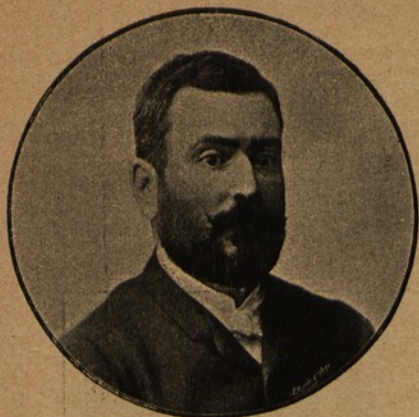
1.º ANNO

BELLAS-ARTES



O AVÔ, quadro de Simmons

OLIVEIRA MARTINS



PASSA amanhã, 24, o segundo anniversario da morte d'este grande prosador portuguez. O *Branco e Negro* não podia de maneira alguma esquecer e-ta data funebre. Para a commemorar damos o retrato do illustre morto e a *maquette* do tumulo que lhe vai ser erigido no cemiterio dos Prazeres acompanhados de um magnifico estudo do conselheiro Henrique de Barros Gomes, um fino prosador tambem e um dos mais intimos amigos de Oliveira Martins.

O espirito de Oliveira Martins era natural e espontaneamente largo. Se por vezes elle cedeu, em alguma das suas obras de caracter mais propriamente de propaganda ou vulgarisação scientifica e philosophica, ao dogmatismo das modernas escolas naturalistas não podia isso significar que lhe ligasse de facto maior valor, e ainda assim esse é muito grande mas não absoluto, do que o tem na realidade todo o esforço synthetico, ou theoria scientifica, que chega a adquirir adeptos e a marcar o seu influxo na historia da sciencia: o de agrupar e explicar pela melhor fórma os factos conhecidos, emquanto novos elementos não vem alterar o estado dos conhecimentos e substituir á que se tornara incompleta ou mesmo errada uma theoria nova. O grande, o supremo merito de Oliveira Martins como pensador e como sociologo, o pensamento que resalta de toda a sua obra foi o de ter abalado e destruido por fim, entre nós, o dogmatico tyrannico e absorvente da escol liberal, na sua phase exclusivamente individualista e utilitaria. Na sua organisação ou antes desorganisação economica, no que chegou a ser o seu espirito estreito de seita, exclusivo em politica, exclusivo em philosophia, exclusivo em religião. Foi esse exclusivismo mesquinho e esterilizador que elle venceu, fazendo vibrar na alma das novas gerações, e derramando a flux, por todos quantos filiam e lêem em os dous hemispherios a lingua portugueza, a claridade das novas ideias, acolhidas no conhecimento intimo da natureza viva obtido pela sciencia, e na approximação, crescente dia a dia, d'essa sciencia com o sentimento ideal do Universo, termos a principio e só na apparencia inconciliaveis. Mas para Oliveira Martins se «o maravilhoso corpo de sciencias philologicas que a Alemanha construiu e que são como que a embryogenia das sociedades e suas ideias politicas, juridicas e religiosas, nos revelára uma biologia social tão positiva e verdadeira como a zoologica, mostrando nos a sociedade como realmente é, um organismo vivo» e se d'ahi se derivára a necessidade de «destruir o individualismo e apear do seu throno a Liberdade», não visavam essa destruição e esse desthronamento mais do que os idolos exclusivistas e absorventes, nunca o que ha de humanamente verdadeiro e nobre n'esse principio fecundo que representa uma conquista indestructivel e inseparavel do espirito humano. E assim ia de accordo com os socialistas cathedraicos cujas opiniões partilhara. Schaeffle, um dos primeiros, senão o primeiro de entre elles, claramente o affirma na sua obra monumental *Anatomia e Psychologia do corpo Social*. «Crêmos que o futuro, para epocha por emquanto indeterminada, pertence ao socialismo purificado; não o cremos, porém, por supponmos que elle diminuirá, antes bem pelo contrario porque elle augmentará a medida da liberdade individual que desfructamos. Vamos ainda mais longe, supponmos que só esse socialismo está no caso de assegurar as proporções e a generalisação da liberdade individual reclamadas incondicionalmente pelas exigencias de um superior poder ou força de uma futura conservação propria»

E está ponderação suprema, que por tantas e tão diversas fórmas demonstrou, apreciando os periodos historicos, ou analysando as condições e o modo de ser das modernas sociedades, manifestara a por igual no terreno da philosophia. Poderia a *nevrose contemporanea* de que elle fala no Prefacio dos Sonetos de Anthero de Quental, um dos seus escriptos mais preciosos, tê-lo atacado por vezes. A robustez do seu espirito reagiu sempre e triumphou afinal. Criticando a fórmula de Anthero, que proclamára um hellenismo coroadado por um buddhismo, atrevia-se a affirmar «a irreductibilidade no espirito humano do mysticismo, racional ou imaginativamente concebido, e do naturalismo ponderado ou organicamente realiado. Atrevo-me a dizer que estes dois feitos de temperamento são constitucionaes do espirito humano, e que da coexistencia necessaria d'elles resulta um terceiro, o sceptico, o buddhismo que hade eternamente satisfazer melhor as aspirações, o modo de sentir e de pensar da grande maioria dos europeus».

A descrença relativa no dogmatismo scientifico e philosophico, accrescentaremos nós, redundou toda em beneficio do dogmatismo religioso. Por caminhos diversos, por uma operação independente do espirito humano, este chega pela sciencia á condemnação de muitas das doutrinas e dos principios proclamados erroneos, pelo *Syllabus*, por exemplo, não contraria nenhuma doutrina, nem destroe nenhuma religião, como com insistencia o affirmára o liberalismo escandalizado, mas em nome e pela força dos velhos principios, dos dogmas millenarios do catholicismo. Esse accordo inesperado surprehendeu primeiro, e arrastou depois os espiritos para um renascimento subito e uma inesperada florescencia do espirito catholico.

Dissemos ha pouco *descrença* relativa no dogmatismo scientifico, e não foi sem intenção que empregámos o epitheto. As theorias engenhosas, as syntheses brilhantes continuam felizmente a formular-se e a defender-se, mas o espirito dos que as proclamam é que é diverso. Em um jornal scientifico de primeira ordem escrevia ha pouco um physico eminente, H. Poincaré a proposito de uma nova theoria acerca da constituição dos gazes: «Não se trata de saber se esta theoria é verdadeira; essa expressão, emquanto referente a uma theoria d'esta ordem, nem sequer tem sentido. O que se trata de saber é se a sua fecundidade está ou não exgotada? Hoje os proprios que formulam as doutrinas mais acceitas são os primeiros a não as dar como absolutas, o dogmatismo, se apparece, é nas fileiras dos discipulos e dos imitadores, subalternos e subalternizados».

Falando em um congresso de naturalistas allemães, celebrado em Munich, uma auctoridade insuspeita, discursando acerca da doutrina da evolução, tão fecunda no campo das sciencias physicas, como, senão mais ainda, no das sciencias sociologicas, doutrina inspiradora de toda a obra de Oliveira Martins e que aliás, digamol-o de passagem, não contraria nenhum dogma, nem destroe nenhuma religião, o Doutor Virchow exclamára: «Todos os ensaios tentados para transformar os nossos problemas em affirmações doutrinarias, para fazer das nossas hypotheses a base das concepções do espirito humano, e especialmente todos os ensaios e todo o esforço tentado para desaposar a Igreja, e para substituir aos seus dogmas uma religião da evolução, todo o esforço d'esse genero, acredite-o, senhores, tem de naufragar fatalmente; e esse esforço exporá ao mesmo tempo, aos perigos mais graves, a situação geral da sciencia.» Virchow anticipara assim as conclusões tão luminosas e de luzidissima pouca do pensamento moderno por Ferdinand Brunetière.

E' pela sua obra historica que Oliveira Martins permancerá constituindo uma das maiores proeminencias litterarias e um dos vigorosos pensadores da sua geração. Como philosopho, como economista, o seu espolio ha de resentir-se necessariamente da vida mais ou menos ephemera que lograram manter as doutrinas em que se firmou; subsistirá ainda assim muito além de tantos outros, graças a esse largo espirito de tolerancia, que no essencial não desamparava nunca. Como politico, como homem que discute e praticamente desejou e conseguiu influir sobre a marcha dos negocios publicos, a sua acção participará do amesquinhado destino que a todos nos aguarda na historia do seculo.

A sua politica foi, porém, e acima de tudo, honesta e coherente com os seus principios e convicções. Viu antes e mais seguramente do que os seus contemporaneos a crise inevitavel que devia envolver-nos. Contra a vida nova, que pedia a grandes bradés, protestaram os habitos e os interesses da vida velha, que todos se colligaram contra elle. Alcuñharam o de pessimista, de visionario. A visão tornou-se e infelizmente realidade, e os factos deprimentes do brio e da honra nacionaes fizeram parecer risonho o seu pessimismo. Envolvido na crise, quiz ainda deffrontar-se valorosamente com ella, e se a ignorancia e a maledicencia propositadas, que até além do tumulo o teem perseguido, o quizeram envolver em responsabilidades a que por certo estava alheio, de uma e outra o deviam ter compensado a consideração merecida e assignalada que lhe não regeteou o estrangeiro. Não foi, por certo, em suas mãos que o nivel do poder se rebaixou com a quebra da palavra dada, com a ausencia completa de seriedade governativa, com a obscura confusão entre interesses proprios e interesses geraes, com o sacrificio quasi constante das conveniencias do paiz ás mesquinhas e mesmo ridiculas vantagens dos corrilhos. Sciencia de administração e applicação pratica dos principios que professou, quem, entre os modernos, os revelou com maior profundidade e constancia em seus trabalhos do que Oliveira Martins? São d'isso documentos indiscutíveis a *Memoria sobre a circulação fiduciaria* o *Relatorio da commissão de inquerito industrial*, o *Projecto de lei sobre o fomento rural*, os seus escriptos e trabalhos parlamentares acerca das pautas, o seu tão notavel relatorio sobre os prazos da Zambezia, entre outros, para não falar em todos os seus estudos economicos e financeiros, dispersos ainda pelos jornaes ou já colligidos em volume, e que todos elles revelam essa feição pratica tão difficil de conciliar com as altas especulações doutrinarias a que o seu espirito naturalmente se entregava de preferencia.

Superior em tudo quanto comprehendia, a politica não o fez baixar do nivel altissimo em que pairou o seu vulto, mas tambem não conseguiu, é certo, elevá-lo mais. As letras, e mais que tudo a historia, essas foram e serão a base indestructivel da sua grandeza, o granito firmissimo sobre que se erguerá o seu vulto. Vimol o por isso com jubilo, todos nós que o estremeçiamos e amavamos, regressar aos seus livros e quasi conduzir a seu termo essa empreza de nos trazer vivos, ante nós, o vulto e a epocha de D. João II. Em vez, porém, da lição que esperavamos e manciadade colher na sua leitura, Oliveira Martins veio ministrar-nos contra bem mais eloquente ainda, encerrando ensinamento de bem maior proveito directo para todos nós, a de uma morte piedosamente christã, coroando uma vida purissima, dando a serenidade da mais consoladora philosophia á mente fatigada pela variedade das cogitações e embate dos systemas, que agit m incessantemente o espirito e trespassam o coração do homem com a dôr lancinante da duvida e com a açute impiedoso da descrença.

E para a Esposa, para a Companhia tão fiel e amiga, e para todos nós que o presámos, é nos conforto gratissimo á sã herda, o crêr que, solto de terrestres liames, o seu nobre e pírto que ta to as irava para o alto, se terá librado, do porto seguro, a que se acolhera, até essas regiões supernas, onde brilha a claridade enorme e a plenitude do saber. All terá conseguido saciar o coração e o espirito, o sentimento e a intelligencia, experimentando emfim aquelle estado da alma, aquella beatitude celestial que o grande Florentino, o poeta maximo, Dante Alighieri definiu n'estes tres versos immortaes, absolutamente perfectos no conceito e na fórma, expressão sublime das gradações por que passa a eterna felicidade :

Luce intelletual piena d'amore,
Amor di vero ben pien di letizia
Letizia che trascende ogni dolore.

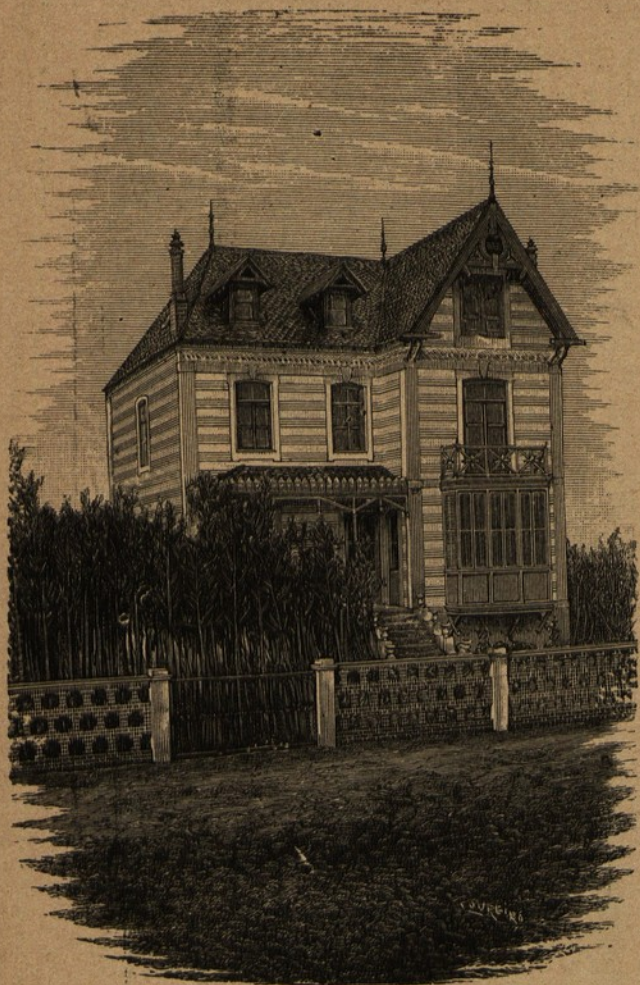
HENRIQUE DE BARROS GOMES.



MAQUETTE DO TUMULO DE OLIVEIRA MARTINS, por Thomaz Costa

AS PRAIAS

A GRANJA



O CHALET FABRA

Grandes moutas de magnificas hortensias, ornam a entrada das casas.

A grande floresta de pinheiros que cobre a povoação do lado do nascente está tratada com esmero; tem clareiras terraplenadas para o jogo da bola e do *croquet*, varias plantações de camelias, viveiros de arbustos.

Os banhistas da Granja conhecem-se todos, apertam-se todos a mão, frequentam as casas uns dos outros, vivem finalmente em familia. E' tão agradável que custa ás vezes a supportar.

A gente acaba de chegar e de entrar em casa: calçou as suas chinelas, poz-se em mangas de camisa, aninhou-se diante da sua mala, está tirando fóra as piugas, tem as escovas no chão a um lado, os lenços de assoar a outro lado, as camisas debaixo do braço... N'isto grandes risadas frescas e cristallinas entram como um enxame alegre e canoro: são as amaveis senhoras A... e as encantadoras meninas B..., que souberam da nossa chegada, que veem fazer-nos uma surpresa, que nos trazem um ramallete de rosas chá, que teem uma truta na mesa, que nos esperam para almoçar no

ESTA praia tem soffrido tão poucas transformações no tocante a maneira do viver intimo dos banhistas que não é descabido resuscitar o que disse d'ella Ramalho Ortigão, vae para bastantes annos, na sua fulgurante prosa:

A Granja é uma povoação diamante, uma estação *bijou*, uma praia de algibeira. Ao chegar tem-se a vontade de a examinar ao microscopio; ao partir appetee levar-a na mala, entre as camisas, como um *sachet*.

As condições do logar, a meia hora do Porto, á beira do mar, na orla de um denso pinhal, attrahiram successivamente os banhistas e fizeram rapidamente da Granja o que ella é hoje: a mais graciosa, a mais fresca, a mais acceida das estações de recreio em Portugal.

Como não ha no logar população indigena, a Granja pertence exclusivamente aos banhistas. Quando estes, no mez de novembro levantam os arraiaes, a povoação deshabitada é guardada apenas pelo banheiro, pelo padeiro e pelo tendeiro do sitio.

De sorte que a Granja é verdadeiramente a coisa que o seu nome indica, — uma especie de quinta.

Os banhistas poderiam mandar mural a e pôr-lhe uma grade de ferro com o seu guarda-portão que annunciasse os viajantes ou accettesse os seus bilhetes de visita nos casos em que a população não quizesse receber.

O serviço do portão é feito por enquanto pelos empregados na estação do caminho de ferro, a um dos quaes nós perguntámos um dia:

— Queira dizer-me: está em casa a Granja?

E elle respondeu nos:

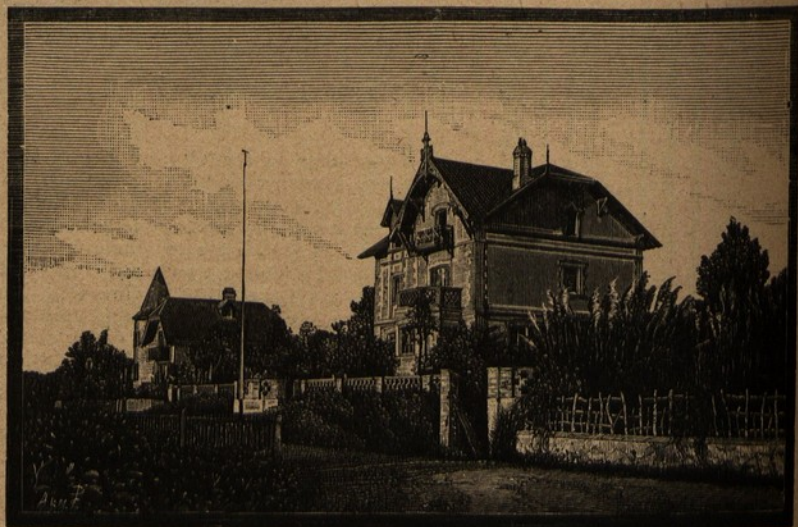
— Não, senhor. Está em Mathosinhos. Foram para lá todos, ás corridas de cavallos, pelo comboio da manhã. Mas as senhoras voltam para jantar no expresso das sete horas.

O aspecto do pequeno mercado, com o seu pavimento areado como um jardim e os seus pavilhõesinhos rusticos, inspira um receio: o de lhe poder cahir uma nodoa.

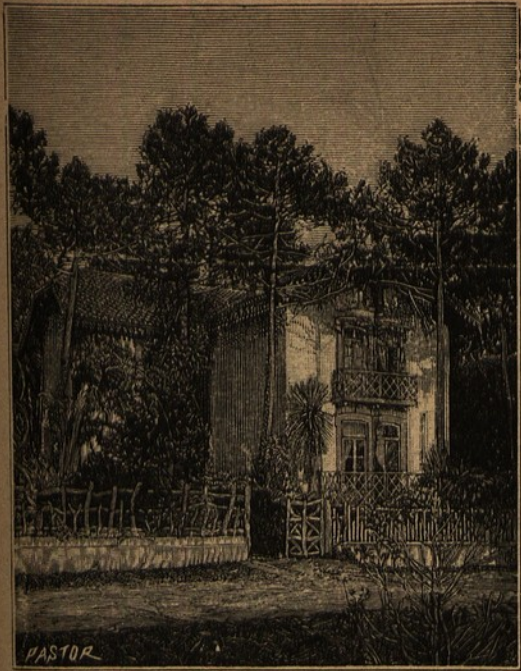
Os vallados estão plantados de cactos.

As ruas são salpicadas de *corbeilles* com flores como *squares* ajardinados.

Os taludes acham-se cobertos de choupos, de eucaliptus, de tramagueiras, de roseiras bravas.



VILLA-MARINA



CHALET NUNO DE CARVALHO

Elles, os A..., os B..., os C..., os D..., pela sua parte, observaram-nos tambem de perto, cara a cara, durante um dia inteiro, o que nunca até então lhes succedera. E' claro que nos acharam mil vezes peor do que nos presumiam, porque é rarissimo o individuo que examinado minudentemente não perca cincoenta por cento do valor que se lhe presumia quando cultivado apenas no intervallo de uma quadrilha, durante um entre-acto n'um camarote, nos quinze ou vinte minutos de uma conversação de visita quando elle traz preparadas para o caso as suas phrases assim como as suas finas luvas côr de ganga, e a gente o olha barbeado de fresco, com os cabellos correctamente separados por uma ríscia bem nitida, vestido por Poole, sentado n'um *fauteuil* de setim e tendo no *plastron* uma grossa perola côr de rosa.

No campo ou nas praias, com sapatos ferrados, sem luvas, sentados no chão, sem ter o santo e a senha da conversação do dia, como succede nos grandes centros, entregues a si mesmos, aos seus recursos pessoas, ás suas observações, ao seu criterio, ás suas ideias, quantos resistem á tremenda eternidade de uma convivencia de dez horas?

Nas grandes sociedades a attenção de que somos objecto espalha-se por aquelles que nos cercam; em uma quinta ou n'uma pequena praia essa attenção recae toda sobre os nossos ridiculos, sobre os nossos defeitos. Fomos já discutidos desde que annunciamos a nossa vinda, fallou-se de nós uma noite inteira, os nossos amigos disseram de nós o menos bem que poderam, as meninas esperam-nos. Ainda não olharam para nós e já nos viram, na sombra, projectando no muro um immenso nariz disforme e ridiculo. Ainda lhes não fallamos e ellas conservam os olhos baixos, mas sob esse estreito raio visual descobriram já as joelheiras que temos nas calças e o lado para que cambam os nossos tacões. As senhoras idosas assestam sobre nós as suas terriveis lunetas curiosas, sêntas de materia examinavel, e pensam que a nossa photographia nos favorece de mais e que somos inferiores á fama que nos precedeu como figura, como maneiras e como intelligencia.

Deitamo-nos n'este primeiro dia aborrecidos de obsequios, estafados de amabilidades, esvaidos de conversação. Promettemo-nos descançar ao outro dia no silencio e na solidão, fumando o nosso velho cachimbo á beira do mar, conversando simplesmente com um ru-de pescador ou com um bronco trabalhador dos campos tranquillo e sereno, sem ideias, sem pretensões e sem palavras.

No dia seguinte, levantando-nos de madrugada, não achamos pescadores na costa nem cavadores nas terras. Creados de sapatos descobertos, meias brancas, e jalecas de linho, envernizam ás janellas as botinas dos seus patrões, lavam as vidraças, lustram as guarnições de cobre das portas da rua, regam com uma bomba a relva dos taludes. E' o alvorecer do *chic*.

predio ao lado, que aceitam uma garrafa do nosso Chably, que, em summa, começam a fazer-nos a honra de nos receber «em familia».

A gente foge para o canto da cama, acalcanha como pó de um par de sapatos, enfia á pressa uma jaqueta, ata um lenço no pescoço, corre ao chapéu de palha que está n'um tableiro da mala em cima de uma cadeira, e lança se na vida «de familia» a braços com uma garrafa de Chably e com o receio de ter talvez, indiscretamente, manifestado a côr dos seus suspensorios ás amaveis senhoras A... e ás encantadoras meninas B...

Depois ás senhoras A... e ás meninas B... reúne-se a interessante familia C... que nos leva a jantar para casa dos hospitaleiros conjuges D... Pela nossa parte procuramos pagar todas estas obrigações com a amabilidade, com a phrase, com a anedocta, com o dito, com todas as despesas da conversação, com todas as prodigalidades do espirito.

Todas aquellas pessoas nos retribuem na mesma moeda e são igualmente espirituosas connosco.

A' noite estamos todos cançados da graça que tivemos, e mais ainda da graça que fomos obrigados a achar que tinham os outros!

Recolhemo-nos pensando nas meninas A..., que vimos n'esse dia sem pó de arroz e que teem sardas quando estão nas praias; nas senhoras B..., que tinhamos por espirituosas nos salões de Lisboa e que são insignificantissimas no *tête-à-tête* do campo quando lhes falta para discursar o escandalo do dia, a anedocta do baile da vespera, a phrase consagrada á critica do ultimo drama ou á musica da ultima opera; na interessante familia C..., que mette os bicos dos pés para dentro; nos conjuges D..., dos quaes um troca o *b* pelo *v* e o outro tem só meia unha em um dos dedos pollegares.



RAMA HO ORTIGÃO.

VILLA AMELIA

BADAJOZ



Entrada de Badajoz

ENTRE dois membros do corpo diplomatico, eis-me a caminho de Badajoz, cheio d'afficcion e de ciume.

O wagon cheio, a noite quente e funda e luarenta.

Entre dois membros!.. Cumpre-me declarar que de todos os membros que tenho tido cerca, foram estes os mais desconhecidos!

Um magro e belga, a testa deprimida, e duas linhas loiras de bigode a esguicharem da commissura dos labios descorados.

O outro, amulatado e grosso, todo polainas, todo bigode, muito peninsular e suado, mas com um queixume francez de quando em quando :

— *Oh! cette chaleur!*

Provinha a minha situação entre os dois membros, de, na conquista feroz do ultimo wagon termos ficado acambulhados no mes-

mo impulso n'um dos extremos do compartimento, repartindo-nos depois por todo elle, ao acaso do monte, como cartas que uma a uma se tiram d'um baralho.

E assim fiquei eu entre os dois membros.

Em frente a mim um velho barrigudo, e com miradas gazeas de frascario p'ra uma senhora feia, honesta e desdenhosa, e com o marido ao pé.

Isto e dois piteireiros eis o contheúdo todo do wagon.

Tudo p'ra Badajoz, na peneira d'um expresso.

O belga adormeceu. O amigo descalçou-se, assoou se,— actos universaes—e amodorrón. Começava um dos bor-rachos a gorjear :

« *Señor alcaide mayor...* »

E o obeso da frente apontou-me a dama, piscou-me o olho e disse :

— O cavalheiro já esteve em Badajoz ?

Eu suspirei:

— Havia um anno...

E esteve imminente a confidencia.

— Pois eu é que nos comboyos nunca durmo !

— Questão d'habito...

— Qual habito... espaço, espaço... A viagem é incommoda O que vale é esta alegria que levamos ..

Campos fóra, no negrume da noite decerto em todo esse anno que passára não esfusiára uma asuada assim. Havia cantos, havia olés, havia vivas.

— Que este compartimento é dos pacatos !

Mas emquanto um dos esturdios proségua :

« *Porque tiene usted una hija!* »

o outro debruçou-se á portinhola e esganiçou :



Margens do Guadiana



Cathedral de Badajoz

te. Quando em quando, a burbulharem da aridez do solo, penedos baixos, puidos, ferrugentos, como montes de cinza d'onde emanasse aquella ar de borralho. E uma oliveira ou outra com uma frescura azulada, cortava a miudo a monotonia da paisagem secca, que a portinhola do wagon enquadrava.

Tudo socegára. O gordo tinha roncões compassados, e eu accomodei melhor a cabecita do estrangeiro.

E parou o meu olhar na desfrisada dama! Asquerosa creatura! Com sacarolhas de cabellos cortando-lhe a lividez da testa, manchas açafroadas nas palpebras, e dois sulcos profundos e sujos a arripiarem-lhe a magreza do queixo, babado e lustroso!

E foi n'aquella manhã suave, caminho d'Hespanha, fixando bem a sordidez d'aquella ramellosa, que ess'outra me lembrou com todo o seu feitio traidor, d'alma disforme como aquella cara.

Mas se a encontrasse sequer... em Badajoz!

Desembarcou-se.

E foi como se uma zarzuella começasse.

Por sobre a velha porta ao fim da ponte, vasto scenario, com um ceu lavado e umas manchas brancas onde o sol põe faiscações de prata.

Côro de *carabineros*.

Olés das golondrinas.

Musica de Chueca.

N'uma carreta um bando d'esturdios canta a Cadiz.

Enormissima zarzuella!

O gordo do wagon agregou-se-me ao fim da viagem, p'ra lh'arranjar pouzada; tinha vindo ao acaso, sem uma indicação, e só p'ra isto: ver touros... e ver se a via... a *Ella!* De caminho, é claro... via Hespanha! Tal qual como eu!

Achando então paspalho igual a mim, resolvi ser um forte, e não mais vagiu meu coração.

Ouvi lhe as confidencias com um sorriso, e com cynismos crueis eu belisquei-lhe a empola do ciume.

Tomámos um *tranvia*. E o gordo Mimoso d'exultar:

— Nada como isto, amigo! Nada como esta vida. Veja você que enorme actividade. Veja você que enorme gargalhada.

— Mas isto é portuguez, Mimoso amigo, portuguezissimo... mire-me você aquelle côco a rir-se... vê-se logo... é do Roxo... portuguezissimo.

— Mas você já viu em Lisboa alguém a rir-se, na rua? Isto é de portuguez, nem eu já sou portuguez, nem vocecê o é. *Hombrel Salerol!* Sabe o amigo a primeira coisa que eu faço em Badajoz?...

— Você... lava se...

— Isso é depois...

— Você... come...

— Isso ainda é depois...



A' porta da Praça

— ?

— Homem, corro a comprar um chapéu... á Mazzantini... hein, seu Zacharias! *Viva la gracia!*

O tranvia estacou.

Era uma rua que trepava, la-deada de casitas baixas, caídas, deseguaes, que o mesmo céu azul cobria ao alto no recorte em zig-zag dos telhados. As grades das *rejas* ao rez do solo, onde uma ou outra cabeçita s'encostava, eram velhas e tortas. A miudo, decerto alguma carroça encostava á valeta e abalava-lhes a solidez de carcere.

Houve que descer do carro, e houve que empurrar o carro. Atrélámo-nos todos.

E o amigo Mimoso enthusias-mado!

— Veja você s'isto se vê em Portugal! Hein! Isto é que é gente! Isto é que é alegria! Isto é que é pandiga!

Mas fez se pallido!

Rebentára-lhe um botão dos suspensorios; e indagou de mim:

— O amigo traz agulhas?

*

Ha que passar o tempo antes dos touros na Calle de S. Juan, estreita e pictoresca rua, onde, como na Sierpes de Sevilha, assenta arrayaes o commercio rico, os escaparates são vistosos, e se aproveita o accidentado primitivo da rua p'ros letreiros enormes do reclame. O piso é igual e bom, e o sol vedado pelos toldes de brim, passados de beiral a beiral entre os predios fronteiros.

Ao Mimoso começam a cahir-lhe as calças. Já fingiu tres botões com alfinetes. Tem um enorme *sombrero color grana*, mas pelos adeuses que tem feito aos muitissimos conhecimentos que encontrou, começa, como elle diz: «a dar a casca».

— *Hombre!* E' que assim não parece que estamos no estrangeiro!

E como eu já lhe mostrasse a velha cathedral, com ares de fortaleza e a *silleria* do côro em bella talha, e mais não me occorresse de formoso, lembra elle:

— Mostre-me você pateos... d'esses pateos com femeas [nas varandas, *majas* d'olhos brejeiros, muito negros, um bocado de meia côr de roza a sahir d'entre as borlas do saio. Coisa com pandeiretas, você sabe! Coisa com castanholas!

Desolado, eu murmurei:

— Mimoso amigo... venha você á loja do Hernandez... e escolha d'isso... em chromos! Ha com effeito aqui, (cousa curiosa) o pateo Andaluz, simples e limpo, sem grande gasto de saiaças ricas!... Creio que tambem ha aqui olhos bonitos... meias... não sei...

O obeso rugiu:

— Hei de eu sabel-o!

Eu prosegui:

— Borlas... talvez que haja... mas...

— Maganão!

Mas transfundiu-se-lhe o riso, que lhe franzira a cara, n'um esgar afflicto e n'um uivo grande, murmurou uma obsce-nidade em portuguez. Eu empallideci! E corremos os dois sobre o mesmo grupo ao fim da praça. No meio, porém, elle parou com um novo ai, levou as mãos ao ventre...

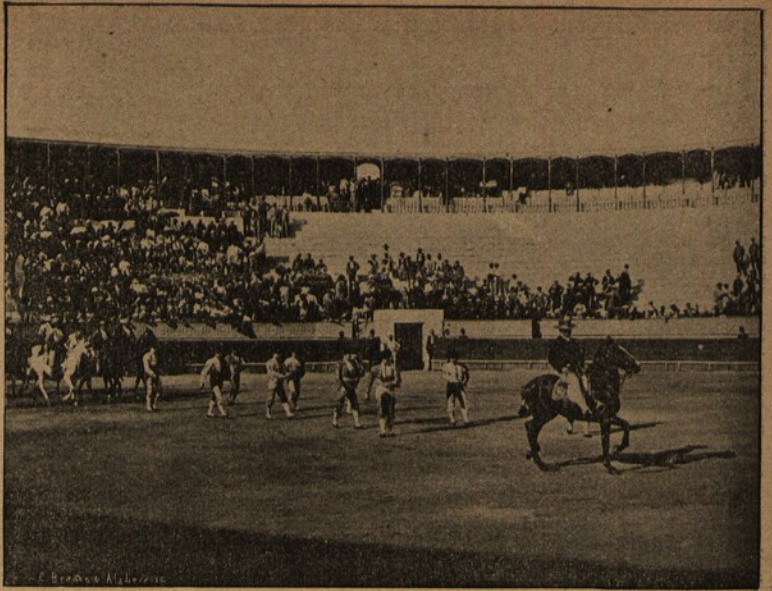
— Você viu? perguntou-me.

— Vi... a Lola...

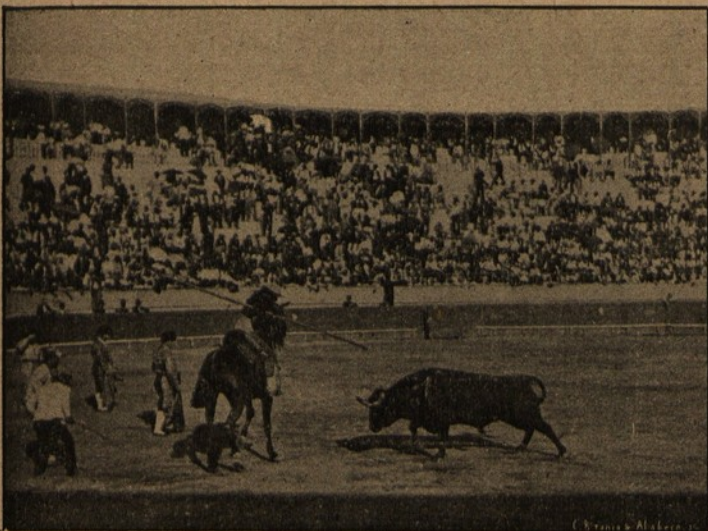
— Diabo... pois eu pareceu-me vêr... a Consuelo! Ai!

— Mas que diabo tem você?...

Retrocedemos, enfiámos por uma viela; elle todo curvo, eu cheio de terror. A um canto entrou de se desabotoar.



Entrada da *cuadrilla*



O arranque do touro



Uma vara

tura da característica gorda, mãe do Manuel — que nos tratou de *salvajes* porque o Mimoso quiz que a creada lhe pregasse um botão nas calças, mas sem as despir por não ter outras, e naturalmente no seu proprio quarto.

Dizia-me o Mimoso já na rua :

— Mas eu sabia lá que era *su novia*? Filho... se era hespanhola!

E no «*gran baile publico*»

LA SEVILLANA DE 11 Á 4 DE LA MAÑANA

começavam os mysterios da noite. Pateo estreito e miseravel com quatro lampiões pe'intras e seis compatriotas bedíssimos mostrando os triceps aos guardas civis, sempre que a auctoridade intervinha p'r'ós despegar d'alguem.

Entristeci, e deixei que o Mimoso fosse só, cornacado por um guarda civil de guarda-sol, por uma viela suspeita e tenebrosa. Ao unico lampião do beco ainda vi a figura clara do amigo, com o seu ancho chapéu, avultar no borrão do fundo.

E observei n'uma *bodega* o seguinte: Era á luz d'uma candeia, — n'um circulo de *juerga*, — um cantador. — Cahia sobre tudo uma luz baça toldada de fumo, e havia sombras grandes nas caras angulares e sem barba.

Palmeava se. Uma viola rufava. E eis que vejo um lapuz todo aureolado do clarão dos genios, como se a alma se lh'evaporasse á flôr da pelle... tão grande era o seu canto!

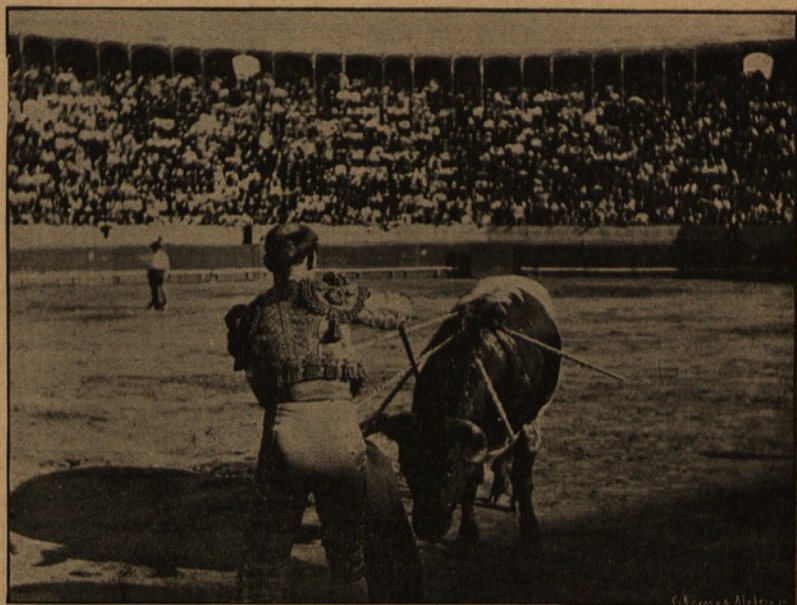
Era a segunda vez que eu via identico clarão nimbar um craneo d'inferior, a quem a multidão dava prestigio e uma disposição fata: de raça tornava a aclamação justificada.

O matador Guerrita, esse kalifa, é proverbialmente um curto. Tudo n'elle resvala n'uma animalidade masomba, o olhar é pesado, e some-se-lhe o pensamento n'uma labuta interior que lhe difficulta a percepção de tudo que não seja cornos e annexos.

Pois já lhe vi eu o resplendor dos Genios, já lh'o viram talvez milhares de vistas no subjugar d'um touro, quando a *farpa* vae na sua ardencia ultima e houve lealdade entre os dois brutos.

E eis este novo caso, da transmutação da face tismada d'um lapuz com um carimbo d'estupidez na nesga da testa, na abertura do queixo, na salientação dos malares, no apagado da fenda das orbitas.

N'essa *cantina*, desapertada a fardeta e golejada uma *caneta* de Manzanilha, eil-o a trinar *malagueñas*. Ruge a viola, como n'um trovão, e o cantador, inflamada a garganta e a boca hiante, todo s'estorce n'uma epilepsia de



A morte do touro

Eu suspendi :
— Homem, aqui não; e apontei-lhe a parede :

— SE PROHIBE URINAR
BAJO LA MULTA DE DOS PESETAS —

— Mas eu não vou transgredir os editaes... ai! Passa um guarda civil. Approxima-se

E quando por fim, Mimoso amigo, tirara de si o alfinete que lhe pregava ao ventre os suspensorios, e n'um silencio criminoso nos iamos, o guarda civil... abotoava-se.

*

Depois dos touros evitei que esse novo companheiro trouxesse para Lisboa, no seu vasto estomago, a faca da cosinha do *sô manué*, nosso hospedeiro.

Caso em um acto, d'inefavel commoção, com muzica de Breton — e uma descompos-

sentimento. Elle canta uma vingança de ciume, elle canta a tristeza d'um amor morto. E quando estaca para que o ar lh'entre de cachão no peito oppresso, a turba asperge-o de bençãos rudes : Bem dita seja a mãe que te pariu ! Bem dita seja a mulher que te beijar !

Eu e o Mimoso, ao voltar, eramos velhos amigos.

Elle tinha-me dito o seu amor.

Eu tinha-lhe contado o meu ciume.

E á volta, ao installarmo-nos no wagon, succedeu toparmos, entre os dois membros do corpo diplomatico, uma graciosa dama, que nos arracou aos dois, e a um tempo, o mesmo uivo feroz :

— A Lola !

— A Consuelo !

Elle sorriera o seu cruel risinho, oh ! dentes perfidos !

E o estrangeiro das polainas, o francez, encalorado d'ha dois dias, perguntou no mais bello portuguez :

— Quem são ?

O belga dormitava já.

E então, despeitado, eu murmurei :

— Já lá vae um anno ! Mimoso ! Tem um anno a mais... está velha !

— Filho ! Tens razão ! E um dente a menos... está velha !

E voltámos tristes !

ARNALDO FONSECA.

HOMENS DA ACTUALIDADE



CONSELHEIRO AUGUSTO DE CASTILHO,
commandante em chefe da divisão naval portugueza
sahida do Tejo em 20 d'agosto para a nossa Africa



CONSELHEIRO ANTONIO ENNES,
novo ministro de Portugal no Brazil

MISS MARY

... **U**m silencio olympico caía sobre a Natureza; a luz doce, como se todas as brancuras e todas as castidades noivassem, dava ás aguas uma fulguração crua d'aço novo. Nada se movia na ternura quente da manhã; as coisas, os seres, a terra, tudo repousava n'um esquecimento suave, n'uma alvura rosada de Sonho. E em baixo, o mar arfava como um colosso sob a esteira faiscante da luz. A's vezes, uma vela abria ao longe como uma flôr no fundo macio e azul do ceu; depois, apagava-se lentamente na vaporisação tenue das aguas. A luz vigorisava-se, opulentava-se na gloria triumphante da manhã, como que espiritalisava a ampla agua immovel. Um perfil esguio e *mignon* apparecia ás vezes ao longe como uma nevoa leve. A luz forte envolvia o, cobria-o todo d'um manto luminoso e doirado, dava-lhe á forma musical a espiritalisação doce d'um vulto de ballada germanica.

Jorge olhava-o demoradamente e depois atirava a vista pela extensão faiscante das aguas, n'uma ancia de sonho. Para além, adivinhava elle a Lua dos tropicos, as florestas almiscaradas batidas d'um luar calmo, cheias de perfumes embriagadores. Ou então, n'algum jardim indico, mandarins pançudos e chins de rabicho, adormeciam á sombra fresca das arvores, fumando opio em grandes cachimbos de loiça. Vinham-lhe desejos fortes de viajar no oriente, vêr o luar da Azia, as aguas luminosas do Bosphoro, fumar opio e trazer sandalias e turbante amplo, de grandes pregas, esvoaçando ao vento das tardes macias !

E quando a noite caísse e abrisse o luar como uma enorme flôr de lotus, correr as florestas indianas, internar-se por entre as poderosas vegetações tropicaes, respirar os aromas acres e estonteantes das flôres maravilhosas. E depois, cansado já, dormir um somno consolador e doce, no regaço espumante de sêdas d'uma bayadêra, sobre as magnolias floridas de branco ! Mordia o charuto febrilmente, passeiava agitado, aspirava com ruido o ar oxygenado da manhã. Aquella frescura tonica, fazia-o reviver; dilatavam-se-lhe os pulmões, um alvor rosado cobria-lhe o rosto, sentia-se bem sob a ternura avelludada d'aquelle enorme paisagem verde, batida de luz. Vinha-lhe um intenso desejo genésico; e soprando os rôlos de fumo, recordava com um grande travo de saudade, trechos de livros queridos. Foi n'um d'estes passeios matinaes, que miss Mary, viu Jorge pela primeira vez. Luiz aconselhara-lhe a levantar-se cedo, e gosar as manhãs na praia, regalar os pulmões de ar sadio. Era muito fraca, dessorada; ameaçava-a uma anemia, precisava de tonicos. E pela madrugada, tomava o banho, dava largos passeios

pela areia ardendo como oiro vivo, e quando o sol vinha forte como um batalhador juvenil, ia para ca a e almoçava com muito appetite. A hora, o silencio, o logar, a vasta mortalha das aguas cobertas de luz, tinham-lhe trazido um desejo infinito de *ménage* intimo, com um homem a quem ella adorava de joelhos, como quem reza á Virgem.

Esta idéa de coisas castas na vaga ternura d'um paiz de sonho, encantava-a, dava-lhe uma pontinha de febre. As arvores, ao longe, erguiam no ar a sua copa luminosa e verde, coberta do vôo branco das pombas. Arrastavam-se na verdura nova do campo as primeiras folhas outomnaes, e da terra forte e molhada, saia um cheiro intenso de fecundação.

Do ceu, cahia uma paz religiosa que embebia as coisas e as almas. A' meza do hotel, entre talhadas de framboese e uma garrafa de vinho de Collares, este doce vulto de mulher apparecia a Jorge n'uma neblina vaga, ainda com todo o luar do primeiro sonho. E pensava no encanto do casamento, com lares placidos gorgeiados de crianças louras. Jorge, depois do almoço, foi para a cama estender-se n'um espreguiçamento molle.

Pelo triangulo da janella aberta entravam-lhe as saudades d'outr'ora, magoadas, roixas como cadaveres. Vi-



nham de luto, n'uma viuvez desolada, cantar-lhe ao ouvido tristes elegias d'amores malfadados. E com toda a frescura d'uma ecloga antiga, estendiam-se pela encosta as vinhas cantando ao sol verduras ineditas, e em violentos destaques, as vacas da lavoura, retouçavam nas relvas de verão. Jorge, sentia-se enfasiado, cheio d'um tedio mortal. Tambem que idéa aquella de vir aborrecer-se n'uma praia de banhos sem movimento e sem vida, completamente morta, cheia d'um burguezismo pelintra e reles.

— Que podia ter ido até Baden-Baden, até Spa, ao diabo. Em Spa, por exemplo, viver n'um chalet á moda Suissa, com trepadeiras cobertas d'florescencias roixas, e de limoeiros á volta das paredes. Vir de manhã debruçar-se nas janellas em «robe de chambre», atirar a vista pela paisagem fóra, cheia de neve rosada e batida do sol e da lua; olhar as neblinas, e as montanhas espirrando verduras á sombra dos grandes abêtos selvagens, n'aquellas varonis e cálidas manhãs do Meio-Dia, cheias d'uma doce melancolia em que o azul lavado reluz como uma superficie polida! E ás tardes, quando a Vida saísse em ondas dos casinos e dos cafés, galopar a upas e corcôvos pela avenida das Duas Horas, n'um fouveiro andaluz; ou então, no silencio virgem do quarto, lêr Walter Scott, devorar em ancias essas paginas sentidas e vibrantes, onde agonisam corações de virgens medievaes n'uma graça de sonho infinita e tragica! Lêr os poetas inglezes, onde ha cantos de lagos escocezes e onde choram orações d'amor, as almas magoadas das catholicas misses irlandezas!... Mas ali, n'uma praia plebeia, toda cheia de cantos de fado e das pancadas sêccas dos bilhares, morria-se de nojo.

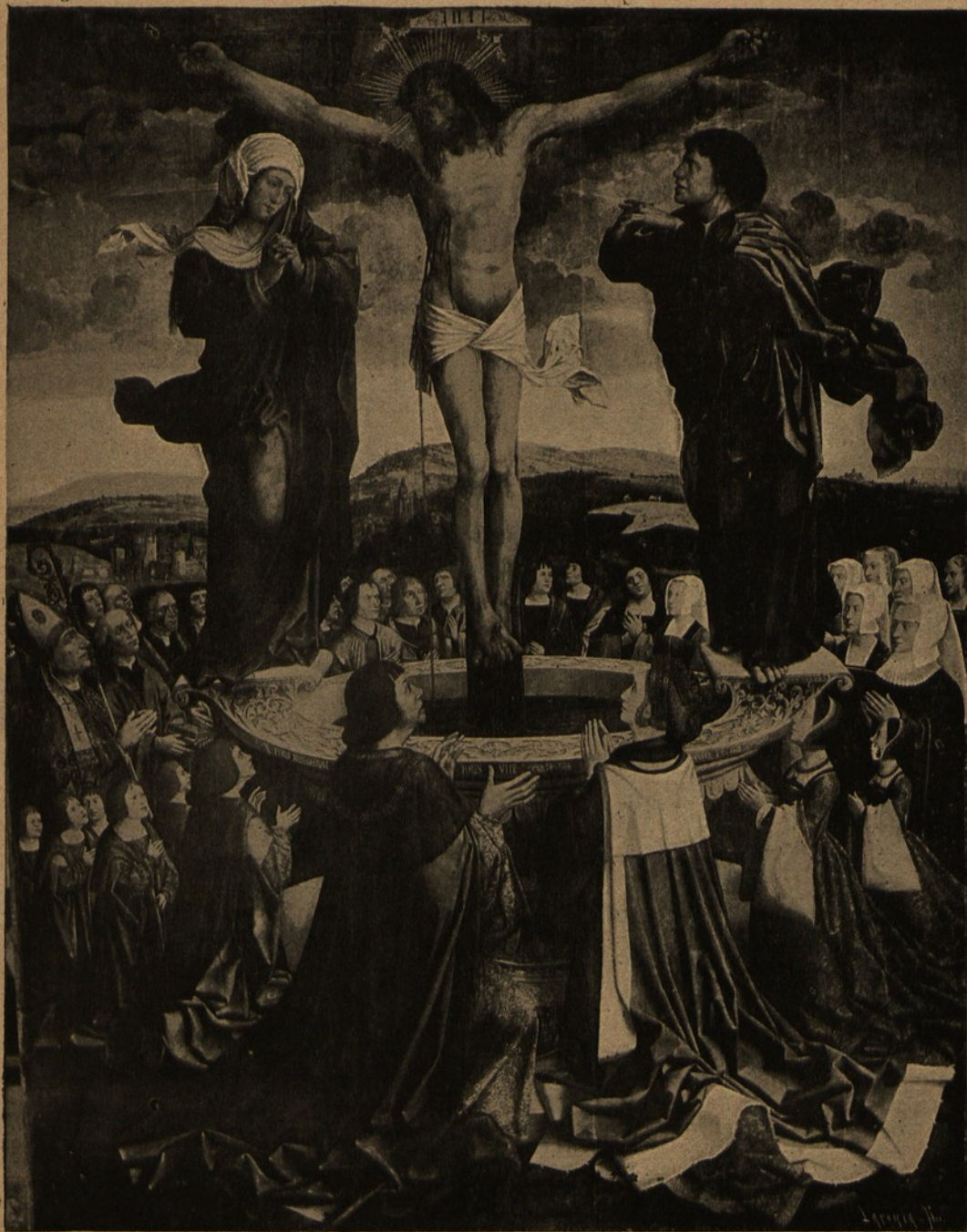
(Excerpto d'um livro.)

João GRAVE.

O QUADRO "FONS VITAE,,

UM PROBLEMA D'ARTE

ESTE quadro, que pertence á Santa Casa da Misericórdia do Porto ha mais de tres seculos, tem sido, nos ultimos cincoenta anns. (desde a visita de Rackzynski a Portugal) objecto de criticas as mais descontraadas por parte do auctor de «Les arts en Portugal» e dos criticos, tanto nacionaes, como estrangeiros, que se deram ao seu estudo. Seria interessante fazer a historia d'este longo debate, de que apenas tentaremos dar resumida idea, confinando nos limites que nos impõe a natureza d'uma revista de caracter geral.



(D'um cliché da Photographia Moderna, do Porto)

Digamos primeiro o que representa o famoso quadro que Rackzynski attribuiu a Holbein, que Robinson, o celebre *arts referee* do South Hensington, suppoz original de um dos nossos grandes mestres da pintura do seculo XVI (Gran Vasco), que o sr. Joaquim de Vasconcellos julga ser de Quentin Metsys, o critico allemão Carl Justi filia na maneira de Bernhardt van Orley (escola de Gérard David), que o archeologo belga Cenlneer affirma ser *bien flamand* sem precisar o auctor, e que finalmente o sr. Emil Pacully, o ultimo dos grandes entendedores vindos a Portugal, reputa obra de Memling.

O quadro mede 2^m,25 por 2^m,70. Ao centro, o Christo na cruz, formando a parte vertical d'esta o eixo d'uma ampla taça, onde cae o sangue que jorra d'uma das chagas. Sobre o rebordo da taça, nas extremidades do mesmo

diametro, pousam as figuras da Virgem Santa e S. João Evangelista. A toda a volta da taça um grande numero de ajoelhados crentes, as mãos postas, as faces levemente inclinadas para o alto em adoração. Os rostos excedem um pouco o nível superior da taça. No plano anterior, entre os crentes, figuram o rei D. Manuel e sua terceira mulher D. Leonor, á direita as duas filhas do segundo casamento do monarcha, D. Isabel e D. Beatriz (nascidas em 1503 e 1504), á esquerda os seus filhos do mesmo casamento D. João (depois terceiro do nome), D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique, D. Duarte (nascidos respectivamente em 1502, 6, 7, 9, 12 e 1515). Á esquerda, como personagem saliente, vê-se um bispo de mitra e baculo.

O primeiro que descobriu os retratos do rei venturoso, sua terceira mulher e filhas do segundas nupcias, foi um tal sr. Santos, que informou Rackzynski da sua descoberta. O critico e diplomata prussiano achou a importante e inseriu-a no seu livro «Les arts en Portugal». Do exame dos retratos e da circumstancia de se achar aos pés de um dos filhos de D. Manuel um barrete cardinalicio (D. Affonso foi feito cardeal, diz Rackzynski, em 1518, com 9 annos d'idade) inferiu o sr. Santos que o quadro fôra pintado em 1518. A respeito do presumido auctor, diz Rackzynski: *Este quadro é decididamente de influencia allemã e parece-se com os de Holbein.*

Todos os criticos vindos posteriormente registam a attribuição de Rackzynski, perfilhando quasi por unanimidade a idea, hoje dominante, da origem ou influencia flamenga, e mais particularmente, da escola de Bruges.

Apenas no livro d'honra vimos exaradas estas opiniões, que transcrevemos a titulo de curiosidade:

... «et beaucoup admiré le tableau de la Passion de l'école allemande qui ne peut appartenir qu'à un maitre». Alglave, prof. á la faculté de droit de Paris.

... «le grand tableau allemand...», selon ma pauvre opinion c'est un chef d'œuvre d'Holbein — Ulrich.

São opiniões de simples amadores, ainda que illustres, e mais nada. Para serem mais alguma coisa, carecem de demonstrações: não são opiniões, mas eccos de opiniões feitas, ou palpites. O sr. Emil Pacully, não repudiando a opinião do sr. Santos, transcripta pelo conde de Rackzynski, á cerca dos retratos da familia de D. Manuel, affirma que os do rei e da rainha se não parecem nada com os retratos authenticos dos mesmos monarchas que existem na Misericordia de Lisboa e em outros quadros do Museu Nacional.

Quanto á data, não acceta o sr. Pacully a de 1518, como foi deduzida pelo sr. Santos. Diz o sabio critico allemão que as deducções tiradas da presença do barrete cardinalicio aos pés de um dos filhos de D. Manuel não são rigorosas.

O chapeu cardinalicio, que Rackzynski diz ter sido conferido a D. Affonso em 1518, foi muitas vezes prometido aos filhos recém-nascidos dos reis; alem de que, o barrete podia ter sido pintado muito depois do quadro. O chapeu não está aos pés do quarto filho, (D. Affonso) mas do sexto, D. Duarte, que nunca foi cardeal. Acaso um pintor retratista pôde enganar-se d'este modo, accrescenta o sr. Pacully, com os personagens que tem deante de si? Os filhos do rei parecem-se uns com os outros e todos com o pae, *como uma copia se parece com o original.*

«Esta observação applica-se igualmente á rainha e ás infantas. A repetição dos typos no mesmo quadro recorda, como disse, a maneira da escola dos van Eyck (veja-se o retabulo de Gand) mas é contraria ao individualismo allemão e especialmente a Holbein. Certamente não são retratos, no sentido restricto do vocabulo.»

O sr. Pacully affirma ainda (*Commercio do Porto*, de 13 de novembro de 1895) que o estylo não é o de Holbein, mas sim um estylo menos individual e mais suave; que o quadro não tem a assignatura de Holbein, se é que tem alguma; que o retrato de Holbein se não parece com o de nenhuma figura do quadro; que na Misericordia não existem os documentos referentes á entrada do quadro, nem quanto á data ou doador; que o colorido, maneira e estylo da composição são os da escola de van Eyck, que se revela na disposição dos grupos, repetição dos typos, na fonte, no Christo, as pessoas de joelhos, algumas coroadas, havendo quadros *Fons vitae* em Madrid e Gand; que a toalha do Christo, o manto da Virgem e o de S. João, bem como estes dois typos, recordam os typos e os vestidos das mesmas entidades nos quadros de Roger van der Weyden, o mais celebre discipulo de Joao van Eyck; que os grupos do plano inferior (que Pacully designa com propriedade por *grupo terrestre*) recordam na tonalidade emouiva, como nas expressões dos rostos, roupagens e outros accessorios, o grande pintor Memling, bem como a paysagem, as torres, as aguas, pontes, ovelhas, collinas, arvoredos, flores, veredas, luz transparente, o sol rompendo entre brumas, as trevas mysticas, que evidenciam o estylo d'aquelle grande mestre, como pôde vêr-se nos seus quadros de Santa Ursula, em Bruges.

O sr. Pacully não acceta a data de 1495 como sendo a da morte de Memling, que em todo o caso morreu antes de 1512, em Hespanha, tendo pintado o retrato de Isabel de Portugal, como o fizeram os seus mestres João van Eyck e Roger van der Weyden.

O critico nota ainda no *Fons vitae* a assymetria caracteristica de Memling (o Christo não está bem ao centro da taça, achando-o mais proximo de Santa Maria do que de S. João).

O titulo exacto e completo d'este quadro acha se inscripto no rebordo exterior da taça, assim orthographado: *Fons misericordie, fons vite, fons pietatis.*

Não terminaremos esta noticia sem nos referirmos á restauração d'este notabilissimo quadro, levada a cabo em 1892 pelo artista portuense sr. Manuel Antonio de Moura, facta acompanhado de peripecias curiosas, conhecidas de poucos.

Oito dias depois da revolta de janeiro de 1891, a 8 de fevereiro, inseria o *Commercio do Porto* uma interessante noticia com a epigraphe: *Uma confusão a proposito da revolta.*

N'essa noticia alludia-se a uma carta dirigida ao *Times* pelo celebre sr. J. C. Robinson, a proposito da revolta. A carta começava assim:

«Na narrativa que o seu jornal fez da tentativa revolucionaria do Porto ha uma sinistra revelação que provavelmente dará mais cuidados a muitas pessoas do que quaesquer consequencias politicas que possam resultar do acontecimentos.»

Depois refere-se aos estragos de que foram victimas os paços do concelho, receiando que esses estragos chegassem a attingir «essa obra superior,» essa unica obra prima da arte portugueza, o antigo e famoso quadro representando el-rei D. Manuel e sua familia ajoelhados em adoração diante de imagem do Salvador.

O sr. Robinson julgava, ao escrever aquella carta, que o *Fons vitae* se achava na Camara, que foi bombardeada pela artilheria fiel, não se lembrando que o quadro estava na Misericordia.

O *Commercio* de 11 de fevereiro publicou outro excerpto de carta que saira no *Times*.

Ahi accentúa o sr. Robinson a necessidade de adoptar medidas que garantam a conservação do quadro, se é que elle não está «feito n'um crivo pelas balas das tropas fieis.»

Diz que fôra informado, havia tempos, por um amigo, de que o quadro já então cahia em pedaços; que por isso se dirigira ao sr. Dantas, nosso ministro em Londres, a quem entregára um «memorandum» que o mesmo sr. se encarregou de apresentar á camara do Porto, e, em Lisboa, ao parlamento; que receia seja mal recebida qualquer idéa por elle apresentada, depois da tensão de relações a que deu lugar o *ultimatum*; affirma o seu desinteresse e offerece a sua bolsa para se levar a cabo, em Londres, a restauração do quadro, que só poderá ser feita por um tecnico londrino ou parisiense, contando com a generosidade dos afeiçoados da nação portugueza, se por si só não puder com a despeza total; acabando por consignar o receio que tem de que o famoso quadro caia nas mãos de algum restaurador incompetente, mil vezes mais damnoso do que «os estragos das silenciosas e compassadas investidas das garras do tempo,» etc.

A esta carta respondeu o sr. Julio Lourenço Pinto, então provedor da Santa Casa, por outra, inserta no *Com-*

mercio de 14 de fevereiro, e em que, depois de tranquilisar o sr. Robinson sobre os seus sustos immotivados, affirmando-lhe que o quadro não soffreu nem as balas de 31 de janeiro, nem caia a pedações como fôra erradamente informado, declina a graciosa offerta do sr. Robinson, pedindo-lhe, em nome do interesse que o quadro lhe merecia, se dignasse indicar-lhe um technico habil que se promptificasse a restaurar o quadro, em *Portugal*, e quanto queria por esse trabalho.

O sr. Robinson que chegára a preoccupar-se muito mais com a sorte do quadro do que com a das instituições portuguezas, apesar de arigo d'El rei D. Fernando, não respondeu,

No anno anterior já a meza da Misericordia resolveu consultar um jury composto pelos srs. João Correia, Thadeu Furtado, Rezende, M. d'Oliveira, e V. Ribeiro sobre a restauração do *Fons vitae*. (Relatorio de 1890, pag. 54 e 58).

Os srs. Correia e Oliveira pronunciaram-se contra a restauração: os outros a favor. Foi esta divisão de opiniões que levou o sr. Lourenço Pinto a consultar o sr. Robinson. O sr. Marques d'Oliveira lembrou um artista belga cu francez. A dar-se a restauração, o jury propoz por unanimidade o sr. Moura.

O sr. conde de Samodães (Relatorio de 1891, pag. 17 e 22) propõe um jury de professores de Lisboa e Porto para decidir a questão. O jury é constituído pelo sr. A. Nunes e Silva Porto, de Lisboa, Thadeu e João Corrêa, do Porto. Como o sr. Greno não podia incumbir-se do trabalho, foi elle entregue ao sr. Moura.

Em outubro de 1892 concluiu o sr. Moura o seu trabalho, que a commissão d'exame (Thadeu, J. Correa, M. d'Oliveira) apreciou, não podendo deixar de «admirar o cuidado e minuciosidade com que foi executado um tão melindroso trabalho» affirmando que o restaurador cumprira «o melhor possível» as condições do contracto (Relatorio de 1892, pag. 22 e 24).



Composição e desenho de Arriscado Malheiro

na roupa, o corpo do bohemio posto em mezes horrorosos de doença n'uma magreza d'ossos apenas ligados. O peito arfava sempre, anciosamente e pensar se hia que, sem larynge, sem pulmões, sustido ainda n'um milagre de mocidade que queimava contra a morte o ultimo cartucho — pensar-se hia que sem voz, sem expressão, elle tornara o seu estertor n'uma linguagem e cada ancia era uma despedida aos seus, toda saudáde, toda dôr!

Manhã plena Um raio de sol, inquieto, solemne, doirado, rompe janella dentro e vae cahir como um divino osculo no rosto do moribundo. E Hamilton abre os seus grandes olhos — os seus grandes olhos embaciados que já não conhecem ninguem em de redor — tem um derradeiro e mais forte arfar de peito e fica morto, o olhar aberto ao raio de sol que fôra allí cantar a *gloria* ao poeta.

MAGDALENA

«Ah! ter eu sido a cortezá! — dizia
Ao Christo a Magdalena soluçante...
Ah! ter eu sido a lubrica bacchante,
A rainha gentil de tanta orgia!

Depois ficava olhando o Christo pallido...
Um finissimo aroma extranho e cáldo,
Como um sonho d'amor, d'ella irradiava...

Vinha passando um rustico noivado...
E o Christo ancioso, em lagrimas banhado:
— Ter ella sido a cortezá! pensava...

OLIVEIRA ALVARENGA.

Ah! não ter eu adivinhado, um dia,
Esse teu coração, formoso e amante!
Nunca o meu corpo branco e luxuriante,
Em mil festins, impudico exporia!

HAMILTON D'ARAUJO.

Foi a 8 d'este mez d'agosto que Hamilton d'Araujo, fez agora oito annos, morreu.

Resuscitemos este pobre morto, que foi na vida um dos poetas mais originaes das ultimas gerações passadas, prestando-lhe homenagem no nosso jornal.

MADRUGADA ULTIMA

A agonia levava toda a noite. As claridades esbranquiçadas da manhã que principiava, penetravam baçamente pelas janellas e faziam ainda mais doridos, mais soluçantes e mais fumosos os bruxoleamentos da lampada que tinha vascas como o poeta moribundo. No quarto estava um silencio de catastrophe, no qual o arfar da vida que luctava a ultima resistencia, chegava a ser um ruido e produzia a sensação d'um pavor. Comprehendia-se que havia gritos reprimidos suffocando gargantas e lagrimas que um supremo esforço não deixava esbaogar pelas faces.

No seu leito, o poeta cerrava os olhos e os anneis do cabelo louro todo humido da transudação final, desenhavam sobre a almofada com o uma aureola de martyrio. A instantes o peito do agonizante subia, subia, subia, como se d'elle fosse sahir, despedaçante e ultimo, o grito d'aquella desventura que terminava. Mas o ar, que a madrugada aclarava de frouxo, era sempre silencioso, d'um silencio terrivel de morte que entrava.

Na rua começavam os ruidos da cidade a acordar. Gente passava, parlando, para as officinas e sinos distantes batiam badaladas alegres. Estes rebates da vida que ia proseguir inalteravel e normal, indifferente ao poeta e áquella agonia, chegavam até ao quarto do moribundo como uma rajada aspera a causar um frio novo no coração dos que assistiam ao acabar do Hamilton. Tambem o poeta estava indifferente áquella madrugada — e elle amara na existencia todas as auroras serenas e abriera sempre os olhos d'encantado á macieza da primeira luz do dia. Porém esse dia como que já não era da sua vida. Se agonizava desde tanto!... A claridade crescia no quarto do moribundo e então já se via o emaciamento d'aquella face que sorria tantas tristezas, e fazendo um magoante relevo



HISTORIAS PARA CRENÇAS

A MORTE DO ALBERTO

ALBERTO, o sympathico Alberto, era uma adoravel creança : tinha os cabellos loiros anelados, os olhos rasgados e expressivos, as faces vivamente rosadas, os labios de carmim, em que adejava o mais alegre dos sorrisos : todo aquelle perfil risonho era um conjunto de perfeições realçadas pela belleza moral e pela graciosidade ingenua, despreocupada e contente. Era o anjo bom do lar, a fagueira esperança de sua familia, que o amava, que o adorava, que o estremecia, cercado o dos maiores desvelos, enxugando lhe as lagrimas e prodigalizando lhe todas as caricias, que a infancia reclama. Assim vivia e crescia o pequenito n'aquelle ambiente da mais pura moral.

Sorria, tagarellava, pulava ; depois, cançado dos seus brinquedos quotidianos, acolhia-se ao regaço da mãe que, cobrindo-o de beijos, e sorrindo para elle, como só sabe sorrir quem é mãe, ia deital o, aconchegava-lhe a roupa, e cantava lhe suavissimamente, fazendo concerto com o oscillar monotonoo do berço as suas quadras predilectas, terminando por esta :

Oh meu filho dorme, dorme,
O somno da innocencia,
— Somno lêdo tão gentil —
Nos braços da providencia!

E assim ficava dormindo n'uma attitude serenamente angelica, como se a alma lhe andasse a esvoaçar por outro mundo melhor, e patenteando nos labios um levissimo sorriso, similhante ao pequenino botão de rosa entreabrindo se aos raios do sol matinal e impregnando de perfumes a atmosphaera circumjacente. E a mãe, a bondosa mãe, ficava contemplando por momentos, aquelle filhinho querido, como se alli se resumisse o seu unico thesouro, o seu escriptorio avelludado, a sua suprema e incomparavel ventura ; depois, de manso e manso ia-se retirando, levando no espirito, nitida e profundamente gravada, a imagem d'aquelle que era todo o seu enlevo, e em que lhe parecia ficar parte da sua alma immaculada. E' que a mãe é vida e vida, é o anjo tutelar da creança, dedicando-lhe o mais puro dos affectos. A mãe na familia symbolisa a aurora que tudo alegre, o sol que tudo alumia, a estrella que tudo orienta, a caridade que tudo mimoseia, o conselno que tudo dirige, a providencia que tudo prevê, a virtude que tudo nobilita, a esperança que tudo reanima : é, em summa, a mais sublime, a mais culminante, a mais magestosa, a mais refulgente de todas as constellações do grande mundo moral. Atemos o fio, e prosigamos falando d'Alberto, o nosso principal protogonista. Tinha cinco annos quando seu pae começou a ensinar-lhe os primeiros rudimentos de leitura. Muito perspicaz, a creança começou a comprehender o valor das lettras, e ao fim de pouco tempo lia soffrivelmente. Um dia, porém, a nuvem da desdita veiu entenebrececer o horisonte, até então sempre limpido, da vida d'aquelle familia que se julgava feliz. Alberto adoeceu. E desde então aquelles olhos, em que radiara a mais completa alegria, perderam o brilho, e contornava os profundamente um circulo escuro ; aquellas faces, tão vivamente rosadas, descoraram como as petalas de uma camelia branca ; aquelles labios acarminados, em que assomára tantas vezes o mais franco dos sorrisos, desbotaram como a rosa cortada da sua haste. Era a sombra do que tôra. Esteve assim largos dias, durante os quaes a mãe nunca abandonou o leito do doente, cujo rosto ella ás vezes regava, beijando-o, com lagrimas de verdadeira ternura maternal.

— Porque chora, minha mãesinha, lhe perguntou um dia o doentinho, tem receio de que eu morra ?

— Não, meu querido filho, não tenho esse receio porque espero em Deus que não has de morrer d'esta vez.

— Quando os pequeninos da minha idade morrem, para onde é que vão ?

— Vão para o Céu.

— N'esse caso não tenha pena de mim, porque se eu morrer pedirei ao Pae do Céu pela minha mãesinha, e sempre viverei lá mais feliz do que poderei viver cá na terra.

Havia tanta meiguice, tanta naturalidade, tanta singeleza n'estas palavras assim pronunciadas pela creança, que a mãe, devéras commovida, retirou-se do quarto para dar livre expansão á sua magna excruciante : então uma torrente de lagrimas, que lhe derivavam copiosas pelas faces, descreviam, n'essa linguagem muda mas eloquente, a procella que se desencadeava de mais em mais no seu coração afflicto de mãe inconsolavel.

Alberto sentiu-se peor ; foi chamado á pressa o medico, que, tomando lhe o pulso, viu que a febre estava no maximo grau de intensidade, e que era impossivel salvar o.

De feito, como se tivesse recebido o choque de uma pilha, os olhos revolveram se-lhe extraordinariamente nas orbitas, o corpo agitou se convulsivamente, chamou angustiosamente a mãe ; e os braços, que elle erguera n'uma grande afflicção, recahiram lhe inertes sobre o peito, dois fios de lagrimas deslisaram lhe pelas faces, e nos labios entrevia-se um leve sorriso de amargura suprema, melancholica, indefinivel, mysteriosa...

Havia expirado !

N'esse mesmo momento um vulto branco, atravessando o espaço e deixando um rasto luminoso, ia subindo, anhelante do infinito, subindo, subindo sempre em demanda de novos céos e novos munhos, céos de nossas esperanças e mundos de eternas primaveras. Era o anjo da guarda que levava para o seio amorosissimo do Creador a

alma da creancinha, cujo cadaver ainda morno a mãe abraçava n'uma grande afflicção, afflicção sem nome na linguagem dos homens e sem graduação na escala das amarguras cruciantes.

Hoje, no Campo santo, ás horas mortas da noite, quando as estrellas, povoando o firmamento, sorriem da sua immensa altura, e a lua, arrastando o seu manto luminoso, se ostenta magestosa no chão azul dos céos, e o orvalho, perlando os cyprestes e gotejando das bordas das campas, chora a saudade dos mortos, n'um isolamento, melancolico, soturno, indescrptivel, — a brisa suave, perpassando por entre as flores que engrinaldam os tumulos parece murmurar sentidamente, em volta do jazigo de Alberto, estes quatros versos, como tributo indizível de saudade :

Oh meu filho dorme, dorme,
O somno da innocencia,
— Somno lèdo, tão gentil —
Nos braços da providencia !

Benavente.

MENDES PINHEIRO.

CARAS E CARETAS O CALOR



— Diz que o governo va e vender Lourenço Marques !
Mas que tenho eu com isso ?



— 33 graus... á sombra!... Já cada qual não pôde viver honestamente em sua casa !



A moral!... isso é bom para os friorentos !



— Vocês julgam que me prégam uma grande pirraça !... Agora, onde se está melhor é á sombra da Parreirinha !



— Travessa do Forno, aos Anjos ! Vá lá a gente ter religião com um calor d'estes !



— Menino, qual é a propriedade do calor ?
— A de nos fazer suar, sr. professor !



— Que calor ! Dilata a gente. Pódes me emprestar cinco tostões ?
— Enganas-te, meu caro. A mim faz-me encoher.



— Não imagino o que senti quando a vi pela primeira vez !
— Sentiu muito calor ?... Não admira porque estava um tempo suffocante !



Calor ! Calor ! Mas onde é que elles o têm ?

A Estação de Paris

O melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza

REDACTORA: D. GUIOMAR TORREZÃO

SAE 3 VEZES POR MEZ

Os assignantes da ESTACAO DE PARIZ recebem GRATUITAMENTE a CHRONICA, lindissimo jornal litterario, illustrado e de biographias, que tem já publicado os seguintes retratos e biographias: João de Deus; Conselheiro H. de Barros Gomes; Visconde de Ouguella; Conde de Buroay; Dr. Sousa Martins; Dr. Manuel Bento de Sousa; Dr. Virgilio Machado; Conde do Casal Ribeiro; Padre Senna Freitas; Conselheiro João Franco; D. Anna Peito de Carvalho. Cada biographia é acompanhada d'um soberbo retrato impresso separadamente em papel velino.

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente re-fundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

Velocipedia prática, por D. Miguel de Alarcão, 1 vol. com desenhos explicativos, br. 300 rs. Enc. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

MANUAL

DE

GYMNASTICA

PO'R

D. MIGUEL DE ALARCÃO

1 Volume com 140 gravuras. br. 800 rs.
Enc. 1\$000 rs.

NADA

(POEMAS E VILANCETES)

POR

JULIO DANTAS

1 Volume prefaciado por Lopes de Mendonça, e com um retrato do auctor, desenho de J. Galhardo, brochado, 800 réis.

EDITOR — ANTONIO MARIA PEREIRA

MANUAL

DE

ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

RAMALHO ORTIGÃO

O Culto da Arte em Portugal

1 Volume, 600 réis

ANNUNCIO

Direcção das Obras Publicas do Districto de Lisboa

SECÇÃO D'ESTRADAS N.º 5

Estrada districtal 180 da Casa Branca à Ferreira

Lanço de S. Lourenço a Pyramide das Encruzilhadas

Faz-se publico que no dia 3 de Setembro, ás 11 horas da manhã, na secretaria da secção em Grandola, se procederá á arrematação de duas tarefas de construcção, constantes do mappa seguinte, sob a presidencia do engenheiro chefe interino da secção :

Designação das tarefas	Base da licitação	Deposito
1.ª TAREFA Abertura de caixa, regularisação de bermas e valletas, empedramento, ensaibramento e cylindramento entre perfis 28 e 38 na extensão de 322,24.....	470#000	24#000
2.ª TAREFA Abertura de caixa, regularisação de bermas e valletas, empedramento, ensaibramento e cylindramento entre perfis 38 e 49 na extensão de 278,90.....	428#000	22#000

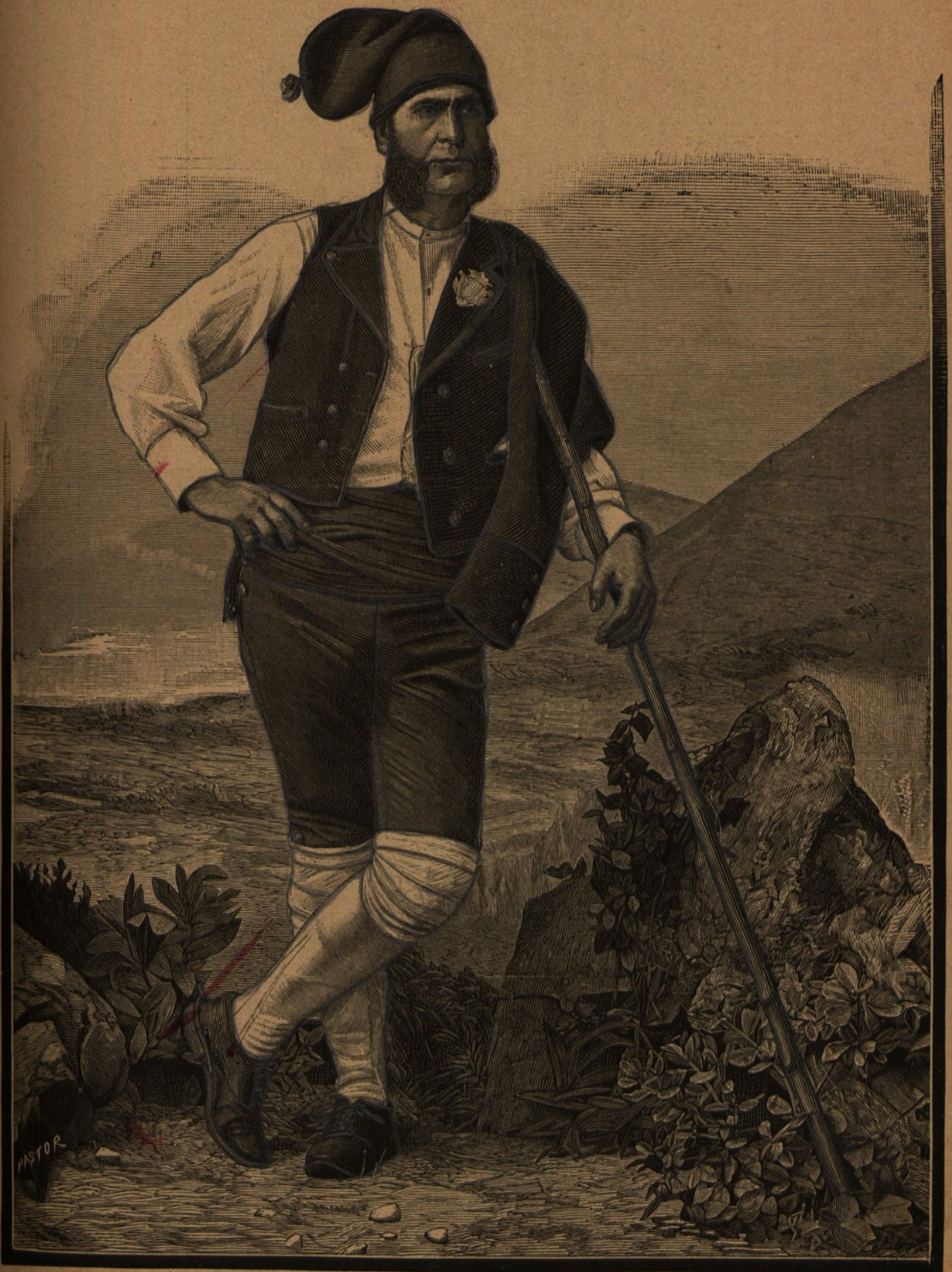
As medições e condições especiaes d'esta arrematação estarão patentes na secretaria da secção em Lisboa e em Grandola, todos os dias não santificados desde as 10 horas da manhã até ás 4 da tarde.

Lisboa, 14 de Agosto de 1896.

O ENGENHEIRO DIRECTOR

Antunes Navarro

BRANCO E NEGRO



Photogravura
 em todos
 os generos

Photogravura Universal
 DE
Castello Branco
 Alameda
 Lisboa

R. da Bombarda, 48. 1.^o
 N.º Telephonico 313

PERFEIÇÃO.
 RAPIDEZ.
 ECONOMIA



PIANOS
HARMONIUMS
 CORDAS
REBECAS
 BANDOLINS, ETC.
 ACCESORIOS
 PARA TODOS OS
INSTRUMENTOS
MUSICA
LAMBERTINI
 43, P. DOS RESTAURADORES, 49
LISBOA

CASA LAMBERTINI

ARTIGOS NOVOS

SURDINA para violino, com molla.....	Reís	₣200
RESINA BONN (aceio, economia e qualida- de superior).....	"	₣240
RETININA para impedir que as cravelhas es- correguem.....	"	₣200
CAVALLETES de 4 pés, para violino e vio- loncello.....	₣400	" e 1 ₣500
TECIDO IMPERMEAVEL , para conser- var as cordas, 15 cent.².....	"	₣050
PREPARADO «REDIVIVUS» para lavar os arcos e instrumentos, cada frasco	₣200	" e ₣200
OLEO «PREMIER» para lustrar instru- mentos de corda e para as chaves dos instru- mentos de madeira, cada frasco.....	₣200	" e ₣300

Estes artigos só se encontram n'esta casa

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

Redacção e Administração — Rua Augusta, 47, 2.º andar — LISBOA

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	1 ₣100 réis	2 ₣200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	1 ₣300 "	2 ₣600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal).....	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	1 ₣050 réis	2 ₣100 réis	4 ₣200 réis

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 22

LISBOA, 30 DE AGOSTO DE 1896

1.º ANNO

BELLAS-ARTES



O DESEMBARQUE DO PEIXE — (Quadro de João Vaz)

SAHIRAM os barcos, de noite, para a pesca. Mar em fóra, á luz clara das estrellas, elles lá foram, confiados em Deus, pedir o pão ás aguas. Foram serenos e contentes, na esperança de, ao outro dia, trazerem os barcos peçados, com o peixe fresco a saltar dentro das redes, mostrando ao sol o brilho das suas escamas.

E enquanto a ultima vela desaparecia no limite do horisonte, abaixando-se e reaparecendo ao sabor das ondas, as mulheres recolhiam as cabanas, rezando pelos que iam sobre as aguas do mar...

Manhã clara. Eil-os de volta. Pela praia, um borborinho esfusia, — gritos, correrias, pragas. Descem as mulheres, de saia arregaçada, té ás espumas que o mar deixa n'areia. Reluz-lhes nos olhos o terror da expectativa. Seria boa a noite?

Aponta á barra a primeira *latina*, galhardamente, como quem vem da conquista, gloriosa e triunphante. Ha gritos mais retumbantes; ouvem-se nomes de cá para lá. Que tal? Boa a pescaria? E a barca vem entrando, singrando, levemente, sobre a espuma das ondas. Chegam ás duas, ás tres, mettendo pela agua até ficarem encailhadas.

Arregaçadas as calças, os homens que ficaram mettem-se á agua com as gizas promptas para trazerem o peixe para terra.

Bemdito seja Deus! A colheita foi boa e ha esperança de comer pão n'esse dia!...

MOÇAMBIQUE

Foi n'uma manhã de quarta-feira que ancoramos no esplendido porto de Moçambique e nós, visitas novas, ficamos todos encantados com a perspectiva.

Que grandeza e apparencia de civilisação não tem Moçambique em comparação com outros portos! Viam-se grandes edificios quasi até á borda da agoa e o mar estava lindamente transparente, d'aquella transparencia azul que os passageiros para o Cabo se devem lembrar ter observado na Madeira. Era aqui que esperavamos encontrar o navio almirante *Raleigh* e *H. S. M. Rancoon* e *Swallow*, mas tinham já sahido para Mombassa.

Tendo desembarcado com o capitão Jones e dois passageiros mais, fomos direito á casa do agente da *Union Company* e tivemos ali o prazer de vêr a entrada e sahida do amendoim, que se estava preparando para a exportação. O amendoim vem do continente e parece constituir uma importante industria. Grande numero de pretos, homens e mulheres, estavam occupados no serviço de o limpar e ensacchar e bem ligeiro que elle parecia ser!

O que mais me admirou n'estas casas é que eram de alvenaria pezada e os terraços aproveitados para seccar o amendoim. O seu desenho é de um typo perfeitamente antigo, com os seus pateos, peculiares escadas e vestibulos, largas e solidas portas, cimeiras de phantasia, etc.

Gastamos todo o dia em percorrer a ilha e não obstante estarmos na melhor epoca do anno achamos o sol excessivamente quente e incommodativo. Pudemos comprehender bem a razão porque a gente evita nos mezes de verão andar nas ruas ao meio dia e prefere trabalhar de manhã e almoçar ás 11 horas.

Apezar do calor, vimos a maior parte da ilha, encontrando sempre alguma coisa que nos interessasse.

Não conheço as dimensões da ilha, mas é bem pequena e o menor palmo de terreno está, por assim dizer, edificado. E' preciso conhecer bem a historia de Moçambique para achar a justificação de tão densa edificação; em outros tempos a localidade devia ter sido de grande commercio e a pouca terra aproveitavel de um valor immenso, pois as casas estão pegadas umas ás outras, são immensas, solidas e altas, e em ruas estreitas; algumas d'estas parecem mais viellas do que outra coisa, e se houvesse movimento de carros seria necessario muito boa mão de re-dea para evitar choques ou atropellamentos.

Na parte commercial da cidade não parece haver a menor loja ou armazem; em vez d'isto vêem-se de um e outro lado solidas paredes de alvenaria a uma altura de 2 andares. Nem uma montra, pela simples razão de que as não ha no sentido moderno da palavra e qualquer pessoa quando desembarca para se tentar na compra de qualquer coisa, volta perfeitamente desapontada. Usam-se janellas ordinarias e para fazer negocio é preciso entrar nas lojas, aonde reinam a frescura e algumas vezes a escuridão.

Uma feição característica é a abundancia do gradeamento devido ao facto de muitas janellas serem protegidas por varões de ferro. Ao passar por uma rua vimos uma rapariga que tinha sido nossa companheira de viagem, espreitando para a rua por entre os ferros, como se estivesse presa. Será de certo uma surpresa para todos saber-se que estava n'um hotel!

Tudo nas casas offerece uma linha uniformemente massiça e nós não podiamos deixar de pensar quando olhavamos para as janellas vedadas com grossos varões de ferro que se as altas salas, os solidos quartos quadradros e os numerosos corredores e vestibulos fallassem, contariam coisas que não poderiam deixar de nos cortar o coração e fazer calafrios ao sangue.

Devem-se lembrar que Moçambique tem já dous ou tres seculos e a sua apparencia offerece o mofo da idade; a imaginação não precisa de se compenetrar muito da contemplação das ruas estreitas, das casas immensas e peculiarmente construidas, da feição sinuosa da cidade e do seu aspecto calmo e quieto para evocar scenas analogas ás das *Mil e uma noites*. Haroun Alraschid podia ter por aqui andado, dispensando os seus favores e protegendo o seu povo, com o acompanhamento de magicos e escravos. Revelação e feitiços podem ter isolada ou simultaneamente existido, riquezas e escravatura ter ali coincido e o voluptuoso luxo oriental ter estado de mescla ou baseado na miseria dos encantados.

Afóra estas phantasticas considerações, deve se ter de qualquer fórma adquirido uma somma immensa de capitães para pagar tão longe dos centros civilizados esta ilha tão compacta e densamente edificada. Uma das muitas feições da cidade é a sua excellente viação. Não ha os incommodos da areia, as ruas offerecem tão bom piso como as de Durban e são por toda a parte limpas.

Passando ás notabilidades da ilha julgo dever dar preferencia á praça, aonde me foi facilmente facultada licença de entrada; ha boa estrada para ali ir, e parece ter sido construida sobre um banco de coral, sobre o qual supponho estar o resto da ilha. Quando nos approximavamos das immensas portas, encontrámos um certo numero de galés que traziam todos gargalheiras de ferro, provavelmente para mais depressa se juntarem quando preciso seja; posteriormente vimos a trabalhar uma grande porção d'elles que estavam presos uns aos outros.

Entrámos depois n'um grande pateo com casernas e repartições de um e outro lado e seguindo o nosso guia subimos gradualmente á esplanada e vimos as numerosas peças que dominavam o mar por todos os lados. Eram de typos diversos, algumas antigas e mais proprias para ornamentação do que para uso, emquanto uma parte dos reparos não pareciam destinados a poder resistir a grandes deslocacões. Ha uma formidavel bateria tendo algumas armas uteis e modernas.

Levou-nos tempo a dar a volta á praça, da qual gosamos panoramas soberbos. Tem de certo uma apparencia de grande resistencia mas como se comportaria ella, tão velha, no caso de um ataque moderno? é uma questão que os especialistas devem resolver. A praça é em grande parte utilizada como cadeia; todos os assassinos e degradados que são culpados de crimes mais graves, são mandados para Moçambique. Ouvimos dizer que um branco de Lourenço Marques está agora aqui preso e não pudémos deixar de o lamentar pela sua prisão.

O local immediato em interesse, ainda que pareça bem triste, é o cemiterio. Para o alcançarmos tivemos de atravessar o bairro indigena que nunca mais me hade esquecer.

A rua que leva ao cemiterio é boa e larga e tão elevada que o bairro indigena que ella corta em 2, é visto com proveito. As palhotas são quadradas e oblongas e tão proximas entre si que os tectos se projectam um sobre o outro. Filas de cabanas sobre cabanas accumulam-se como se estivessem em exposição n'um bazar. Deve haver á vontade 2:000 de cada lado, um perfeito monte de habitacões n'uma area tão limitada e apezar d'isto as viellas proximas pareciam aciadas; como é o interior? não o posso dizer porque me não aventurei a tal inspecção. A vista de tantas coberturas de colmos faz tanta impressão, que se não pode deixar de olhar por todos os lados para colher um novo ponto de vista mais vantajoso.

Apezar de nos sentirmos cada vez mais interessados, continuámos o nosso passeio até ao cimiterio, no extremo da ilha. Dois indigenas encarregados da sua guarda foram os nossos guias e, com uma importante excepção, pouco havia de interesse palpitante a não ser as sepulturas de alguns inglezes, incluindo um missionario que pastoreou aqui, ha muitos annos, e um curioso mausoleu portuguez.



CHEGADA A MOÇAMBIQUE, desenho do natural de Carlos Sheldon

Disse acima que havia um ponto de interesse excepcional. Na extremidade da capella do cemiterio demos com uns estreitos degraus junto a uma edificação quadrada, sem cobertura; com natural curiosidade subimos a grosseira escada e entrámos no recinto. Que era? Um verdadeiro carneiro! A alguns pés de nós estava um montão de ossos humanos esbranquiçados!

Não posso dizer quantos eram. Duzias de caveiras sem tampo de gente que tinha já andado n'este mundo, jaziam alli, algumas viradas para nós, com fiadas de dentes sem uma unica falha, enquanto pedaços de costellas, ulna, radius, tibia e femur e outras porções do systema osseo estavam espalhados á toa. Era uma perfeita visão do outro mundo e estimámos que não tivéssem vindo as senhoras, senão os seus primeiros sonhos seriam perturbados por visões de *almas* e espectros.

Julgo que em virtude da terra ser tão limitada, tem de se economisar o proprio terreno sepulchral. Parece que aquelles que não podem comprar o terreno reservado á sua cova, são enterrados e depois da putrefacção da carne tiram-se-lhes os ossos e levam se ao carneiro já indicado, aonde são sujeitos á acção da cal. O resultado é tornarem-se tão brancos como o papel em que esta informação fica registada.

Voltámos discutindo varios processos de tratamento dos cadavere, tendo a cremação alguns apologistas.

A nossa attenção reverteu aos edificios publicos e principaes. Gostaria muito de ter visitado o bello palacio do Governador Geral para o que obtivera uma carta de apresentação ao seu secretario Commendador Joaquim da Graça Corrêa e Lança, mas infelizmente o tempo não permittiu nem mesmo a apresentação da carta. E' uma ampla residencia e disseram-me que o seu interior é o mais cuidado e interessante.

Passámos de caminho pelo hospital, um edificio muito grande e que está sendo ainda mais augmentado. Este hospital foi, me parece, construido na sua mais avançada fórma á instigação do coronel Machado e isto dá-lhe de certo credito. E' uma estrutura immensa e attractiva com um frontespicio esplendido, tendo esplendida moldura sustentada sobre columnas e tudo precedido de bella escada de pedra. Duas alas completam a frente e o resto da construcção fecha um quadrangulo completo. Deve ter custado muitos milhares de libras porque é o mais substancialmente construido, mobilado e montado. O hospital de Durban não lhe é superior e o que mais se lhe aproxima, dos que tenho visto na Africa Meridional, é o de Johannesburg. Ha um reverso na medalha da immensidade d'este hospital, é que se conclue assim que ha por aqui muitas doencas.

Defronte do hospital está o mercado aonde só vimos indigenas, vendendo tabaco, umas coisas parecidas com pão, condimento e outros artigos. Era um lote de pretos, na maior parte mulheres, com detestavel aspecto. As nossas mulheres Zulus são em comparação bonitas e aciadadas e de raça bem mais fina.

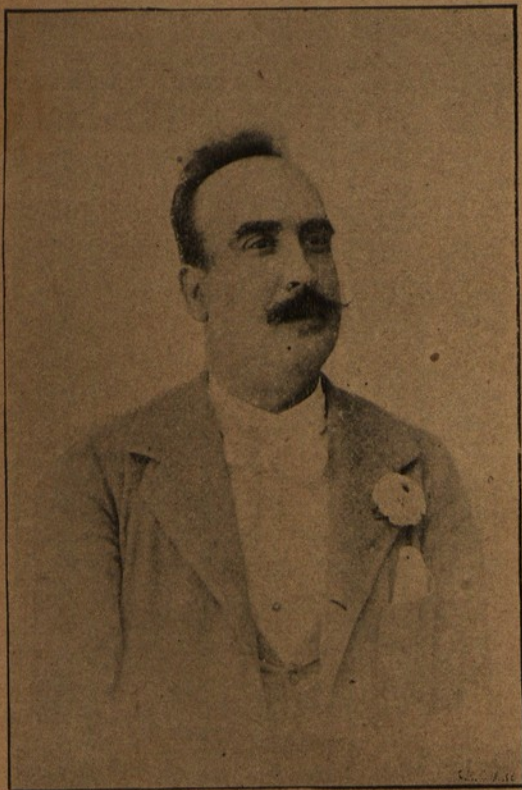
Entre parenthesis, os indigenas da costa têm uma maneira curiosa de cumprimentar os seus superiores, que não é em geral conhecida entre nós. Em vez de levantar a mão e fallar, elles param e arrastam para traz os pés.

Como era natural, predomina o negociante indio; traficante nato como é, vende tudo e encontra-se em todas as ruas.

Cawthra Woodhead.

«SERENADAS DE HYLARIO NO CÉO»

POR GOMES LEAL



GOMES Leal é hoje, morto João de Deus, não só o primeiro poeta de Amor da nossa terra, aquelle cujo lyrismo, vindo directamente das fontes puras da poesia do coração, dos *Sonetos* de Luiz de Camões, das *Eclo-gas* de Bernardim Ribeiro, dos ingenuos poemas de Cristal e dos ternos rimances de Garrett, mais se penetra d'um sentimento exquisito do moderno, mas tambem o grande poeta do Mysterio o que, n'um grau mais elevado e intenso, possui o sublime dom de evocador e feiticeiro de almas.

A sensibilidade dos poetas mede-se pelo sentimento que tem do desconhecido. Enquanto que os espiritos praticos mergulhados na materia negam tudo que não seja realidade, alguns, por milagre, evadem-se a esta oppressão e se, por ventura, o maior numero não vê na floresta senão a sombra e não gosa mais do que o frescor das arvores, o poeta percebe sempre na bruma um fantasma que o busca e o chama e com a Dama da floresta entretem longas e perturbantes conversas.

Insistem os homens em affirmar que não existem se-reias, que por entre as ondas dos trigos não se esconde a caraça ironica dos faunos e que os carvalhos tombam sem que o machado que os fere se avermelhe do sangue da dryade. O poeta não é assim; elle percebe nas coisas visagens que o contemplam; distingue longos prantos nas chuvas que cahem, reconhece vozes na noite, e o proprio silencio, onde alguem é vivo, elle o ouve, nitidamente o ouve.

E' por isso que os barbaros o tractam por louco, que o amarram ao mastro do navio ou o crucificam na primeira arvore do caminho.

Já Taine dizia: «Certo em cada coisa palpita uma alma e o universo tambem tem a sua; qualquer que seja o ser, bruto ou pensant, definido ou vago, por detraz da sua forma sensível luz uma essencia secreta e um não sei quê de divino que nós entrevemos por relampagos sublimes sem que nunca lhe possamos attingir e penetrar o mysterioso

segredo. Eis ahi o presentimento e a aspiração que agita toda a alma moderna.»

Ora é d'esse presentimento, que crava no coração do poeta as sete espadas dolorosas e juntamente tambem da sua imaginação tão álferta e tão povoada que sahio esta graciosa phantasia mystica n'um acto que sob o titulo de *Serenadas de Hylario no Céu*, Gomes Leal acaba de publicar.

Os paizes de sol são os paizes dos imaginativos. Rompe da luz esbrazeante, dos fumegantes e rubros céos da península a gloriosa figura do Quixote, sonha outr'ora Fernão Mendes Pinto nas mornas e caladas séstas as suas aventurosas jornadas, a maravilha das suas *Peregrinações*, ao sol se brunem as reluzentes estrophes do Romancero e é no largo miradouro da Provença, a terra do sol, que a tresloucada phantasia d'esse bem amado Jean Lorrain tece agora os seus admiraveis symbolos.

Entre nós a redemoinhante e alada imaginação, a plastica e voluptuosa phantasia substituem-se pela bronca, pela superficial e facil rethorica e estou em crer que nenhuma outra litteratura ha tão miseravel e mesquinha de concepção. Tirante meia duzia de auctores, á frente Eça com a sua poderosissima phantasia larga e archi-doida, Gomes Leal com a sua aerea e delicada imaginação, cheia de infinita graça e de poesia infinita, o resto é de uma pobreza de trapeciro.

Nas cincoenta paginas da *plaquette*, o poeta, desenvolvendo o thema — que o Bem deve aspirar sempre ao Bello, e o Bello sempre ao Bem, — toma Hylario como o typo do bohemio, do estudante enamorado e tropeiro, e leva o ao céo onde elle, com grande desespero de S. Pedro e fundas ironias de Mefistofeles, faz delirar, tocando os fadinhos e cantando, S.^{ta} Cecilia, a louca Magdala, os veneraveis Eremitas, as Onze Mil Virgens, os Anjos, as Estrellas, as Constellações, a uns e outros improvisando versos e dando glosas a motes, de modo a transformar o pacifico paraizo n'um esturdio e alegre oiteiro de convento. Gomes Leal serviu se do typo de Hylario decerto porque o encontrou já feito, popularizado, d'outro modo teria procurado alguma figura desgraçada de tropeiro, bohemio como elle, embora, mas um intellectual, poeta que cantasse os proprios versos, menos banal, egualmente bom e esturdio, alguém que fosse como Nerval ou Mürger — o Hamilton, Santos Mello, que sei eu?

O que ha porém de mais notavel na *plaquette* — onde com um brilho limpido de solitario rutila a admiravel ballada *O vestido de novado da rainha de Kachmir*, que á amisade do poeta devemos ter dado já em *primeur* — é a intenção confessada de vêr se, renovando os mysterios da Edade Media e fundando um genero delicado e mysterioso de theatro, seria possivel arrancar o publico ao *engouement* trivial da magica.

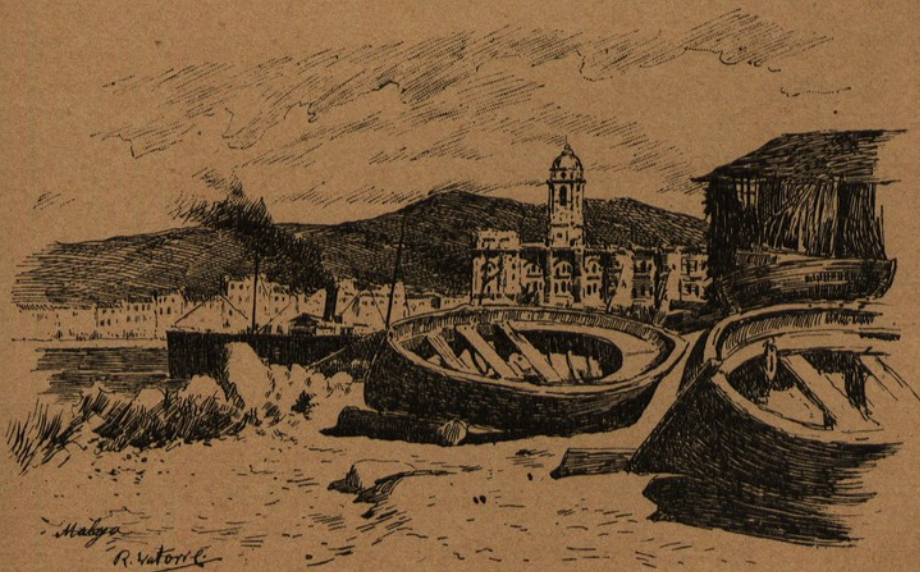
Em frente d'essa tentativa as minhas mãos batem incondicionalmente palmas, comquanto eu duvide em absoluto dos seus resultados. O genero tamboresco e vasio que domina ainda o nosso theatro está de tal modo radicado no publico cuja cultura esthetica é absolutamente nulla, que não será decerto um acto, ainda que elle tenha o mysterioso sublime da extraordinaria *Intruse* que conseguirá prendel o; é necessario alguma coisa mais, uma poderosa catastrophe, tragedia ou drama, quatro ou cinco actos extranhos que esmaguem a sua ignorancia e a sua pretenciosidade e o obriguem a cahir de joelhos extasiado ou a rebentar aos uivos n'uma pateada formidolosa e épica.

E essa tentativa está a est'hora em via de realisação; pois que alguém com crença e fé n'ella trabalha, o que não impedirá por certo que outros venham — e sejam muitos — trazer a esta cruzada d'arte pura o melhor do seu esforço honesto e da sua audaciosa e intemerata fé. Gomes Leal muito poderá fazer tambem, e a sua *Nau Catharineta* deve ser uma extranha peça de theatro, cheia de vago e mysterioso pavor. Ninguém como elle é original no verso e a sua originalidade não está, bem entendido, em tirar, como uma aranha, das proprias entranhas, o tecido da sua teia; pelo contrario, o seu esforço é diminuto, pois que, a dentro dos limites de concentração indispensaveis a todo o trabalhador honesto de letras para a elaboraão da sua obra, poucos terão uma inspiraão tão expontanea e facil, inspiraão que se, excepcionalmente, freme em rumores de levada, gorgeia as mais das vezes em ternas cantilenas de nascente pura e limpida, com melodias e brandos espreguiçamentos, entre o velludo dos musgos e a frescura dos alecrins.

E n'esta relativa facilidade de inspiraão não será porventura desarrasoado procurar a causa das bruscas desigualdades de produção, do disequilibrio do genio do admiravel poeta que mais procede por impulsão do que por deducção, mais por intuição do que por raciocinio.

De resto tambem, bastas vezes essa desigualdade procede da idyosincrasia anti-rethorica do poeta que nos seus versos é de uma simplicidade quasi á João de Deus se attendermos a que Gomes Leal é um colorista a quem a nota objectiva preocupa bastante. Vejam a sua *paysagem* apenas indicada a largos traços, reduzida ás suas linhas essenciaes, apresentada por largos planos de sombras e luz, á maneira das telas de Puvis de Chavannes, admirem a sua simplicidade de evocaão e digam nos depois se não é d'elle que procede a moderna pleiade de poetas da nossa terra — lyricos e coloristas — e se não foi, acaso, no *Anti-Christo*, ainda mais do que nos sublimes *Sonetos* de Anthero, que teve origem a crise de desesperador nihilismo em que se debate a poesia dos novos e que proveio de Gomes Leal tomar á lettra a philosophia de Eduardo Hartmann que no fundo, muito ao contrario do que por 'hi se suppõe e que o poeta suppôz, é de afirmação e de optimismo.

DOMINGOS GUMARÃES.



BARCOS NA PRAIA

NOIVADOS AO LUAR



Arvores e flores, serras e colmados,
Tudo veste o Luar no seu prateado amicto,
Tudo veste o Luar...
Vão da côr do leite os rios namorados,
E, no Ceu azul, na azenha do Infinito,
Anda a mó d'um moinho a prata a pencirar...

Toda a Aldeia é noiva quando o Luar a veste,
Pois que vai nessa hora, vestidinha a prata,
Espózar o Ceu...
Leva no corpete um ramo de cipreste,
E esse mesmo é branco como a pura nata
Do gomil de leite que Jesus lhe deu...

Anda a Aldeia em festa, com seu veu de arminhos,
Braço-dado ao Noivo, de cabelo loiro,
Como um pagem real...
As Estrellas-Novas são os seus padrinhos,
A atirar-lhes flores e confeitos de oiro
Sobre as finas rendas do seu veu nupcial...

Deste casamento o Mar é celebrante :
Sua estola de agua alonga se á vontade
Para dar o nó...
Reza o velho Monge, numa voz tocante,
Lá do seu mosteiro, de que elle é Abbade,
Sobre o altar da areia revestido a pó...

Quando os Noivos cazam, toda a Terra canta,
Desde o plaino verde á negra cordilheira
Que faz cerco ao Mar...
Cada ninho é um Poema, de onde uma garganta
Verte sobre a Terra uma canção palreira,
Como um ribeirinho de aguas a cantar!

Cantam arvoredos, cantam velhas fontes,
Cantam cemiterios e almas encantadas
No goival da Dôr...
Cantam pegureiros no alcantil dos montes,
Ricos e mendigos, moças namoradas,
Toda a Terra canta madrigaes de amor!

ADOLPHO PORTELLA.



O «ADAMASTOR»

Couraçado da marinha de guerra portuguesa mandado fazer por subscrição nacional e lançado á agua, em Livorno, no dia 12 de julho de 1896, com a assistencia dos delegados da Grande Subscrição Nacional, do representante do governo portuguez junto da casa constructora do navio, o tenente de marinha Avelino Monteiro, do consul portuguez e de varios diplomatas.
Acto solemne do baptismo, no momento em que a esposa do consul portuguez quebra a garrafa de *champagne* no costado do navio.

ACTUALIDADES

SENHORA DA AGONIA

MAL que chega o julho, quando sob as latadas o *pintor* começa a sua tarefa de colorir, bago a bago, os grandes cachos de verde e nos campanarios, como certo signal de festa proxima, as bandeiras alegremente fluctuam, uma grande, uma desusada animação palpita nos povoados e nas balseiras aonde ri a madre-silva, os melros e os rouxinoes accommodam-se para vêr passar as esturdias ruidosas que seguem dizendo em seus cantares, levemente repassados d'uma doce melancholia, das esperanças que as anima ou dos amores que as enfeitam.

Rara é a semana que n'estes dois mezes de julho e agosto deixa de contar o seu dia santo dispensado, mas que o lavrador respeita, presando as suas boas relações com a côrte celestial acima das inconvenientes modificações dos kalendarios modernos. Não o marca a folhinha, é certo; mas lá o está annunciando, ao dia santo, o *Zé*



AS FESTAS DA AGONIA EM VIANNA DO CASTELLO

A FEIRA

Pereira, que echôa pelas quebradas como o ribombar de trovoadas longinqua; e ainda para confirmar o extranho e atroador signal de festa ao santo ingratamente dispensado, a espaços um foguete sobe rapido furando o azul, uma pequenina nuvem fórma-se de subito e as tres respostas do estylo estrondeiam lá no alto, seguidas do tiro de dynamite, que é em pyrotechnica aperfeiçoada um imperioso ponto final no alegre aviso. Então, pelas noutes quentes ou nas madrugadas claras, em dias santificados oficialmente, ou por conta propria, bandos e bandos de romeiros enchem os atalhos, povoam as estradas, o do violão á frente vibrando as cordas no fandango conhecido, dois ou tres pares sapateando na poeira dos caminhos, a compasso, mas avançando sempre, sob a scintillação das estrellas, ou alagadas da forte caricia do sol ardente. E de romaria em romaria, de estrada em estrada, esmola n'este prato, azeite ou cirios áquella virgem que as preces attendeu na hora afflictiva d'uma doença grave, ou em qual-quer outro transe difficil, assim despreoccupadamente o duro fardo da existencia o povo das aldeias vae arrastando entre duas canções, apenas interrompidas pelo murmurio das resas.

*

* * *

Das romarias minhotas, por sem duvida que é das mais concorridas e das que mais risonhos aspectos offerece ao forasteiro, a da Senhora da Agonia, n'esta formosissima cidade de Vianna do Castello, que se revê *coquette* nas

aguas limpidas do poetico Lima. Tres dias dura a festa; tres dias que passam rapidos, mal podendo o forasteiro repartir o tempo nas diversões que se succedem. Dias antes, já de todos os pontos do districto e até da Galliza, os romeiros chegam. Deixam os comboyos centenares de passageiros na gare da cidade; pelas estradas, n'um curiosissimo desfile, rodam as carriolas de todos os tamanhos, de todos os feitios, verdadeiras pinhas humanas que em milagroso equilibrio, de longes terras aqui veem parar. Completando a animação do conjunto, carregados de romeiros, pelo rio deslisam as compridas barcaças ao forte impulso das varas que os barqueiros a meudo encostam aos peitos robustos. Toda esta multidão se acotovella, cantando, rindo, praguejando, invadindo as lojas, formando grupos em alegres descantes e dansas de roda, estendendo-se pelo escadurio do real sanctuario, cumprindo no templo as devotas promessas, ou tomando na praia os seus banhos de mar,—á razão de tres ou quatro por dia, para que ao termo da festa haja um total de doze a quinze banhos tomados sem perda de tempo e economia importante...

De rua em rua, de praça em praça, dançando ao som das gaitas de folles que dois gallegos de fama sopram a



A DANÇA DOS «GIGANTONES E CABEZUDOS» I

primor, os *gigantones e cabezudos* põem n'esta minhota romaria uma nota original que muito deleita e atrai o povo que os acompanha n'esse passeio triumphal pela cidade em festa. Vem a usança, dos povos da Galliza e sem difficuldade aqui foi adoptada. Tres dias dura o reinado d'estes famosos manequins; mas tres dias d'um successo inequalavel, que bem lhes compensa o ostracismo a que são votados no resto do anno.

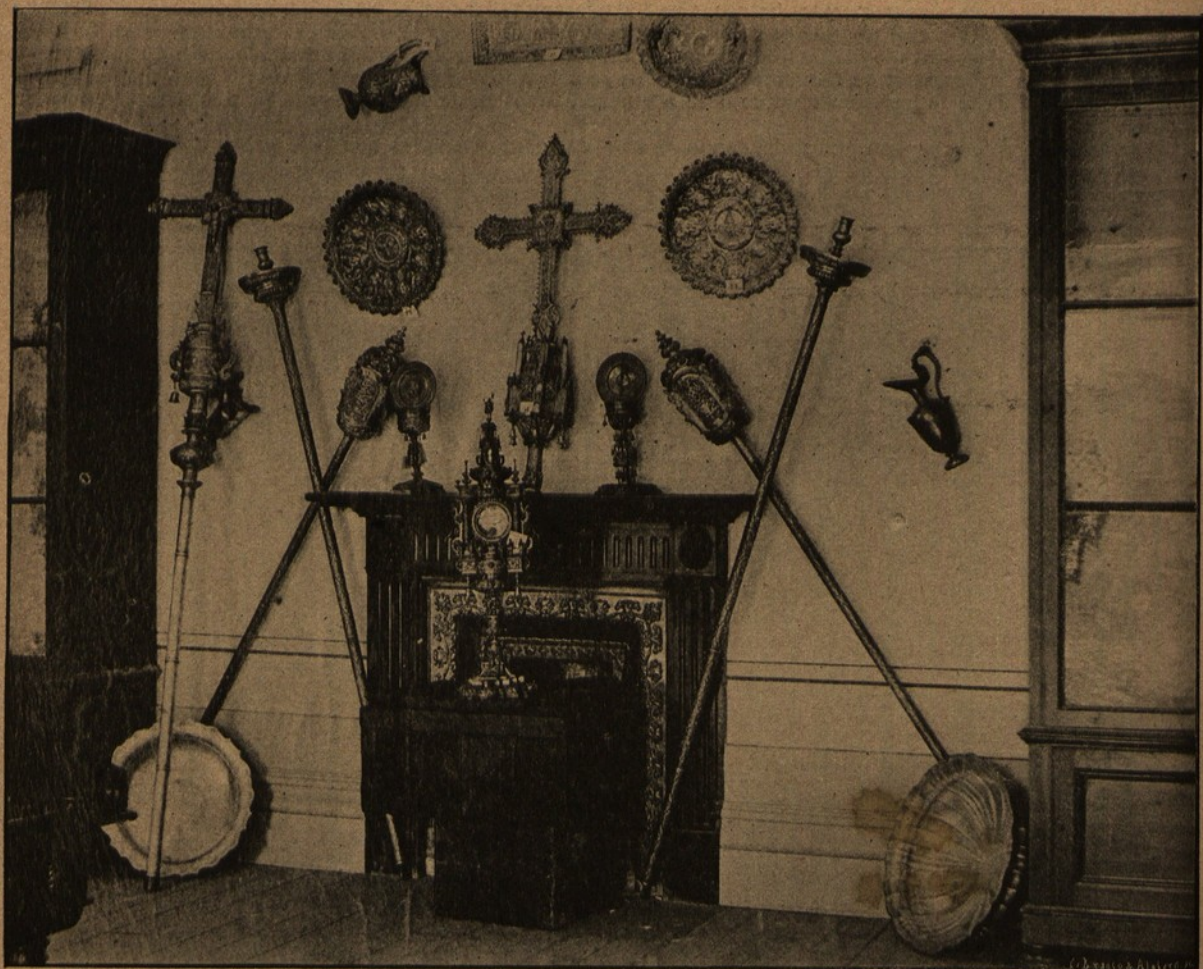
Dos *gigantones*, a femea tem um sorriso permanente e animador como de resto convém a soberanas a quem muito importa a popularidade. Elle, é mais concentrado, mais grave, quasi constringido na sobrecasaca alvadia de larga banda de velludo aonde uma flôr garridamente de-taca. Os *cabezudos*, de parceria com os palhaços, formam a extravagante côrte d'estes estrangeiros foliões, um tanto intrusos nos costumes nacionaes, mas... bons manequins de pasta colorida com muito feitio e pouco peso como convém a esturdios que se prezam.

Além d'esta exhibição, que é do povo e para o povo, bem como a feira franca e as solemnidades religiosas, fogos de artificio e illuminações, outras diversões, regata, corridas velocipedicas, exercicios natatorios, grandes festivaes nos jardins publicos e a notavel exposição d'arte ornamental, offereceram aos forasteiros que visitaram este anno a princeza do Lima, singulares attractivos que sem duvida os deixaram bem impressionados, e portanto saudosos das horas aqui passadas.

No seu Real Sanctuario, dominando o largo mar, dominando a risonha paysagem, a vegetação luxuriante, pelo meio da qual caprichosamente se desenrola e espreguiça o Lima, no seu rendilhado altar a Virgem d'Agonia a todos acolheu, envolta no seu manto azul, da côr azul do ceu aonde sobem dia a dia as commovidas preces dos seus fieis. Recebeu-lhes os votos, acceitou-lhes as promessas, piedosamente insufflou aos mais fracos o indispensavel animo para as luctas da vida.

Não sei o que lhe pediu, á Senhora d'Agonia, aquella gentil lavradeira de grandes olhos claros e negras madeixas espreitando rebeldes sob o grande lenço de côres hilariantes; mas, porque a vi mais tarde tomando alegre parte na ruidosa companhia de regresso á aldeia, calculei que a esperanza cantava já no seu coração ainda agora angustiado, talvez, por dilacerante incerteza...

Povo singular, que a existencia atravessa, cantando sempre ! Ergue-se, mal apagada ainda a scintillação da ultima estrella, sorri á aurora que ao longe clareia o horisonte e a dura faina inicia mandando ao céu uma canção vibrante. Labuta o dia inteiro, rasga a terra fumegante, passa entre a ondulação dos milhares na cuidadosa monda, poda, ageita as varas das latas sorrindo á promessa, ensacca as pinhas que mais tarde vão crepitar na lareira, junta em altas mólhadas a caruma que o chão dos pinhaes tapeta, ceifa o centeio, pisa a uva, aproveita, emfim, os



A EXPOSIÇÃO D'ARTE ORNAMENTAL EM VIANNA — ASPECTO D'UMA DAS SALAS

beneficios da natureza e quando o *Angelus* se annuncia nos campanarios das aldeias e a noite desce o seu veu plumbeo, envolvendo amorosamente a paysagem, concluida a faina, pelas estradas em fóra de regresso ao lar, ou nas esfolhadas ao luar pallido, ainda e sempre a canção predilecta vibra melancholicamente,— queixas das illusões perdidas, esperanças sorridentes, preces á Virgem que no alto céu para, occulta nas largas dobras do seu longo manto azul.

Bom povo, alegre povo ; que a Senhora d'Agonia te proteja e inspire !

Vianna, 1896.

LUIZ TRIGUEIROS.

Rectificações

Por um descuido de revisão, facil de desculpar n'um jornal como o nosso, de uma tão difficil elaboração, dissemos no nosso numero passado que a *Maquette* do tumulo que vae ser erigido no cemiterio dos Prazeres a Oliveira Martins pertencia ao distincto escultor Thomaz Costa. Ora isto é menos verdadeiro. A *Maquette* pertence ao grande artista da *Rainha Santa*, o illustre escultor Teixeira Lopes.

Fazemos gostosamente a rectificação, tanto mais que já era essa a nossa intenção, visto termos sido nós os unicos culpados no engano.

Tambem no artigo do nosso amigo Arnaldo Fonseca sahiu a palavra *farpa* em vez de *faena*, o que transtornou um tanto ou quanto o sentido ao artigo.



PORTO — PRAÇA DA BOLSA (Photographia da casa E. Biel & C.ª)

O PASSEIO AOS LILAZES

Eu era feliz, feliz, indizivelmente feliz; estava como fascinado por uma immensa allucinação de felicidade inesperada, que transfigurava todo o meu ser, acordava e multiplicava tudo o que havia ainda em mim de bom e juvenil, isolava-me do mundo, concentrava instantaneamente a minha vida no círculo dos muros que fechavam aquelle jardim. As palavras acudiam-me aos labios ininterruptamente, incompreensíveis; a minha razão perdia-se n'uma flammeante fulguração de pensamentos.

Como é que Juliana não teria adivinhado o que se passava em mim? Como não teria comprehendido? Como não teria recebido em pleno coração o rebate da minha alegria impetuosa?

Olhámo-nos. Vejo ainda a expressão ansiosa do seu rosto, onde errava um sorriso indeciso. Disse, com essa voz velada, fraca, sempre hesitante, com a hesitação que eu já tinha notado em outras circumstancias, o que a fazia parecer preocupada em não deixar escapar a phrase que lhe subia aos labios para a substituir por uma outra, disse:

— Vamos dar uma volta p'lo jardim antes de abrir mos a casa. Ha tanto tempo que o não tenho visto tão florido! A ultima vez que cá viemos, ha tres annos, lembras-te? era tambem em abril, na semana da Paschoa...

Queria certamente dominar a perturbação, mas não o conseguia; queria certamente reprimir a effusão da sua ternura, mas não o podia. N'aquelle logar as primeiras palavras da sua propria bocca tinham começado por evocar recordações. Depois de dar alguns passos, ella parou, e olhámo-nos. Uma alteração indefinida, como se tivesse feito um esforço violento para abafar alguma coisa, atravessou seus olhos negros.

— Juliana! exclamei eu, incapaz de me dominar, sentindo surgir do mais profundo do meu coração um fluxo de palavras apaixonadas e ternas, com um ardente desejo de me ajoelhar aos seus pés sobre a areia, de lhe beijar os joelhos, o vestido, as mãos, os pulsos, furiosamente, indefinidamente.

Com um gesto supplicante fez um signal para me calar. E continuou a caminhar para uma rua do jardim, apertando o passo.

Trazia um vestido cinzento claro guarnecido de *soutaches* mais escuras, um chapéu de feltro cinzento, uma sombrinha de seda preta pespontada de flôres. Vejo-a ainda, tão elegante n'aquelle trajo de uma côr fina e discreta, andar entre os massiços de lilazes, que inclinavam para ella os seus milhares de cachos de um azul violeta.

Eram onze horas. A manhã estava quente, de um calor precoce; no azul vogavam alguns vapores de espuma. Os arbustos encantadores que tinham dado o seu nome áquella casa de campo floriam de todos os lados, eram os soberanos do jardim, formavam um bosque cortado unicamente aqui e alli por tuffos de rosas-chá e por tuffos de gladiolas. Aqui e ali, as rosas trepavam pelos troncos das arvores, escorregavam entre os ramos, recahiam em cadeias, em grinaldas, em festões, em *bouquets*; d'entre as folhas dos iris de Florença, como longas espadas esverdeadas, saham flores de um desenho largo e nobre.

Os tres perfumes harmonisavam-se n'um profundo accordo que eu *reconhecia*, porque, desde remota epoca, tinha ficado na minha memoria, tão preciso como o accordo musical de tres notas. No silencio, ouvia-se apenas o trinar das andorinhas. A casa mal se entrevia entre os cones dos cyprestes, e as andorinhas cobriam os seus ramos, como abelhas em volta de um cortiço.

Juliana affrouxou o passo. Eu caminhava ao seu lado, tão perto que de tempos a tempos os nossos cotovellos se tocavam. Ella passeiava em volta olhares attentos, como se receiasse que lhe escapasse alguma coisa. Surpreendi por duas ou tres vezes no seus labios um movimento para falar; era como que o primeiro esboço de uma palavra que ella não pronunciava.

Disse-lhe em voz baixa, tão tímido como se fallasse a uma amante:

— Em que pensas?

— Penso que nunca deveriamos ter sahido d'aqui.

— Tens razão, Juliana.

Por vezes, as andorinhas, quasi roçavam por nós, com um grito, rapidas e brilhantes como flechas aladas.

— Quanto tenho desejado este dia, Juliana! Ah! nunca saberás como eu o tenho desejado! exclamei, invadido por uma emoção tão forte que a minha voz devia estar irreconhecivel. Nunca, ouves, nunca senti anciedade igual á que me devora desde ante-hontem, desde o momento em que tu consentiste em vir. Lembras-te do dia em que, pela primeira vez, nos vimos em segredo, no terraço de Villa Oggéri, e onde nos beijámos? Eu estava loucamente apaixonado por ti, lembras-te? Pois bem, essa expectativa não é nada comparada com a de hontem... Tu não me acreditas, e tens razão para não me acreditar, para desconfiar. Mas quero dizer-te tudo, contar-te os meus soffrimentos, os meus receios, a minha esperança. Oh! eu bem sei que os meus soffrimentos são bem pouco comparado com o que te tenho feito soffrer. Bem sei, bem sei, todas as minhas dôres não valem a tua dôr, não valem as tuas lagrimas. Não expiei ainda a minha falta e não sou digno de ser perdoado. Mas dize-me, dize-me o que devo fazer para que me perdões... Tu não me acreditas; mas eu quero dizer-te tudo. E' a ti, a ti só que eu tenho verdadeiramente amado; é a ti só que eu amo. Bem sei, bem sei que os homens dizem estas coisas para obterem o seu perdão e tu tens razão de não me acreditar. Mas vê: se reflectires no nosso amor de outr'ora, se reflectires nos nossos tres primeiros annos de ternura nunca desmentida, se te recordas, se te recordas, vê, não é possível que te recuses a acreditar-me. Mesmo nos meus peiores aviltamentos, tu devias ser para mim inolvidavel; e a minha alma devia voltar-se para ti, devia procurar-te, devia chorar te, sempre, ouves, sempre. Tu mesma não notavas isto? Quando eras para mim uma irmã, não te succedia algumas vezes notar que eu morria de tristeza? Juro-te, longe de ti, nunca senti uma alegria sincera, nunca tive uma hora de completo esquecimento. Nunca, nunca, juro te. Tu eras a minha adoração constante, profunda, secreta. A melhor parte de mim mesmo tem sido sempre tua, e ha uma esperança que nunca se extinguiu em mim: a de me libertar do meu mal e de encontrar intacto o meu primeiro, o meu unico amor... Ah! Juliana, dize me que não tenho esperado em vão!

Ella caminhava com uma extrema lentidão, com os olhos no chão, excessivamente pallida. Uma pequena contractão dolorosa apparecia por momentos ao canto da sua bocca. E porque ella guardava o silencio, comecei a sentir no fundo de mim mesmo uma vaga inquietação. Um mal estar oppressor começou-me a vir d'aquelle sol, d'aquellas flores, dos gritos d'aquellas andorinhas, de toda aquella estridula alegria da primavera triumphante.

— Não me respondes? continuei pegando lhe na mão. Não me acreditas; perdeste toda a confiança em mim; receias ainda que eu te engane; não ousas tornar a ser minha, porque pensas sempre na *outra vez*... Sim, é verdade, foi a mais brutal das minhas infamias. Arrependo-me como de um crime, e, nem mesmo que tu me perdoasses, nunca eu poderia perdoar-me a mim mesmo. Mas não viste que eu estava doido? Uma maldição me perseguia e desde esse dia, nunca mais tive uma hora de descanso, nunca mais tive um intervalo de lucidez. Não te lembras? Tu sabias decerto que eu estava fóra de mim, n'um estado de loucura, porque olhavas para mim como quem olha para um alienado. Quantas vezes surpreendi no teu olhar uma grande compaixão, uma curiosidade e um receio! Não te lembras do meu estado? Estava irreconhecivel... Pois bem, estou curado, salvei-me para ti. Consegui abrir os olhos, consegui vêr a luz. Fez-se emfim a luz. E' a ti, a ti só que eu tenho verdadeiramente amado na minha vida, é a ti só que eu amo. Ouves?

(Do romance o *Crime*, a sahir do prelo).

GABRIEL D'ANNUNZIO.



NA PRAIA DA POVOA DE VARZIM — (Desenho de João Vaz)

AS PRAIAS

POVOA DE VARZIM



A PRAIA DO PESCADO

E o caravansará dos habitantes do Minho em uso de banho ou de ar do mar. Nenhuma ou'ra praia offerece tão variada concorrência. Em agosto e setembro a Povoação converte-se em uma enorme estalagem com quartos a todo o preço, em que se albergam osromeiros de todas as gerarchias, desde o mendigo legendario, o mendigo dos melodramas e das feiras minhotas, de mulletes, de alforge ao pescoço e de grandes barbas esqualidas, até o poderoso commendador brasileiro, de camisa de bretanha anilada como um retalho de ceu pregado no peito com um brilhante.

A rua da Junqueira — principal arteria da povoação que liga a praça (em que se acha a casa da camara, a administração e o mercado, com a praia — está desde pela manhã cedo até alta noite cobalhada de moscas e de gente.

As moscas cobrem os muros, as humberias das portas, as vitrines e os mostradores das lojas, n'uma immobillidade, n'um goso, n'um extasi que impressiona particularmente os forasteiros. As superficies que as moscas deixam devolutas são occupadas pela gente. Quando um viajante chega, com a sua mala, ergue-se no ar uma nuvem negra que scintilla e que zumba: são as moscas que se deslocam e procuram apertar-se um pouco mais para dar logar ao adventicio. Outras vezes é a gente que encurta o passo, que se condensa, que se enovella: n'estes casos é uma nova mosca que chega e sollicita o seu logar na rua. Dá-se-lhe o espaço preciso para ella se estabelecer e a circulação dos viandantes regularisa-se e prosegue.

Vê-se o pequeno lavrador que desceu dos montes para banhar as suas enfermidades. Traz um lenço na cabeça, por baixo do chapéu, atado ao queixo, amplas chinellas de couro crú, longo capote de cabeções. Mulheres de pés nus, com as saias de baeta pelos hombros, as mãos crusadas no estomago, o cabello curto cahido n'uma sanefa sobre as sobranceiras. Os morgados ruraes, de botas de montar e esporas, jaqueta de astrakan, alta chibata de marmeleiro. As senhoras provincianas com as suas boas côres sadias, os seus bons dentes brancos, as suas

fortes boccas vermelhas, luvas de fio de Escocia aperçadas com cordões de seda azul e cuias de retroz em rolo inteiriço, enroscado como o chouriço de sangue, ou dividido em secções como um cachô de murellas de Arouca, preso á nuca com dois pregos de cabeça de tartaruga. Todos os juizes, todos os delegados, todos os presidentes de camaras das comarcas e das mu-



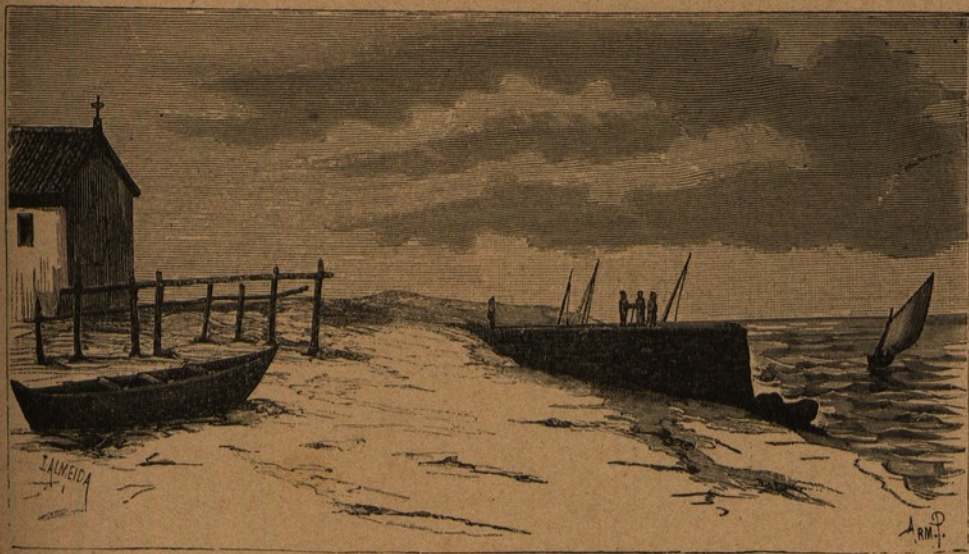
CATRAIA POVEIRA

Localidades circumvisinhas. O *sport* de Braga, com os seus bigodes espessos e brilhantes, os seus chapéus á moda e as suas esporas de prata tilintando na laje das calças. O *high-life* de Guimarães, de Fafe, dos Arcos, de Santo Thyrsó, de Villa Nova de Famalicão, de Barcellos, ostentando novas *toilettes* esmeradas, imitadas dos últimos figurinos com as devidas modificações exigidas por um bom entendido espirito de conciliação entre a novidade de Paris e as tradições e as conveniências locais dos respectivos meridianos. Os jogadores de toda a provincia e de outros pontos do reino com as palpebras inflamadas pela acção do gaz e do petroleo, com a sua pallidez oleosa como se fosse tratada pelas exhalações da terebentina ou como se se lhes tivesse congelado na face o gorduroso vapor das batatas.

Entre esta multidão que permanece na Povoia durante um, dois ou tres mezes, figuram ainda os *touristes* que fazem a viagem circulatoria do Minho e se demoram poucos dias, os visitantes do Porto que chegam nos domingos com os seus bilhetes de ida e volta.

A mais interessante e a mais importante curiosidade da Povoia é o pescador poveiro.

O poveiro constitue uma raça perfeitamente especial na população do nosso littoral. Inteiramente differente dos typos gregos, finos, magros, elegantes, de perfis aquilinos, dos varinos, dos celebres pescadores de Ovar e de Olhão, o poveiro tem o typo saxonio. É ruivo, de olhos claros, largos hombros, peito athletico, pernas e braços herculeos. As feições são arredondadas e duras. As boccas dos velhos quando perdem os dentes alargam-se extremamente na direcção das orelhas e dão-lhes ao perfil uma certa similhaça com os jacarés. Teem uma força prodigiosa. Ha tempos um poveiro ainda moço foi capturado em consequencia de um pequeno disturbio n'uma taberna. Mettido pela primeira vez da sua vida na cadeia, onde devia passar vinte e quatro horas, sentiu uma sau-



PAREDÃO DA PRAIA

de irresistivel da liberdade e fez o seguinte : agarrou a grade com os seus fortes pulsos, arredou um dos varões de ferro para o lado opposto, e pelo espaço aberto foi-se embora para casa.

Eu mesmo conheço um já velho, que o vicio da embriaguez fez expulsar successivamente de todas as companhias. Um amigo meu, José Falcão, deu-lhe um bote e umas redes. Elle só, constitue a tripulação d'este barco ; elle só, lança e recolhe as redes ; elle só, dirige a embarcação no mar alto ; elle só, á força de remos, a arranca da praia e lança ao mar nos dias em que a maré rebenta com mais impeto na costa. Quando vae embriagado para o mar, o que muitas vezes lhe succede, chora de entusiasmo no meio da borrasca e faz discursos patheticos ao oceano. Os seus confrades teem-o visto só no meio dos vagalhões, em pé na sua pequena barca, bater no peito e hirsuto com o punho cerrado e exclamar trovejantemente : — Eh ! mar ! . . . aqui agora é nós dois, tu e eu ! Tu com as tuas ondas, eu com os meus protectores : Deus e o sôr José Falcão !

Quando o mar se levanta repentinamente, todos os barcos ancorados na praia são varados na areia á força de remos por homens e mulheres. As embarcações, grandes lanchas algumas d'ellas, são encalhadas a remos. Uma vez na areia homens e mulheres, mettidos na agua até á cinta, encostam o hombro ao barco e fazem-o subir na praia até dez ou quinze metros acima da lingua da maré. E' n'estes duros exercicios que se pôde apreciar a extraordinaria força muscular d'esta raça privilegiada. Velhos de sessenta a oitenta annos, de cabellos brancos e olhos cahidos na testa, a camisa desabotoada, o peito mordido pelo sol e pelo vento do mar, a pelle vermelha, enlameada, com reflexos metallicos como uma folha de vinha no outono, acocoram-se debaixo da pôpa de uma lancha, fincam os pés na areia e impellem com as costas, desenvolvendo a maior força de que pôde dispôr a columna vertebral, um peso de esmagar um homem vulgar. N'essa attitude, com as clavículas descobertas, os braços e as pernas nuas, de uma riqueza, de uma amplidão, de uma perfeição muscular que eguala as mais vigorosas anatómicas de Miguel Angelo, os poveiros são verdadeiramente bellos, de uma belleza titanica.

O traje de que usam contribue para fazer realçar o aspecto da sua forte corpulencia. De uma especie de grossa flanela branca, fabricada na Covilhã e chamada *branqueta*, trazem umas amplas pantalonas largas até o tornozello do pé, camisa egual, cinta de lã preta, barrete encarnado, de grande manga, cahido quasi até á cinta, e, lançado ao hombro, um jaquetão de grosso panno azul, que se não veste senão quando chove. Nada mais simples, mais confortavel e mais commodo para um homem do mar.

Para os trabalhos da pesca arregaçam as mangas até o hombro, arregaçam as calças até o alto da perna, e ficam quasi nús como os athletas.

Scenas da Rua



TOUREIROS

SEBASTIAN SILVAN Y GONZALEZ (*EL CHISPA*)



E' um artista modesto e sobremaneira agradável, o que lhe tem valido não só a amizade de quantos com elle tratam particularmente, como do publico que reconhecendo-lhe essas qualidades lhe tem dispensado innumeradas sympathias. Recordam-se por certo os nossos leitores da tarde de 22 de outubro de 1895, em que elle toureou na praça do Campo Pequeno, passando de *muleta*, e de *capote*, com graça e arte inexcitáveis, pondo bellos pares de bandarilhas com muita elegancia e perfeição desusada, e simulando a sorte de morte por uma forma magistral.

Sebastian Silvan *El Chispa*, tem 27 annos de idade, é filho de lavradores abastados e nasceu em Almorox, provincia de Toledo.

Aos 10 annos, mostrava taes aptidões para a lide, que tomou parte em diversas *capeas*, que se promoviam nas povoações visinhas. Apesar dos elogios, que todos lhe faziam, pelo seu arrojo e sangue frio, seus paes estavam desgostosos.

Ainda continuou algum tempo a tourear em contraposição com a vontade de seus paes, que mais tarde conseguiram collocar-o n'uma casa de modas em Madrid. Era grande a aptidão que mostrava para a carreira commercial, sendo sempre muito estimado pelos principaes negociantes.

Pretextando conveniencias de familia, retirou-se para a sua terra, onde a par dos seus labores agricolas ia cultivando com amor a arte do grande Montes.

N'uma corrida em que tomou parte em Cadalso de los Vidrios, querendo livrar um aficionado que já estava *empitonado* por um dos touros, de tal maneira entrou aos *quitrões*, que, comquanto lograsse o seu intento, saiu-se do seu arrojo com duas graves cornadas, que o deixaram prostrado por algum tempo.

Logo que se achou melhor, partiu para Andaluzia, e ahi, obteve a protecção do reputado *ganadero* D. José Orozco, que lhe facultou os seus *cercados* para se ensaiar juntamente com outros principiantes. Mais tarde fez uma *tournee* pelas provincias de Cordoba, Sevilha e Cadiz, sendo sempre bem recebido pelo publico que o considerava um primeiro *novilheiro*.

Trabalhou depois em Madrid e em diversas praças de importancia com bandarilhas ás ordens de *Ecijma*, *Pepete*, *Valladolid*, *Manchynito* e *Villarillo* e outros *espaldas*, sendo tão applaudido que depressa se tornou conhecido.

Chispa, trabalhará hoje no Campo Pequeno. Como da mais vezes, estamos certos, saberá captar as sympathias geraes pela sua apparencia agradável e pelas suas maneiras cordeaes.

COISAS UTEIS

O QUE SE DEVE JANTAR

(Vidé n.º 2 e seguintes do nosso Jornal)

DOMINGO. — Sopa de rabo de boi. Frituras de vitella. Cherne cozido. Pato com arroz. Feijão carrapato guizado. Carlota Russa.

SEGUNDA FEIRA. — Sopa de letria. Pastellinhos de carne de vacca. Salmonete grelhado Abobora guizada. Carneiro assado com salada de chicoria. Compota de peras.

TERÇA FEIRA. — Sopa de purée de ervilhas. Filetes de pescada com molho de tomate. Coelho guizado. Pastelão de carne crua com macarrão. Salada de feijão verde. Doce de grão.

QUARTA FEIRA. — Sopa de perolas de Nizon. Linguado frito. Mãos de vitella com ervilhas. Perdiz estufada com arroz. Esperregado de espinafres. Crême de cha.

QUINTA FEIRA. — Sopa de cabeça de vitella. Frituras de miolos. Linguado cozido com molho branco. Perú assado no espeto com salada de alface. Esperregado de nabijas com ovos cozidos. Pudim de tapioca.

SEXTA FEIRA. — Sopa de feijão carrapato melão. Filetes de linguado com molho de azedas. Pargo á Bcebramel. Mayonnaise de lagosta. Frituras de maçãs.

SABBADO. — Sopas de pão com grãos. Carne cozida com arroz e hortaliças. Eiroz grelhada. Frango assado. Abobora com molho branco. Letria cozida em leite.

SECÇÃO RECREATIVA

PASSATEMPO

— Tres homens encontraram-se n'um dado momento com as suas respectivas mulheres á beira d'um rio. N'este ha um bote, sem barqueiro, onde cabem apenas 2 pessoas. Querem transpôr o rio; mas como os homens são extremamente ciumentos, nenhum permite que a respectiva mulher esteja ao pé d'um ou dois homens sem que elle proprio esteja ao seu lado. Assim um homem não pode estar n'uma margem com 2 mulheres, ainda que uma d'ellas seja a sua, se o marido da outra não estiver ao pé; não pode uma mulher, abandonando o marido n'uma margem, e mettendo a no bote, ir atracar á outra margem onde estivesse um homem.

Pergunta-se :

Este transporte, que deve ser feita em 6 viagens, como se leva a cabo ?

MANUAL DE ESGRIMA

PELO PROFESSOR

A. D. PINTO MARTINS

1 Volume com 65 desenhos de Bordalo Pinheiro, broch. 800 rs. Enc. 1\$000 rs.

Ultimas novidades litterarias

Os noivos, romance de Teixeira de Queiroz, nova edição, inteiramente re-fundida, 2 vol. com o retrato do auctor, br. 1\$000 rs. Enc. 1\$400 rs.

Convicções, estudos e leituras, por Henrique de Barros Gomes, 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

O velho thema, drama em 5 actos, de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 400 rs.

Pelo mundo fóra, por Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1 vol. br. 500 réis. Enc. 700.

Versos, de Carlos de Pina Machado, 1 vol., com uma carta posthuma de João de Deus e o retrato do auctor, br. 600 rs.

A rir e a serio... por Alberto Bramão, 1 vol. br. 500 rs. Enc. 700 rs.

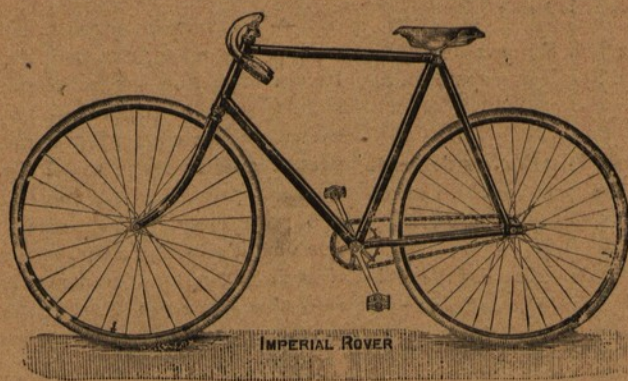
Na Azenha, contos de Marcellino Mesquita, 1 vol. br. 500 rs.

Velocipedia prática, por D. Miguel de Alarcão, 1 vol. com desenhos explicativos, br. 300 rs. Enc. 500 rs.

EDITOR: — ANTONIO MARIA PEREIRA

IMPERIAL ROVER

Pecam catalogos illustra-
dos das "Rovers"



Fortaleza, elegancia,
ligeiriza

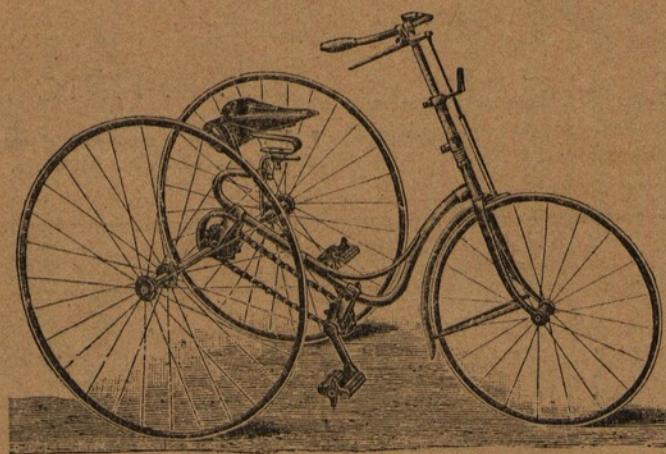
Esta marca está causando uma certa revolução no meio velocipedico, porque ainda não veio ao mercado até hoje uma machina de melhor seguimento, reunindo um acabamento escrupuloso e uma solidez sem igual.

CASA FAVORITA

50, Praça dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Tricycles para creanças de ambos os sexos para a idade de 4 a 12 annos

Estes tricycles são ni-
ckelados em parte, e têm
travão e rodas com caute-
chut.



Ha tricycles para adul-
tos bem assim para se-
nhoras, em grande sorti-
mento.

Não ha melhor divertimento para as creanças do que um velocipede!

CASA FAVORITA

50, P. dos Restauradores, 52 (Avenida da Liberdade) — LISBOA

Pecam catalogos a esta casa



Velocipedes
para rapazes de 4
a 12 annos



Pedidos só a esta casa

Grande deposito de velocipedes e n todos os generos — CASA FAVORITA de F. Santos Diniz, Praça dos Restauradores, 50, 52, Avenida da Liberdade — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA